



Universidade Federal de Campina Grande  
Programa de Pós-Graduação em História  
Dissertação de Mestrado

*A Livraria Pedrosa - Casa do Saber:  
A emergência de uma cidade Letrada e de Leitores*

Fernanda Pires da Costa

Campina Grande

2012

**Fernanda Pires da Costa**

*A Livraria Pedrosa - Casa do Saber:  
A emergência de uma cidade Letrada e de Leitores*

Dissertação apresentada como requisito parcial para a  
obtenção do grau de mestre.

Programa de Pós-Graduação em História

Linha de Pesquisa: Cultura, Poder e Identidades

Orientador: Professor Dr<sup>o</sup>. Iranilson Buriti

Campina Grande,

2012



FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCEG

C8371

Costa, Fernanda Pires da.

A livraria Pedrosa – casa do saber: a emergência de uma cidade letrada e de leitores / Fernanda Pires da Costa. – Campina Grande, 2012.  
103 f. : il. Color.

Dissertação (Mestrado em Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

"Orientação: Prof. Iranilson Buriti".  
Referências.

1. Livraria Pedrosa. 2. Leitores. 3. Campina Grande. I. Buriti, Iranilson.  
II. Título.

CDU 655.421(813.3)(043)

**Fernanda Pires da Costa**

*A Livraria Pedrosa - Casa do Saber:  
A emergência de uma cidade Letrada e de Leitores*

BANCA EXAMINADORA

---

Profº Dr Iranilson Buriti de Oliveira ( PPGH-UFCG)

---

Profº Dr. Antonio Carlos Ferreira Pinheiro (PPGE-UFPB) examinador externo

---

Profª Dra. Erônides Câmara (PPGH-UFCG) examinadora interna

Campina Grande,  
2012.

*Sofia.*  
*Para sempre.*

## Agradecimentos

Fim de 2009 foi para mim ano de muitas mudanças, tanto na minha vida pessoal como na profissional

Agradeço a toda a turma do mestrado 2010.1, aos professores que compõem o programa e ao PPGH- UFCG especialmente aos que compõem a secretaria, Arnaldo e Felipe, se não fossem eles.....

Ao meu orientador, Prof ° Iranilson Buriti, com seu talento, seu rigor historiográfico, e suas experiências, fez-me apreender a lidar com as pessoas dia após dias. Sua família que em momentos me acolheu para a escrita.

Agradeço com muita gratidão à família Pedrosa, família essa que me possibilitou o trabalho, a pesquisa, as entrevistas; Verônica Pedrosa, Mônica Pedrosa, Antônio Pedrosa, Arlindo Pedrosa, Marlize Pedrosa, Ritinha Pedrosa, Pedrosinha, João Pedrosa. Em especial Arlindo Cavalcanti Pedrosa Filho, que facilitou junto a mim para a confecção desse trabalho. Que ouviu meus medos e anseios por tanto tempo e muitas vezes teve raiva também.

Agradeço a minha família, ao meu pai Antônio Costa, aos meus irmãos; Antônio Henrique e Cristine Pires, a minha madrastra Inacilda, que não acompanharam o desenvolvimento do trabalho, mas esse mestrado possibilitou o pensar, permitindo assim a aproximação depois de 27 anos. Aos meus tios; Antônio de Pádua, Tia Ana Maria, às minhas primas Elis Goes e Natalia Goes. Sem vocês nada restaria de mim. Amos vocês.

Às minhas amigas, Paloma Porto, Mariana Marques, Karina Souto, Iane Caroline, Gimária, Himária, Elton, Neide, Cibelle, Welton, Bruno Gaudencio, Vanessa Almeida, Lucas Bezerra, Giscard Farias, Surama, Débora, Márcia Honorato e todos aqueles me acompanharam durante graduação e mestrado.

À Sofia, minha princesa. A experiência mais marcante e significativa destes dois anos. O nascimento de minha filha, Sofia Pires Pedrosa. Nela encontrei força para nunca desistir, para lutar por algo sempre melhor. Através dela encontrei a minha família, a minha menina, a minha princesinha. A experiência da maternidade foi o acontecimento mais significativo nesses últimos dois anos de minha vida. Uma experiência que me modificou profundamente, me tornou uma pessoa melhor, mas responsável, mas sensível. Este trabalho que hora termino foi feito para ela, por ela. Sofia minha maior inspiração, a cada linha escrita, a cada capítulo concluído. Sofia

em minha vida foi um impulso para mover a buscar minha melhora profissional, como pessoa e como mãe. Minha princesa eu te amo e este trabalho leva a sua marca da primeira a última palavra escrita.

## Resumo

A livraria Pedrosa foi inaugurada em 1953, destacou-se na história cultural de Campina Grande como sendo uma livraria dedicada à venda de livros – didáticos e universitários – na Paraíba. O livreiro José Pedrosa possibilitou o acesso à cultura letrada em Campina Grande, através das estratégias de comércio e sortimentos. No primeiro capítulo, busca-se associar a trajetória da Livraria Pedrosa às transformações ocorridas em Campina Grande nas décadas de 1950 e início dos anos 1960. Na rua Maciel Pinheiro o estabelecimento livresco assistiu ao fortalecimento da presença de sujeitos sociais campinense que adquiriam sua distinção, os letrados, o frequentador de livrarias, ‘os filhos do século das luzes!’, ‘os filhos da grande nação!’<sup>1</sup>, e o estreitamento dos laços nas redes de sociabilidades intelectuais da cidade. No segundo, através dos registros nos jornais e as propagandas da Livraria Pedrosa nos jornais Diário da Borborema e O Rebate, busca-se pensar, como foram gestados os hábitos da cultura letrada em Campina Grande, costumes estes que, mais tarde, na década de 1950, já naturalizados e imperceptíveis, fariam da Livraria Pedrosa com o Edifício do livro um dos principais pontos de difusão do livro e da leitura na cidade.

Palavras-chave: Livraria Pedrosa, Campina Grande, leitura

---

<sup>1</sup> Jornal O Rebate, 04/10/1949, p.08. Notícia com objetivo de chamar, estimular os jovens a instruírem-se, a ler. A Livraria Pedrosa se desempenhava a naturalizar o hábito da leitura nos jovens, para isso utilizava poema e citações de Castro Alves, vinculava a instrução ao desenvolvimento e progresso do sujeito e da cidade. A Livraria Pedrosa utilizava mecanismos para a construção de uma cidade de letrados e produção de homens de letras.

## Abstract

The bookstore Pedrosa was inaugurated in 1953, excelled in the cultural history of Campina Grande as a bookstore dedicated to the sale of books – textbooks and University-in Paraíba. The bookseller José Pedrosa made access to the literate culture in Campina Grande, through the trade strategies and assortments. In the first chapter, we seek to associate the trajectory of the bookstore Pedrosa at transformations in Campina Grande in the 1950 's and early 1960. In the bookish Maciel Pinheiro Street establishment watched the strengthening presence of social subjects who acquired their distinctness, campinense the literati, the frequenter of bookstores, ' the children of the age of enlightenment! ', ' the children of the great nation! ', and the closer ties in networks of sociabilities intellectuals of the city. In the second, through the records in the newspapers and advertisements of the bookstore Pedrosa in the newspapers Diário da Borborema and the Rebate, thinking, as were generated the habits of literate culture in Campina Grande, these costumes that, later in the Decade of 1950, imperceptible and already naturalized, they would Pedrosa bookstore with the building of the book one of the main points of dissemination of books and reading in the city.

Keywords: Bookstore Pedrosa, Campina Grande, reading

## Sumário

Introdução – Porque todo início tem um começo	10
Capítulo 1: Campina Grande: A emergência de uma cidade letrada	23
1.0 Na alma das ruas, outras almas: Construção do Edifício do Livro.	39
2.0 Um tesouro que esconde letras	45
Capítulo 2: Campina Grande : A emergência de uma comunidade de leitores	55
3.0 Se não tiver na estante, Seu Pedrosa acha.	63
4.0 Café com palavras, livros, escritos e bebidas	67
Últimas Páginas	92
Abreviaturas	96
Lista de fotografias	97
Referências Bibliográficas	99

## Introdução

Porque todo início tem um começo...

Numa tarde fria no inverno do ano 2008, lembro-me bem. A Universidade Federal de Campina Grande estava alagada de tanta chuva. Os alunos correndo para não se molharem, a água *“dava na canela”*. As mulheres, algumas, preocupadas com a escovinha ou chapinha no cabelo, os homens em não se molhar. Era uma chuva forte, um frio intenso, uma névoa cinza no céu. Ao cair da tarde o frio intensificava-se. As roupas, meias, casacos pareciam não servirem mais. Lembro muito bem, era mês de maio.

Nesse período de inverno sempre levava na bolsa uma meia para aquecer os pés do frio. Meus dedos principalmente dos pés pareciam petrificados de tanto frio. Transparentes, com as veias visíveis à distância. Parecia uma criatura alienígena!

Cursando a disciplina História Contemporânea I com o Prof<sup>o</sup> Dr Alarcon Agra do Ó, época bastante fria, com livros e bolsa nas mãos, uma jaqueta jeans me acompanhava nesses dias de inverno. Nem servia muito para aparar o frio, mas levava. Fui conversar com o mesmo, uma pessoa extremamente inteligente, que carrega consigo uma maturidade intelectual não condizente com a sua idade. Isso quer dizer que seu conhecimento é tão grande que parece ser mais maduro, com uma bagagem intelectual exacerbada. Mas ele realmente é muito competente, o que tem de sábio tem de *“malucão”*. *“Malucão”* no sentido de ser extrovertido demais, sempre apressado, correndo, falando rápido e andando mais ainda. De cabeça baixa pelos corredores da Universidade. Mas de uma sensibilidade extraordinária. Percebe em poucas palavras as inquietações e tenta na maioria das vezes saná-las. Com ele tinha um projeto de pesquisa na área do envelhecimento. O projeto era sobre a Doença do Alzheimer, fazendo uma discussão do medo do homem moderno de se tornar senil.

Na sala de coordenação do mestrado PPGH, na época ele era coordenador do programa, começamos um diálogo informal. Conversando sobre a família do meu noivo (na época), a Família Pedrosa. Despertou-o a curiosidade sobre a Livraria Pedrosa, os irmãos Pedrosa, os livros, a leitura, a Maciel Pinheiro, as estórias do

Beco 31. Por ele ser campinense e de uma família também tradicional, os Agra, conhecia e ouvia falar dos Pedrosa.

Diante dos nossos olhos foi se construindo um objeto de estudo tão perto da minha realidade e de tão fácil acesso. A Livraria Pedrosa. As lembranças, as memórias, as conversas com Sr. Arlindo Pedrosa, pai do meu noivo (na época) iam se construindo diante de mim. Naquele dia cheguei à casa pensativa. E despertada pelas lembranças, a emergência da memória - memória individual, memória coletiva - compreende uma variedade de suportes. A xícara de café no meio da noite, para aquecer, abarcar os sentidos numa noite de pensamentos e perspectivas. As nuances de uma cidade inteira pintada com as cores da modernidade que da janela do quarto refletiam nuances de tradição.

Concidentemente dias depois da conversa com o professor Alarcon Agra, meu noivo me solicitou para que eu fosse até a “casa grande”<sup>1</sup>, situada à Av Rio Branco, 275, pois iriam colocar a casa para alugar e havia a necessidade de retirar o resto da mobília e alguns pertences da família. Estava com a posse da chave da casa já que o mesmo morava em João Pessoa. Foi morar na Capital após a triste perda de seu pai, Arlindo Pedrosa, no dia 19 de junho de 2006. Dia triste.

Chegando a casa, percebi que o jardim já não existia mais. O pé de Jasmim que tanto adorava estava seco, esturricado, quase morto. O jasmim-laranja<sup>2</sup> que duas vezes ao ano florava e exalava um perfume marcante. Um cheiro inexplicável que só quem vivenciou sabe do olfato descrito. Plantei uma muda no jardim do prédio<sup>3</sup> como recordação. Nos cômodos, na sala encontrara um casaco. O casaco do sogro morto, capaz de evidenciar a vida social das coisas ao unir roupas, memórias e dor nas dobras de tecidos, nas marcas de uso, no tato e no olfato que trazem a tona

---

<sup>1</sup> A casa grande mencionada no texto é a residência de Sr Arlindo Pedrosa. Av. Rio Branco, 275. Centro. Ganhou esse apelido pelos seus filhos por ter vários cômodos e também distinguir dos demais imóveis que a família Pedrosa tem.

<sup>2</sup> Jasmim-laranja é um arbusto grande ou arvoreta, que pode alcançar até 7 metros de altura. Característico pelo seu aroma. Muitos a amam pelo seu perfume, e outros a odeiam pelo mesmo motivo. Visite: <http://www.plantasonya.com.br/flores-e-folhagens/jasmin-conheca-mais.html> acesso em 17 de julho de 2012

<sup>3</sup> Prédio em que enquanto estive casada fez parte de minha história. Durante todo o desenrolar de meu texto estava casada e morando no prédio Edifício Porto Seguro no Bairro de Cambinha I, cidade de Cabedelo.

recordações inesperadas.<sup>4</sup> O sofá, os livros, os sapatos, o encosto da cadeira, a casa, a “cadeira do papai”, a casa da Avenida Rio Branco, 275 traduzia lembranças e a saudade de uma vida não mais compartilhada entre nós. Dentre os pertences no chão um marcador de livro verdinho com a propaganda da antiga livraria campinense – Livraria Pedrosa com o slogan *Faça do livro seu melhor amigo*, para acender as lamparinas, as ideias de um possível objeto de estudo.

Após o marcador de livro inúmeras luzes foram acendendo num dia corrido e desesperado para esvaziar rápido a casa para alugar. Num solavanco livros, bloquinhos, fotografias, cartões, jornais, notas fiscais antigas, balancetes, lista de livros da Livraria Pedrosa estavam dispostos diante dos meus olhos, num amontoado de coisas para serem jogadas e/ou ateadas fogo. Até algumas peças de louça de 1910 figuravam naquele chão, tão rico de lembranças proporcionadas por tantos antigos pertences.

Minhas pernas tremiam, um friozinho na barriga como se fosse à roda gigante. Atordoada e querendo colher todos aqueles pertences jogados ao chão, ficava pegando tudo que meus braços conseguiam segurar, enquanto que na calçada a imobiliária chamava pelo meu nome para sair da casa, com o monte das coisas “velhas” escorrendo por entre os braços.

Aquelas coisas “velhas” foram decisivas na minha vida acadêmica porque essas velharias consideradas por aqueles que não sabiam do seu valor como fonte histórica e como espaços de lembranças, fizeram me apaixonar pelo que faço. Esta dissertação de mestrado foi concebida após aquela conversa com o professor Alarcon Agra e a minha ida à casa da Avenida Rio Branco, 275, onde o livreiro e ex-combatente Arlindo Cavalcanti Pedrosa, de Campina Grande, resolveu guardar algumas recordações da Livraria Pedrosa. Muitos livros de autores campinenses, como Epaminondas Câmara, Elpídio de Almeida, Cristino Pimentel, jornais, exemplares da Revista Campinense de Cultural, escritos ordinários detrás de fotografias que lhes remetiam a alguma lembrança, a algum interesse específico foi o que começou a compor a minha pesquisa, o meu corpus documental. Segundo o

<sup>4</sup> STALLYBRASS, Peter. A vida social das coisas: roupas, memória, dor. In: \_\_\_\_\_. *O casaco de Marx: roupas, memória e dor*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. P. 9-13.

pensamento certeuniano a linguagem nomeia, classifica, rotula as coisas e pessoas. Não representando uma realidade fixa, soberana, daí a linguagem ordinária agenciada pelo sujeito comum é dotada de “jogos linguísticos”, que contam, constroem sentidos, significados para convencer e atrair novos consumidores.

O estudo sobre a Livraria Pedrosa em Campina Grande – PB foi iniciado no trabalho final de graduação no ano de 2009, intitulado *“As Vestes da Rainha: Leituras e escrituras da “civilizada” Campina (1950 -1960)*. Ele foi um tipo de iniciação do tema que através das leituras e escrituras bordadas pelos escritores campinenses através da pesquisa nos jornais: *O Rebate* e *Diário da Borborema*, na década de 1950, e nas revistas, *Revista Campinense de Cultura* na década de 60, discutimos as mudanças nas práticas culturais, particularmente as práticas de leitura e escritura, as representações sobre o moderno, o progresso e a higienização, que talvez contribuisse para a uma suposta identidade “civilizada”<sup>5</sup> dos sujeitos campinenses.

No mesmo período, em setembro de 2009, iniciei a elaboração do projeto de pesquisa para a seleção do mestrado PPGH-UFCG, intitulado: *Tecendo novos mod(o)as para “civilizar”: estudo sobre as práticas de leitura e escrita em Campina Grande nas décadas de 1950 e 1960*, que buscava investigar as práticas de leitura e de escritura apropriadas pelos sujeitos escritores que contribuíram como códigos de “civildade” durante as décadas de 1950 e 1960, discutindo as representações sobre o moderno, o progresso e a higienização de Campina Grande. O ano de 2009 foi para mim um ano de conquistas, de conclusão do curso de História e aprovação na seleção do mestrado. Novas possibilidades de estudos, amizades, conquistas e relações a serem construídas.

Algumas constatações foram fundamentais para a elaboração do projeto de pesquisa que deu origem a esta dissertação. Entre elas destacava-se à situação peculiar de Campina Grande ser considerada “inquieta por estudo” pelos

---

<sup>5</sup>Usamos o termo de “civilizada” por ser bastante utilizado nos impressos das décadas em estudo. A ideia de civilização proferida pelos discursos escritos e lidos pelos intelectuais era recorrente para a construção de identidades e significados permeando nos códigos da modernidade.

conterrâneos, como anuncia o médico pediatra Dr<sup>o</sup> Virgílio Brasileiro numa entrevista a mim concedida em colaboração com a pesquisa. A catalogação das fontes para a pesquisa nos jornais *O Rebate* e *Diário da Borborema*, na década de 1950, e na revista *Revista Campinense de Cultura* na década de 1960 foi tomando corpo. Um corpo em construção, pronto para ser desbravado e devorado pelos questionamentos da História. Até então não tem nenhum trabalho que estuda a Livraria Pedrosa de Campina Grande, é um trabalho novo que clama por leituras e escritas do espaço.

Assim todas as tardes do ano de 2009 eram destinadas as minhas idas ao museu Histórico de Campina Grande, Av. Floriano Peixoto s/n. Muitas dessas tardes em companhia da minha amiga historiadora Paloma Porto<sup>6</sup>, outras vezes, encontrava com Bruno Gaudêncio<sup>7</sup>. Na época ainda na graduação, ele pesquisando para sua monografia igual a mim. Depois nos tornamos colegas de turma durante o mestrado. Passamos na mesma seleção. Além de historiador Bruno Gaudêncio é também jornalista, dedicado e bastante disciplinado em suas pesquisas. As conversas sobre a Livraria Pedrosa, sobre os círculos literários de Campina Grande fizeram nossos objetos de estudo terem afinidades, estabelecendo assim uma troca de experiências, materiais, livros, notas, indicações de pessoas para entrevistar, uma amizade bastante salutar.

Ao longo dos dois anos do mestrado algumas etapas demandaram maiores esforços dentre os quais destacamos: o levantamento das fontes no Telégrafo, dos documentos que restaram da Livraria Pedrosa, as revisões bibliográficas realizadas acerca da História de Campina Grande nos anos de 1950 a 1960, as possibilidades de entrevistas com pessoas que viveram e frequentaram a Livraria Pedrosa, e por fim, também fundamentais, foram às disciplinas cursadas no programa de Pós-graduação.

Paralelamente ao meu percurso no mestrado no PPGH-UFCG em 2010, trabalhei na Prefeitura do Município de Cabedelo como professora da disciplina

---

<sup>6</sup> Mestre em História e pesquisadora do Scientia & Technica: Grupo de Teoria e História da Ciência, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). . Acesse: <http://lattes.cnpq.br/5470316486597126>

<sup>7</sup> Escritor, mestre em história, jornalista e professor. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3025102552752830>

História. Falo disso porque foi também no meu cotidiano como “professora” que despertei para algumas questões, bem como a necessidade da leitura na formação da identidade do sujeito. Do incentivo a leitura para alunos que tinham a curiosidade de viajar nas letras e encontrar o melhor amigo. Hoje há poucas pessoas como S<sup>o</sup> Pedrosa, um senhor dedicado ao crescimento intelectual de Campina Grande, como uma maneira de incentivar os índices de alfabetização da cidade. E é uma pena pensar que na atualidade, não se dispõe mais de uma Livraria em Campina Grande. Se quisermos livros, temos que comprar através da Internet ou encomendar nas Universidades e Faculdades. Ficaram para trás as vivências e as trocas de experiências, leituras, flertes, debates que aconteciam no espaço do Edifício do livro os anos de 1950 e 1960.



Foto1. Museu histórico de Campina Grande, local de muitas de minhas pesquisas.

Diante das fontes, foi necessário fazer escolhas, optar por este ou aquele caminho metodológico para problematizar as subjetividades praticadas na Livraria Pedrosa. Assim as fontes selecionadas e problematizadas na pesquisa somadas às

narrativas orais de memórias dos entrevistados que frequentaram o espaço da Livraria Pedrosa nas décadas de 1950 e 1960 bem como, os espaços de sociabilidades produzidos: os livros lidos, os jornais discutidos e/ou escritos, os leitores, as livrarias, as fotografias foram sendo cuidadosamente conduzidos a uma metodologia analítica.

Nesta dissertação entra em cena além das narrações de parentes da família Pedrosa, outros personagens e documentos. Personagens e documentos passíveis de desaparecimento, e por tais motivos necessitando serem ouvidos, analisados. A necessidade de propor em cena algumas das memórias até então não evidentes através da escrita, e que podem ser perdidas no tempo e no espaço, um possível argumento da relevância que esta dissertação tem para a instituição e para a própria sociedade.

O uso das imagens apresentadas durante a dissertação não significa que o momento possa ser posto novamente como igual, mas que nos ajuda a pensar a construção da sociedade campinense que foi, e que ainda é hoje. Nessa concepção, vale salientar que uma fotografia pode ainda ter significados diferentes para cada indivíduo, bem como, para cada grupo social<sup>8</sup> e para o próprio pesquisador/historiador além da ilustração.

Entre os vários recortes de jornais, encontrados no Telégrafo - havia uma peça publicitária, um reclame propagandístico do Diário da Borborema acerca de uma antiga Livraria de Campina Grande, a Livraria Pedrosa, pertencente a José Pedrosa e Arlindo Pedrosa. A partir desse recorte de jornal associado às fotografias da construção do Edifício do Livro<sup>9</sup> pertencentes à família Pedrosa, nasceu o interesse em se elaborar um trabalho disposto a problematizar a história dessa livraria em Campina Grande ou, mais especificamente, preocupado em demonstrar a relevância

---

<sup>8</sup> “[...] A resposta está no significado que uma mesma imagem pode ter para cada um, para cada cultura, para cada segmento social. [...]” CARVALHO, Vânia Carneiro de.; LIMA, Solange Ferraz de. Fotografias: Usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p.42.

<sup>9</sup> Material disponibilizado pela família de Arlindo Pedrosa. Em 1953, a livraria ganha mais um estabelecimento na rua Maciel Pinheiro, chamado Edifício do Livro.

da elaboração de um trabalho que se proponha a dar visibilidade às sociabilidades da cidade e dos letrados no espaço da Livraria Pedrosa.

A escolha por estudar Campina Grande é um convite à história urbana, questionando também a memória da cidade e a cidade na memória. Estudar as ruas é como verificar de que maneiras o conhecimento histórico pode ser trabalhado mediante práticas que entendam o patrimônio histórico-cultural enquanto espaço de memória, de transmissão de saberes e de formação de identidades. Estudar as ruas é perceber que o transeunte que se desloca de seu espaço-residência apenas para um passeio, não tem acesso ao entendimento dos significados locais, a constituição de identidades urbanas, compreendendo que cada rua e cada cidade têm muito mais a oferecer do que um espaço construído como bonito e agradável. A Rua Maciel Pinheiro é um exemplo disso, pois nela através dos relatos analisados percebemos a vida dessa rua. Uma rua com pessoas ativas, que queriam conquistar seus objetivos. Seja através do comércio, vendendo as iguarias, miudezas, brinquedos como: Madame Porcaria<sup>10</sup>, Cristiano Lauritzen, na lojinha 4.400, como conhecimento, livros, como a Livraria Pedrosa. Como dizia o médico pediatra Virgílio Brasileiro, Campina Grande era antenada não apenas para os estudos, mas também para o crescimento urbanístico.

Inaugurada em 1934 na Rua Maciel Pinheiro, a Livraria Pedrosa foi uma dos primeiros espaços de venda de livros em Campina Grande, destinado ao comércio de livros didáticos e universitários além de papelaria e tipografia. Tal exclusividade era uma novidade no comércio livresco da cidade, pois os demais estabelecimentos tinham o forte comércio em serviços de papelaria e tipografia, destinando apenas algumas seções de suas estantes aos livros. Na Livraria Pedrosa era diferente. As estantes enormes, quase dois metros de altura, de madeira escura e repleta de livros de literatura nacional, estrangeira e universitária faziam da livraria um espaço destinado à cultura.

---

<sup>10</sup> Dona de um estabelecimento na Rua Maciel Pinheiro que se vendia de tudo. Até fogos de artifício. Vulgarmente era chamada de Madame Porcaria devido os campinenses não gostarem por serem árabes.

Em 1953, a Livraria Pedrosa ganhou outra unidade na mesma Rua, a Maciel Pinheiro, o Edifício do Livro e a sociedade com Arlindo Pedrosa<sup>11</sup>. Assim, cada estaca, cada tijolo, cada bocado de argamassa e cimento tinha uma função pedagógica, um mural educativo. Suas paredes falavam da “civilização”, da educabilidade, da Campina Grande rumo ao “desasnar” acadêmico. Construir o Edifício do Livro era muito mais que uma edificação de alvenaria, de pedra e cal, era a edificação de um projeto pedagógico, um espaço educativo, elaboração de um sonho, de um desejo, de um território para novas discussões intelectuais em Campina Grande. Desta forma, este trabalho se atém a explorar os anos 1950 devido à construção do Edifício do Livro até o início dos anos 1960 que através das fontes, possibilitam pensar que foram os anos mais prósperos da Livraria Pedrosa, com presença de escritores famosos<sup>12</sup> para a divulgação de seus escritos, como Gilberto Freyre, Juarez Távora, Cid Sampaio, Mauro Motta, Jorge Amado e outros. (DINOÁ, 1993, p. 217)

Os registros nos jornais evidenciam que Campina Grande possuía cerca de três estabelecimentos do ramo na mesma Rua Maciel Pinheiro: a *livraria Modêlo, Livraria São Paulo A. Xavier, Livraria e Papelaria Cruzeiro*<sup>13</sup>, nenhuma delas dedicando-se exclusivamente aos livros. Pimentel (2001, p.121) em seu livro fortalece a ideia que o livreiro sabia lidar com os negócios, fato que fez a Livraria Pedrosa não perder espaço no comércio campinense. Contudo a Câmara do livro em São Paulo, presenteou com *um diploma e uma medalha de ouro o livreiro José Pedrosa por ser o “maior difusor do livro na Paraíba”*<sup>14</sup> O prêmio, ou a homenagem, como queiram interpretar, ao livreiro foi mais uma maneira dos campinenses sentirem o destaque e a importância da Livraria na cidade, como um espaço destinado ao livro e a leitura, porque além das variedade em artigos para escritório, papelaria, borrachas,

---

<sup>11</sup> Após a Segunda Guerra Mundial, José Pedrosa chama seu irmão ex-combatente Arlindo Pedrosa para trabalhar na Livraria, alguns anos depois forma-se uma sociedade José Pedrosa e Irmãos LTDA Razão Social. Nome fantasia Livraria Pedrosa..

<sup>12</sup> Visita de escritores nacionais como Jorge Amado, Gilberto Freire, Juarez Távora, Cid Sampaio que possibilitou a legitimação da Livraria Pedrosa na década de 1950 como um território destinado às letras e letrados.

<sup>13</sup> Anúncios das livrarias no Jornal O Rebate, 04/11/1957. P.02

<sup>14</sup> PIMENTEL, Cristino. Uma centelha vital da cidade. In: \_\_\_\_\_. *Mais um mergulho da história campinense*. Edições Caravela. Campina Grande, 2001. P. 120

lapiseiras, réguas, cadernos, cartilhas, existia outra diversidade em termos de livros didáticos, best-sellers nacionais e estrangeiros. Segundo João Pedrosa<sup>15</sup>, o conhecimento com as editoras, o poder de barganha e compra que o livreiro detinha, foi talvez a causa mais relevante para tal destaque no comércio livresco em Campina Grande.

Tal sucesso foi ocasionado não apenas pelo tino comercial de seu proprietário, mas também pelo idealismo mantido por José Pedrosa em relação aos livros e à divulgação do saber. Para divulgar o negócio, lia os livros e ia aos bares comentá-los e bebericar, despertando o interesse nos possíveis leitores, que iam, então, comprá-los. Um dos seus lugares preferidos para essas conversas literárias era a fruteira de Cristino Pimentel<sup>16</sup>, o alfarrábio de Geraldo Pimentel<sup>17</sup>, o Beco do 31<sup>18</sup>, onde encontrava uma nova geração de escritores, jornalistas e advogados que emergia na cidade.

Diante de tantas estratégias comerciais do livreiro, não se trata aqui de questionar seus talentos e a importância social de suas ações, mas sim problematizar o porquê da Livraria Pedrosa se inscrever na cidade de Campina Grande nos anos 1950 como um território de discussão intelectual. Questionando quais os mecanismos a livraria se constrói com um reduto cultural?

---

<sup>15</sup> Irmão do livreiro que em 1947 foi vereador

<sup>16</sup> A fruteira era um local que além de vender frutas nacionais e importadas, era uma venda de diversos artigos desde frutas, loções, sabonetes, bebidas, livros, jornais, mel e doces. Era um espaço de socialização entre os letrados da época, que além de apreciar bebidas ficavam a confabular sobre diversos assuntos da cidade, desde política, livros, carnavais.

<sup>17</sup> No ano de 1955, Geraldo Pimentel sobrinho de Cristino Pimentel ensaia dar continuidade à Fruteira de seu tio, mas especificamente vendendo e comprando livros antigos. Ao fundo encontrava-se o bar local em que "os viciados se reuniam para bebericar e comentar autores famosos." "Por isso é que esse prédio onde funcionou a fruteira e o alfarrábio devem ser respeitados, pela tradição, porque a tradição foi sempre de letras" comenta Ronaldo Dinoá em seu livro Memórias de Campina Grande volume 2.

<sup>18</sup> Local bastante conhecido no Centro de Campina Grande, a Rua Monsenhor Sales teve como referência nas últimas décadas do século XX o "Beco do 31 Drinks Bar". Porém, a origem da nomenclatura da localidade remota à década de 20 onde, naquele prédio funcionava o Clube Renascença 31, no edifício de esquina à antiga Praça Eptácio Pessoa, vizinho ao sobrado de Christiano Lauritzen.

Assim um dos objetivos do trabalho é questionar o discurso sobre este período específico da história de Campina Grande, para possibilitar a compreensão das sociabilidades da cidade e dos letrados na Livraria Pedrosa. Também não me parece possível questionar as transformações sociais que modificaram a fisionomia da cidade, notadamente a partir do pós-Segunda Guerra Mundial quando Campina Grande viveu um novo ímpeto de modernização com um aumento populacional, a pavimentação de suas ruas principais, na procura de afastar os aspectos provincianos, antigos e mostrar-se uma cidade progressista e bela.

Assim, esta dissertação justifica-se pela importância que tem a sociabilidade da cidade e da cultura letrada para a construção de subjetividades nos sujeitos campinenses, tendo como *locús* de investigação na trilha de representações da Livraria Pedrosa como indicativo de um espaço cultural para disseminar a cultura letrada. Tem sido bastante comum na historiografia analisar esse momento histórico pelo viés da economia, das relações sociais, dos documentos que apontam códigos para o acultramento. A leitura e as relações subjetivas entre os sujeitos intelectuais são tão importantes quanto às fontes citadas, mas não tão usuais como signos que tecem cultura, as relações de poder e as construções de identidades nos sujeitos campinenses.

A organização do trabalho foi assim estruturada: no primeiro capítulo, busca-se associar a trajetória da Livraria Pedrosa às transformações ocorridas em Campina Grande nas décadas de 1950 e início dos anos 1960. Nascida em 1934, na Rua Maciel Pinheiro o estabelecimento livresco assistiu ao fortalecimento da presença de sujeitos sociais campinenses que adquiriam sua distinção, os letrados, o frequentador de livrarias, 'os filhos do século das luzes!', 'os filhos da grande nação!'<sup>19</sup>, e o estreitamento dos laços nas redes de sociabilidades intelectuais da cidade. Com os registros nos jornais e as propagandas da Livraria Pedrosa nos jornais Diário da Borborema e O Rebate busca-se pensar, ainda que de forma

---

<sup>19</sup> Jornal O Rebate, 04/10/1949, p.08. Notícia com objetivo de chamar, estimular os jovens a instruírem-se, a ler. A Livraria Pedrosa se desempenhava a naturalizar o hábito da leitura nos jovens, para isso utilizava poema e citações de Castro Alves, vinculava a instrução ao desenvolvimento e progresso do sujeito e da cidade. A Livraria Pedrosa utilizava mecanismos para a construção de uma cidade de letrados e produção de homens de letras.

incipiente, como foram gestados os hábitos da cultura letrada em Campina Grande, costumes estes que, mais tarde, na década de 1950, já naturalizados e imperceptíveis, fariam da Livraria Pedrosa com o Edifício do livro um dos principais pontos de difusão do livro e da leitura na cidade.

No segundo capítulo será abordada a construção da Livraria Pedrosa durante a década de 1950 como um reduto cultural, como um cenário de conversas, de trocas intelectuais e de compra, venda e troca do saber. Será um momento de estudar as grafias sobre a Livraria Pedrosa. Para tanto, os escritos em jornais e revistas foram fontes valiosas para melhor compreensão do tema, além disto, há os depoimentos de antigos frequentadores que contribuirão para fazer uma leitura do ambiente da livraria, de seu espaço e da circulação de informações em redutos de sociabilidades intelectuais locais, para além da livraria, como é o caso do Alfarrábio de Geraldo Pimentel, um dos pontos de encontro do livreiro e seus frequentadores- fregueses. A fruteira de Cristino Pimentel, também foi um dos pontos de socialização do livreiro com seus fregueses, na década de 1930 e 1940, mas como o trabalho se destina ao estudo das décadas de 1950 e início dos anos 1960, tais espaços não farão parte de nossa discussão.

O leitor também entrará em contato com o valor destas palavras dadas à leitura através de imagens: em sua maioria fotografias referentes à Livraria Pedrosa, ao Edifício do Livro, aos frequentadores-fregueses e aos ambientes que frequentaram, ou ainda referentes às socializações em torno do livro e da leitura. Salienta-se, no entanto, que não é proposta deste trabalho tratar essas imagens como texto, como discurso. Elas terão um cunho muito mais ilustrativo, fornecendo visualidade ao trabalho. Portanto, apesar de importante, não apresentaremos uma discussão sobre as imagens enquanto fonte histórica, já que as mesmas serão utilizadas como retratos ilustrativos de uma época.

Um último esclarecimento, antes que o leitor *entre* definitivamente nesta dissertação: a identificação do termo referente às letras tem o caráter de diferenciar dos demais sujeitos campinenses da época. A referência primeira do termo *letrado*, *intelectual* é devido ao grau de instrução daqueles que pesquisamos e não um juízo

## Capítulo 1 - Campina Grande: a emergência de uma cidade letrada

O que faz o particular encanto de uma cidade é o que eu chamo o seu mito, essa superestrutura de impressões históricas, literárias e poéticas a emprestar uma fisionomia nova, um valor novo, não somente às avenidas e às praças, como à viela mais tortuosa, ao beco mais esconso.

(BROCA, 1957)

Iniciamos este capítulo com uma epígrafe do crítico literário carioca Brito Broca.<sup>20</sup> O mesmo se refere a essa “superestrutura de impressões históricas, literárias e poéticas” de forma que diz respeito à cartografia<sup>21</sup> da cidade – o mito – ligado de maneira íntima a um esqueleto material, uma estrutura urbana carregada do encantamento, nuances que todo mito traz consigo. Brito referia-se em seus escritos às transformações ocorridas no Rio de Janeiro da década de 1950, traçando paralelos com a Paris do Barão Haussmann e com o Rio de Pereira Passos (1902-1906).

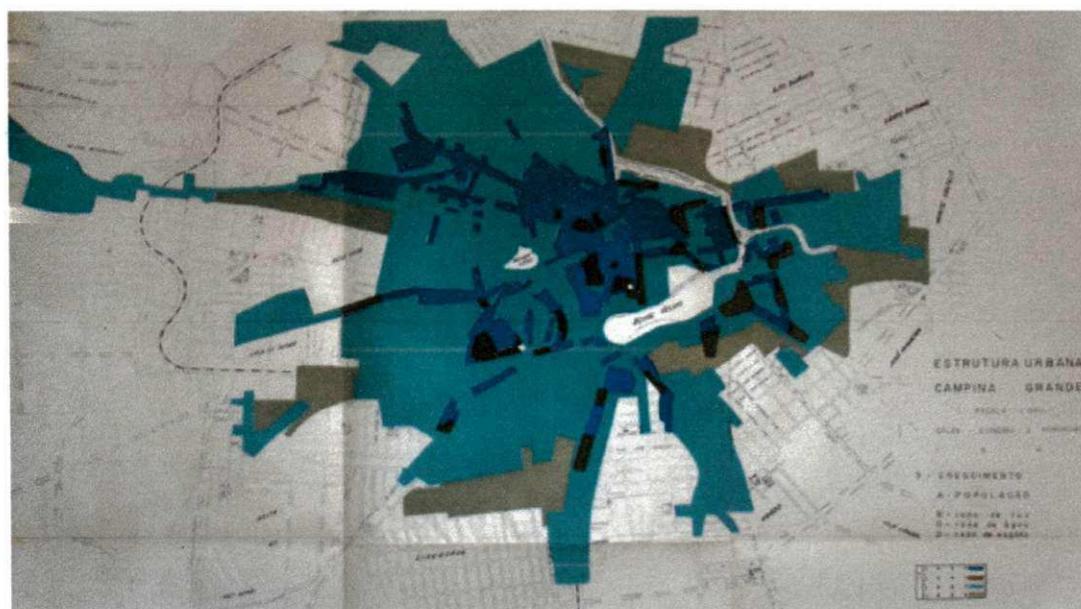
Broca passou a reconhecer e a poetizar o corpo de sua cidade, física e sentimentalmente, escrevendo outras cartografias, tanto espaciais quanto sentimentais. O carinho que o mesmo nutria pelo Rio de Janeiro fez com que habitualmente criticasse as transformações ocorridas em nome do progresso, em nome da “civildade” que, a seu ver, violentavam o caráter da cidade ao não preservar seus elementos tradicionais nem seus valores históricos. Um crime contra o patrimônio histórico-cultural. Posicionava-se contra as demolições determinadas pela necessidade de alargamento das ruas ou da abertura de novos acessos ao

<sup>20</sup> Brito Broca foi um dos principais críticos literários brasileiros. Seu exercício iniciou-se ao ser transferido de São Paulo – onde trabalhava no jornal A Gazeta – para o Rio de Janeiro, em 1937. Até sua morte, em 1961, foram mais de trinta anos de uma intensa atividade jornalística, dos quais vinte e cinco exclusivamente dedicados ao jornalismo literário. Cf. BARBOSA, F. de A. “Um D. Quixote das letras”. In: BROCA, Brito. *Memórias*. RJ: Jose Olympio, 1968.

<sup>21</sup> Parto do conceito de cartografia de Felix Guattari, para quem a geografia subjetiva nos faz seres geografados sem, no entanto sermos geograficamente fixados. [...] As linhas não estão fixadas no ponto ancorado, tampouco são visíveis, podendo modificadas a todo o momento, em decorrência de um desejo. O mapa sentimental é aberto, “é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação” (GUATTARI, DELEUZE, 1995, p. 22.)

centro urbano, às constantes demolições de edifícios antigos, à saga do “bota-abaixo” sem limites: “A tênue camada de mito que a cidade, ao ritmo de um progresso bem mais dirigido poderia comportar, perde-se toda (BROCA, 1957, p. 151)”.

Esse ritmo de progresso que cita Broca talvez não tenha sido vivenciado nas mesmas proporções em Campina Grande, mas outras modernidades (já que a modernidade pode ser experimentada em diversas áreas e de diversas formas) ganharam visibilidade nesta cidade paraibana nos anos de 1935 a 1947 com o prefeito Vergniaud Wanderley, conhecido como o prefeito “reformador incansável” (GUTEMBERG, 2001). Vergniaud Wanderley e Francisco Cícero de Melo, de Campina Grande e João Pessoa respectivamente, lançaram mão de mecanismos autoritários do Estado Novo para demolir pardieiros, instalar esgotos sanitários e, rasgando ruas e avenidas, modernizar definitivamente essas cidades. Com objetivos de enquadrar a cidade nos preceitos recomendados pela higiene, urbanização e arquitetura custaram à remoção de centenas de famílias pobres, transfigurando por completo a paisagem do centro.



**Figura 9:** Mapa de Campina Grande, início dos anos 1960. A cor azul escuro refere-se à área de ocupação da cidade até os anos 1930. Fonte: Serviço Social do Comércio.

Na campanha eleitoral de 1935, Vergniaud declarou em público que estimularia a construção de prédios modernos que substituíam os casebres inestéticos pelo menos na principal artéria da cidade. Essa política ficou popularmente conhecida como "bota abaixo". (MELLO, 1995). Assim se reportaram Santos Filho & Alonso sobre a reforma de Vergniaud Wanderley:

Assim, a cidade [de Campina Grande] é "reordenada", seguindo os projetos franceses de organização urbana. Segundo alguns autores, a cidade foi parcialmente demolida e reconstruída seguindo padrões da arquitetura francesa da época – o estilo *art déco* – que, dentre outras coisas, propunha avenidas largas e simétricas para um fluxo cada vez maior de automóveis. Como fruto de sua expressividade, a cidade conta, naquele momento, com uma das maiores frotas de automóveis do Nordeste brasileiro. (2008, p.57)

Tal política do prefeito Vergniaud Wanderley promoveu grande transformação na área mais tradicional da cidade. Ao declarar na campanha eleitoral de 1935, que estimularia "a construção de prédios modernos..." estaria dando início ao plano político e de gestão urbana. "O prefeito Vergniaud Wanderley iniciou a reforma arquitetônica da cidade, começando por obrigar donos dos prédios da Praça da Matriz a regular o alinhamento dos mesmos" (CÂMARA, 1947, p 30), com o intuito de tornar Campina Grande "a capital" da Paraíba, a principal cidade do estado, como diria mais tarde, em entrevista ao jornal Diário da Borborema, quando era Ministro do Tribunal de Contas da União:

Ao fazer a reforma que você acaba de citar, e que é do conhecimento de todos que aquela época habitavam a nossa urbe, eu vislumbrei a hipótese de Campina tornar-se até mesmo a Capital do nosso Estado, por isso mesmo, iniciei uma reforma urbanística que apesar das dificuldades da época, foi dada a um bom termo posso assim dizer, porque as bases, as preliminares, as coordenadas do grande desenvolvimento foram traçadas naquela época por mim, e hoje, ao voltar aqui após anos de ausência de que eu muito me penitencio, eu encontrei Campina em pleno desenvolvimento, suas belas avenidas, as ruas plenas de comércio intenso, fazendo jus ao seu nome, e desde a minha época era conhecida com a Capital do Nordeste, de forma que, eu só tenho de me orgulhar daqueles passos, daquelas medidas que tomei, fazendo com que aquela um pouco desenvolvida da época, se tornasse hoje essa verdadeira Capital do Centro do Nordeste Brasileiro.



Foto 3: Acervo: Jornal Diário da Borborema, 8 de julho de 1979.

Assim, tendo como base um plano urbanístico previamente decretado, mas que atendia apenas ao centro da cidade, Vergniaud Wanderley passou a destruir e a construir, numa “verdadeira” operação de enquadramento da cidade aos moldes do progresso (VERAS, 1988). Sobre isso conta a historiadora Léa Amorin<sup>22</sup> sobre alguns comentários “raivosos” feitos por sua mãe, Passinha Agra,<sup>23</sup> após a explosão provocada por Madame Porcaria<sup>24</sup>, que mais adiante voltaremos a comentar esse episódio que marcou a história da Maciel Pinheiro. São relatos de desaprovação da conduta de V. Wanderley;

Morávamos na Maciel Pinheiro número 225, onde hoje é a Loja Explanada. O piso da casa era de Taco que já tinha uns problemas desde época de Vergniaud Wanderley, porque para modernizar teve que avançar 1 m para frente, para estreitar a rua e dar uma características moderna. Minha mãe odiava ele, chamava-o de satanás, porque foi acabando a memória de Campina Grande. Ela tinha um desgosto muito grande, e depois da explosão, a casa rachou todinha.

<sup>22</sup> Historiadora e professora aposentada da UEPB. Entrevista concebida a autora em sua residência. Rua Neusa Borborema. Bairro Santo Antônio.

<sup>23</sup> Mãe da professora Léa Amorin e memorialista de Campina Grande. Tais entrevistas foram publicadas na monografia de conclusão do curso do Bacharelado em História de Cassandra Veras em 1988.

<sup>24</sup> Madame Porcaria era parte de uma família de árabes. Madame Porcaria e seu marido Saul, vieram fugidos do Líbano e ali se instalaram na Maciel Pinheiro, montaram um negócio no qual se vendia de tudo, por isso que apelidavam de Madame Porcaria.

Esse relato evidencia ao leitor a indignação da senhora Passinha Agra numa entrevista dada a Cassandra Veras para a realização do seu trabalho monográfico, sobre as condutas de governo do prefeito. Assim ela explica abaixo:

Você não entenda que não sou contra o progresso, tá entendendo? Mas o prefeito devia fazer uma exceção (sic) e ouvir o pessoal da cidade, porque a pessoa ser "ditador"?! Ser uma mão-de-ferro??!(...) Tá certo, porque toda cidade deseja o progresso, mas o dever de prefeito é também ouvir seus assessores e ouvir a opinião pública. "(VERAS, 1988 apud AGRA)

Nas primeiras décadas do século XX espalhavam-se pelo Brasil afora, desde e experiência do Rio de Janeiro, novas ideias de arquitetura e urbanismo, informadas por projetos arquitetônicos, paisagísticos e de saneamento seguindo o modelo europeu, que revolucionavam as principais cidades e capitais brasileiras, transformando as ruas, becos e cortiços em belas e largas avenidas. Assim, as tendências modernas pretendiam construir locais de socialização de homens, automóveis, mercadorias e fluidos, precipitando mudanças nas noções de tempo e espaço, ou melhor, mudanças na vida de seus habitantes. A cidade tornava-se, cada vez mais, uma experiência visual (BRESCIANI, 1998).

No caso de Campina Grande, a urbanização e reformas urbanas atendiam principalmente os setores mais privilegiados. No relatório de governo que o prefeito Vergniaud Wanderley apresentou à Câmara Municipal, referente à sua gestão do ano de 1936:

Cumprido observado que, com o zelo que temos desenvolvido em torno das construções, os edifícios moldados nas plantas previamente exigidas, tomam aspectos modernos, destacando-se principalmente nos bairros, e as novas avenidas, tais como João da Mata, Desembargador Trindade, ruas da Prata, Miguel Couto, onde as residências particulares revelam gosto estético, contrastando com a maior parte dos casarões pesados, sem luz direta, nem condições higiênicas, existentes na parte central e primitiva da cidade. (Relatório da administração Vergniaud Wanderley apresentado à Câmara Municipal de Campina Grande. Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 1936. Disponível no Arquivo Público Municipal de Campina Grande).

Não é a proposta de este trabalho elaborar uma leitura de Campina Grande colada em outras cidades, mas deixar claro que os prefeitos e outros administradores liam e recepcionavam os ritmos e signos da modernidade que estavam presentes em outras urbes. As reformas urbanas e as maquinarias do conforto segundo Vergniaud Wanderley prometiam para a cidade campinense um ambiente moderno e civilizado, os chamados “modernos hábitos” (GUTEMBERG, 2001). Assim como Broca sentiu-se quando sua cidade, Rio de Janeiro se transformava; muitos campinenses também tiveram esses mesmos sentimentos, não tendo como impedir o “bota-abaixo” sem limites. Registrando que a intervenção desse urbanizador foi, conforme Cassandra Veras, violenta e autoritária, não dando aos habitantes da cidade a chance sequer de um parecer. Pelo contrário, a palavra dele era uma ordem, uma enunciação autoritária (VERAS, 1988).

As mudanças aformoseadoras das ruas e praças centrais da cidade estavam, em muitos sentidos, associadas às perspectivas de progresso que tinham os administradores e os letrados locais. Eram mudanças que atingiam diversas ruas, mas teve maior repercussão ao ser implantada na Rua Maciel Pinheiro<sup>25</sup>. A Rua Grande, ou Maciel Pinheiro, era o epicentro de Campina Grande. Uma rua das mais antigas da cidade, ex-Rua Grande, Rua da Feira, Rua das Gameleiras. Antiga Rua da Independência, Rua Uruguaiana e Praça Eptácio Pessoa. Rua de diversas atividades - comércio, festas populares, dos dois primeiros cinemas, o "Apolo" (ligado ao grupo governista) e o "Fox" (ligado ao grupo oposicionista). Luiz Ferreira Maciel Pinheiro (1839 – 1889) foi uma pessoa influente na cidade, considerado letrado que realizou os estudos em Campina Grande e na Faculdade de Direito em Recife. Como colegas de curso, Maciel Pinheiro teve Castro Alves, Tobias Barreto, Martins Júnior e Fagundes Varela.

---

<sup>25</sup> Maciel Pinheiro ainda estudante de Direito, fundou e redigiu o jornal "O Futuro", depois dirigiu "A Província", jornal abolicionista, sendo seu maior colaborador Joaquim Nabuco. Em 01/07/1889, juntamente com Martins Júnior, Maciel Pinheiro fundou "O Norte", jornal que circulou até 12/11/1889, tornando-se o mais eficiente meio de difusão da Campanha Republicana no Norte. Interrompeu os estudos apresentando-se espontaneamente para a Guerra do Paraguai. Graduou-se em 1867, formando-se Promotor Público, Juiz e Jornalista. Acesse: <http://cgretalhos.blogspot.com/2010/03/memoria-fotografica-mudancas-na-rua.html> acesso em 22 de julho de 2011

Na Rua Maciel Pinheiro morava a maioria dos políticos, comerciantes, letrados, até meados dos anos 30. Além disso, nessa rua estavam localizados desde as primeiras décadas do século XX, além dos primeiros cinemas já citados acima, “Apolo” e “Fox”, teatros, os mais elegantes clubes sociais, o Gabinete de leitura Sete de Setembro, bares, etc.; feiras, retretas, procissões, carnavais. Era, assim, uma parte importante da alma da cidade, pontilhada pelas cores da intelectualidade, da diversão, da religiosidade, das sociabilidades. Era uma experiência visual, sonora, degustativa, olfativa, sensível. Como afirma Buriti,

Andar na rua consumi-la com os cinco sentidos. Cheirar sua arquitetura que se apresenta imponente. Sentir os odores que vêm de várias direções, de corpos que andam, de corpos que ficam. Andar na rua. Ouvir sons, cânticos populares, melodias diversas que circulam no ar e ganham espacialidades em nossos ouvidos, que penetram em nossos poros nos fazendo suar. Andar nas ruas. Olhar e mirar as lojas, cheias de roupas, perfumes, enfeites, frufus, prontos para ser vendidos, prontos para serem comprados para colorir as vidas, as casas, os lugares. Andar nas ruas e ser um consumidor (2007, p.59)

As narrativas das cidades são ressignificadas pelo olhar sensível, vivo e cheio de movimento do transeunte, do passante, pelas sensações e cheiros. Caminhar na Rua Maciel Pinheiro nesse contexto histórico é poder inalá-la, degustá-la, tocá-la e ouvi-la. Os diversos sentidos são convocados para ler essa rua, suas experiências urbanas e humanas. Histórias carregadas de gestos, gritos, pulos, paixões e desejos; uma maneira peculiar de narrar, percorrer e construir a cidade pelo pensamento, pela imaginação, pelas sensibilidades e emoções. A Maciel Pinheiro não é feita, apenas, de prédios e fachadas, de linhas e curvas arquitetônicas, geométricas e geográficas, mas, principalmente, de vida, de desejos ocultos e abertos, de paixões escondidas e declaradas, das relações entre as pessoas, seu espaço e seu passado (BURITI, 2007).

Como enfatiza Certeau (2004, p.177), pelo ato de caminhar, o transeunte se apropria da topografia da cidade, o caminhante constrói o seu lugar, sua rota sentimental. Então, uma rua, aparentemente simples, pode ter sido um espaço de brincadeiras na infância, de namoro na juventude, de conversas variadas em qualquer geração, a exemplo da Maciel Pinheiro.



Foto 4: Rua Maciel Pinheiro anos 50. Acervo: <http://cgretalhos.blogspot.com>

Não há como negar que as percepções que os letrados e intelectuais tinham sobre a cidade eram recorrentes de novas formas de conceber e perceber o mundo, como sugere Bresciani (1987) para o surgimento de um novo olhar ou de novas sensibilidades. Como uma forma de pressionar e aderir na cidade uma identidade moderna e progressista os letrados locais junto com a imprensa aproveitou a visita do urbanista Nestor de Figueiredo<sup>26</sup>. A visita do arquiteto e urbanista à cidade de Campina Grande foi resultante de um convite do interventor Gratuliano de Brito e do secretário do Interior e Segurança Pública da Paraíba, Argemiro Figueiredo. Nestor de Figueiredo vinha realizando na época, planos urbanísticos em cidades da Paraíba e em Recife, Pernambuco, tornando-se uma referência, em termos de planejamento urbano no cenário nordestino. Uma nota do *Jornal da Paraíba*, em fevereiro de 1933 anunciava o Plano de Urbanização das grandes cidades brasileiras.

<sup>26</sup> *Jornal da Paraíba* nº 2, 5/02/1933, p. 1

De acordo com a narrativa do Jornal da Paraíba, se almejava transformar Campina numa cidade moderna, confortável, que pudesse atrair visitantes, e pudesse aumentar as possibilidades do grande ritmo de todas as suas surpreendentes atividades<sup>27</sup>. Esses eram os desejos que os letrados tinham para sua cidade, a emergência de uma cidade letrada estava visível nas mentes e nas tintas dos seus intelectuais. Através dos signos [...] a *cidade letrada* articula sua relação com o poder, a quem serviu mediante leis, regulamentos, proclamações, células e propagandas (RAMA, 1985). Uma cidade que investia em escolas, em gabinetes de leitura, grêmios literários, livrarias, espaços de lazer destinados a ler, a instruir-se para que Campina Grande pudesse se equiparar aos cenários de uma cidade moderna, civilizada e progressistas.

A estratégia era, como uma sinfonia discursiva, referendar uma imagem de cidade moderna para Campina e fazer com que este desejo de identificação com a modernidade passasse a ser aspiração de toda a cidade. Este era o desafio para os letrados campinenses, cujo propósito de sua função social era educar para novos valores da modernidade. (VEIGA, 1997).

Portanto, jornais da época, a exemplo do Jornal da Paraíba, Diário da Borborema, O Rebate, possivelmente, buscavam falar do progresso, modernidade, cultura, para que seus leitores se apropriassem das leituras e através das práticas, hábitos, tecessem os fios para novas sociabilidades e para novas sensibilidades.

Então, como percebemos, Campina Grande estava vivendo desde 1935 com o prefeito Vergniaud Wanderley, transformações que se chamaram de "embelezamento" executado paralelamente às obras complementares de "conforto e segurança destinadas ao bem estar da população". Assim, os dispositivos do progresso para aformosear a cidade significavam erradicar os maus hábitos e costumes dos moradores, almejando dar uma nova identidade para se construir novas sensibilidades e olhares. Os letrados, aqueles homens que liam, escreviam e discutiam sobre (quase) tudo (energia, saneamento, letramento, cultura, educação) enfim tentavam a todo custo através das escritas em jornais, crônicas, programas de

---

<sup>27</sup> *Jornal da Paraíba* nº 2, 5/02/1933, p. 1 e 6.

rádios naturalizarem novas práticas ditas mais modernas e civilizadas nos campinenses. Desde o mandato do “reformador incansável” que se procurava para a cidade um novo rosto, uma nova fisionomia.

Tal qual Brito Broca no Rio de Janeiro, em Campina Grande nas páginas do jornal *Diário da Borborema*, em 1959, o cronista Cristino Pimentel<sup>28</sup>, curioso e amante das letras, escreve sobre a cidade de Areia, cidade próxima de Campina Grande, desta vez para ilustrar através das práticas de embelezamento a nova identidade que a cidade inventa dando visibilidade às transformações urbanas.

O clima convidativo e salutar; gente bondosa e culta no trato humano; o colégio Santa Rita, onde uma pleiade de jovens aprende o alto alfabeto e enche o coração de virtudes com os ensinamentos que recebe: a escola de Agronomia, que honra e dá a cidade um impulso de ciência agrícola; o museu Pedro Américo; o Monumento do Centenário; da cidade; pracinhas bem cuidadas e cheias de namorados, que cochicham segredinhos só por eles e o amor entendidos; mercado amplo e bem construído(sic); ruas limpas e bem iluminadas que fazem gosto vagar por elas, e agora para desenvolvimento e educação dos garotos pobres que desejam aprender uma arte, inaugurou o < Altesanato Dom Adauto > que vai ilustrar e tornar mais grandiosa a cidade do Brejo paraibano. Não tardara muito passeio iluminado de Paulo Afonso pelas suas artérias. Como Areia, Mamanguape, nesse ponto é uma cidade feliz, também prepara-se para pôr em suas ruas limpas os fios que a CHESF está estendendo por todos os recantos do Nordeste, embora a preços que embocam muito na economia popular. Povo feliz, o povo de Areia<sup>29</sup>.

Apesar de exibirem pontos de vista diferentes, ao darem publicidade às suas opiniões sobre assuntos da atualidade e pequenos fatos do cotidiano, cronistas do passado como Broca, no Rio de Janeiro, e Cristino Pimentel, em Campina Grande, nos descrevem um pouco da cidade, das trivialidades que presenciaram, das impressões que tiveram das cenas corriqueiras e aparentemente insignificantes

---

<sup>28</sup> Cronista campinense que além de comerciante gostava de escrever. “Cristino, o cronista do cotidiano de Campina Grande, era um autodidata que dividia o seu tempo entre o comércio e a arte de escrever. O primeiro, era visto e dito como obrigação, um dever, uma atividade necessária ao sustento seu e da família; a segunda era o prazer, a motivação que lhe proporcionava a alegria e a verdadeira e profunda satisfação. Ver GERMANO, Moacir. O resgate de uma pérola. In: PIMENTEL, Cristino. **Mais um mergulho da história campinense**. Campina Grande, Edições Caravela, 2001. 132p.

<sup>29</sup> PIMENTEL, Cristino. “Areia, cidade Limpa.” *Jornal Diário da Borborema*. Edição de 07 de março de 1959.

como o caminhar na “praça cheia de enamorados”, “nas ruas limpas e bem iluminadas” da cidade do povo feliz.

Publicada em 1959, a crônica de Cristino Pimentel faz uma exaltação à cidade do interior da Paraíba, Areia<sup>30</sup>, rememorando uma cidade sobreposta pelos anseios de mudança de uma parte da sociedade que já não se reconhecia em suas casas e sobrados, já não suportava antigos costumes usuais. Uma parte da sociedade que se identificou com um discurso sanitarista e reformador, a incorporar em seu dia-a-dia novo hábito de sociabilidades, novas civilidades no andar, no vestir-se, no comportar-se. Pimentel fala sobre Areia para criticar Campina. Seu objetivo é despertar que, até mesmo cidades pequenas já estão pautadas em ideias de modernização e progresso.

Essa ideia pautada na relação de alteridade, segundo Pimentel, de ver o outro - a cidade de Areia - como o melhor, o correto, o chique, era uma tática para que Campina Grande pudesse espelhar-se. Olhar o outro para ver a si própria. Essa ideia através das palavras dadas a ler na crônica, almejava que o público leitor campinense ao dar a ler a elegância intelectual da cidade de Areia, desejasse a produção de novos hábitos, novas sociabilidades para Campina. O outro – a cidade de Areia – é o contraponto para pensar o seu lugar – Campina Grande - e desejar que a cultura urbana do outro também tivesse presente na gramática campinense, na geografia do lugar, do local, em suas narrativas e crônicas. Dessa forma, Pimentel enuncia através das palavras “certas sociabilidades”, “novos hábitos”, construindo uma ou diversas imagens da cidade e uma ou diversas imagens de si. Como um espelho, a cidade de Areia é mostrada por Pimentel como exemplo de “povo moderno”, de um corpo urbano que buscou as cores da modernidade servindo como parâmetro para Campina Grande.

É pertinente destacar que no mesmo exemplar do jornal pesquisado, Diário da Borborema, havia queixas de campinenses referentes à falta da luz elétrica por problemas não revelados, tornando-se recorrente na década de 1950 os mesmos problemas da década de 1930 enfrentados por Vergniaud.

---

<sup>30</sup> A cidade de Areia fica a 40 Km de Campina Grande. Uma cidade de 269 Km<sup>2</sup> localizado na microrregião do Brejo Paraibano.

## 1.1 - Na alma da Rua, outras almas: a construção do Edifício do Livro.

Ruas. Território sócio-espacial dos prazeres proibidos e dos lazeres permitidos, das dores, dos gritos e do silêncio das madrugadas mortas, gélidas, monótonas ou, talvez, calientes. Geografia desejanse para os sujeitos afeitos aos novos códigos de sensibilidade e de consumo, à proporção que emergem como o lugar do desenraizamento, a partir do qual se projeta a decadência das sociabilidades tradicionais e de seus códigos culturais. Ruas. Espaço que comunica, que (dês)educa, que ensina posturas, que possui historicidades. Espaços que falam aos indivíduos e as suas sensibilidades. (BURITI, 2007, p.60)

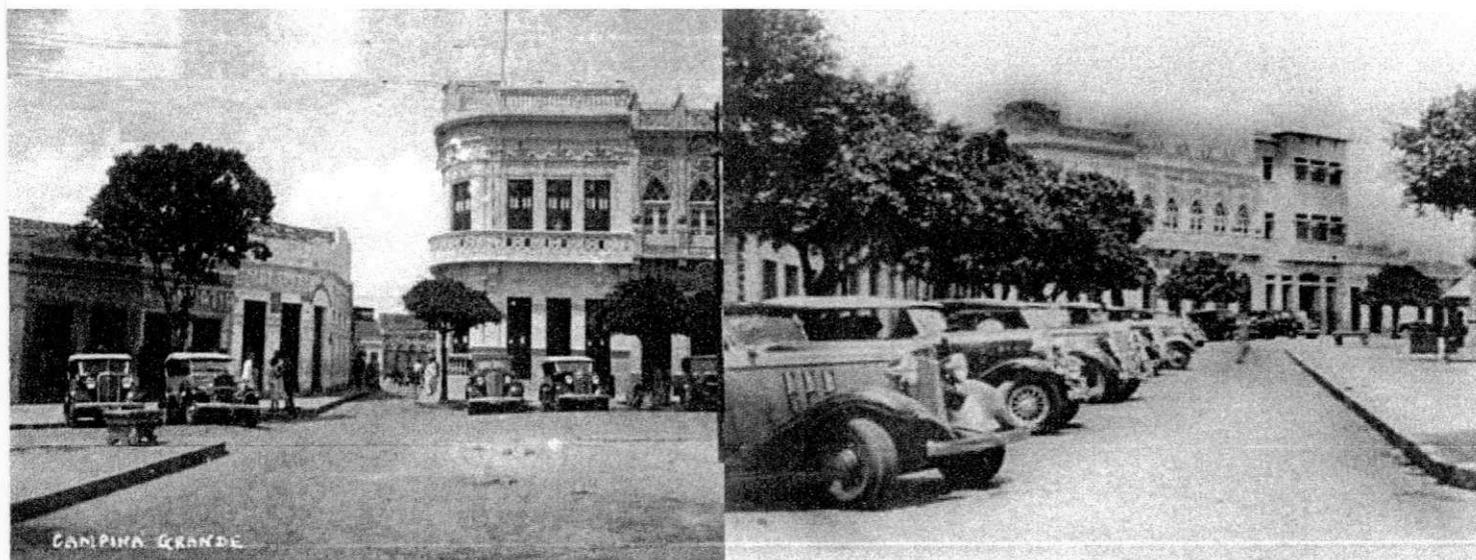
A citação que abre este item aborda a espacialidade da rua como um território de desejos, de sensibilidades, de (dês)enraizamento. Foi justamente neste palco de representações e de sensibilidades, de uma modernização incipiente e de transformações urbanas que nascia a 08 de maio de 1953 no centro de Campina Grande, numa praça conhecida por Eptácio Pessoa<sup>31</sup>, na Rua Maciel Pinheiro esquina com Monsenhor Sales, o Edifício do Livro – Livraria Pedrosa que acompanhará o leitor(a) nas próximas páginas e capítulos desta dissertação.

Para a construção do Edifício do Livro, mortes ocorreram. Não do corpo humano, mas do corpo urbano. Uma das mortes foi da Praça Eptácio Pessoa. Para o Edifício do Livro nascer: a praça tombou. Mas por que o Edifício do Livro não foi construído noutra lugar? Através das pesquisas existem muitas hipóteses e não certezas de negociações. As possibilidades de interpretações e interesses são múltiplas, mas não se conhece os meios como o livreiro Pedrosa, conseguiu junto à prefeitura de Campina Grande justificativa para a demolição da Praça Eptácio Pessoa e autorização para a construção do estabelecimento. Esta praça, local de sociabilidade dos sujeitos campinenses que a utilizavam para retretas, flertes, encontros, diversão, era também um ponto de carros de aluguel, os antigos "Carros-de-Praça".

---

<sup>31</sup> A Praça Eptácio Pessoa foi batizada com esse nome como uma forma de homenageá-lo. Essa homenagem foi prestada por Cristiano Lauritzen que frente à sua residência, na Rua Maciel Pinheiro, construiu uma estátua, em 1914, aquele que viria ser Presidente da República cinco anos mais tarde <http://cgretalhos.blogspot.com/2009/09/cristiano-lauritzen.html>. Acesso em 25 de julho de 2011

As imagens abaixo evidenciam o caráter da praça, como ponto para os carros de alugueis para transportarem moças e rapazes, homens, mulheres e crianças para as demais espacialidades da cidade. Após a Rua Grande ganhar novo alinhamento, lá nos anos trinta, teve a permissão da construção do Edifício do Livro na frente do Pavilhão Epitácio, obstruindo a visibilidade do prédio. Vizinho ao prédio localiza-se o sobrado do ex-prefeito Christiano Lauritzen<sup>32</sup>, conhecido como o casarão de Lauritzen.



**Foto 5 e 6: Praça Epitácio Pessoa, Carros de aluguel, os antigos "Carros-de-Praça". Foto 6. Encoberto pelas árvores estão os prédios do Pavilhão Epitácio e do Casarão dos Lauritzen. O ponto captado é, exatamente, em frente ao (hoje) Edifício do Livro/ Livraria Pedrosa, onde vizinho**

<sup>32</sup> Christiano Lauritzen, dinamarquês. Lauritzen chegou a Campina Grande por volta de 1880, com 21 anos. Tornou-se prefeito municipal da cidade por quase 19 anos, deve-se a ele a chegada do primeiro trem à Campina Grande, fazendo com que a cidade fosse o ponto final da ferrovia Great Western, marco histórico para o desenvolvimento econômico da nossa região. Em 1922, fundou o Jornal Correio de Campina Grande, em 1923 faleceu ainda exercendo o mandato de prefeito da cidade. Após sua morte, seu filho Ernani Lauritzen foi nomeado pelo governador Sólon de Lucena para sucedê-lo à frente da Prefeitura Municipal, de 1924 até o ano de 1928. Acervo disponibilizado em <http://cgretalhos.blogspot.com/2009/09/cristiano-lauritzen.html>. Acesso em 25 de julho de 2011

está o sobrado do ex-prefeito Christiano Lauritzen. Acervo:  
<http://cgretalhos.blogspot.com/2010/07/memoria-fotografica-pc-epitacio-pessoa.html>

Coletando o material de pesquisa, levantamos a hipótese de que os irmãos Pedrosa eram influentes na cidade não apenas pela atividade comercial que desempenhavam, mas também pelos seus conhecimentos e interferências na política local. Dessa forma, em 1953, o livreiro já tinha se construído como um sujeito das letras na cidade e como tinha amizades políticas, através dessas, talvez, conseguiu tal convencimento da prefeitura para a edificação do prédio. Enquanto sujeito dos livros, Pedrosa foi se elaborando como sujeito político, escrevendo para si uma gramática de influências no espaço campinense dos anos 50.

A construção do Edifício do Livro esteve de alguma forma interligada às transformações urbanas e sanitárias ocorridas na cidade e nos hábitos e costumes daqueles que por ela transitaram: o livreiro José Pedrosa, fundador na década de 30 da primeira livraria e tipografia de Campina Grande que se dedicava exclusivamente à venda de livros nacionais, estrangeiros e universitários. Construir um edifício para o livro significava reforçar a ideia de que Campina Grande era letrada, dada aos livros, leitora assídua do mundo, conectada com o que havia de mais novo nas gráficas, tipografias e editoras do país. Não era apenas uma livraria edificada em um lugar qualquer da cidade. Era um Edifício, monumentalmente erguido numa das principais ruas da cidade. Isto reforça o discurso de que a cidade queria se construir como grande também na educação e nas práticas de leitura.

Portanto, pretendemos ao longo de todo trabalho entrelaçar a trajetória da Livraria Pedrosa e dos livros dispostos nas suas estantes com a sociedade letrada que por ela circulou, com sua ordem abstrata de signos modernizadores e ordenadores impressos nas brochuras e in-fólios circulantes na cidade. A emergência de uma identidade letrada para Campina Grande possibilita a compreensão de como foram gestados as práticas e hábitos da cultura letrada de ler. Costume este que na década de 1950, já praticados, fizeram do espaço um dos pontos de difusão do livro e leitura da cidade.

Campina Grande estava concebida e vivenciada pela administração pública da cidade como espaço de reformas, higienizações, modernizações sustentadas sob diversos interesses e expectativas de sua elite urbana fomentada pelo incremento de atividades comerciais e terciárias em geral. Estava vivendo um surto de progresso, que desde a administração de Vergniaud Wanderley, em 1935, tais ideias de transformações para aformosear a cidade estavam sendo implantada, como mostram as fontes.

Nas décadas de 1950 e início de 1960, a cidade nos apresenta territórios ditos modernos, ao mesmo tempo em que são comemorados por quem pode frequentá-los, são “escanteados” por aqueles que, por motivos econômicos, não podem usufruí-los, estabelecendo assim uma divisão entre os pobres e aqueles que possuem um pouco mais de condição econômica, pois a aquisição de livros remete pensar.

No fim da década de cinquenta, Campina não tem mais o mesmo esplendor no comércio, pois a produção do algodão<sup>33</sup> não estava mais como no início dos anos cinquenta, mas mesmo assim Campina não se abala. A luz de Campina pode ter ameaçado ser apagada, mas não perdeu o seu poder e brilho como centro distribuidor de outras mercadorias, não parando de crescer urbana, educacional e culturalmente.

Nesse período, Campina Grande procura quase que desesperadamente um lugar para si, uma maneira diferente de estar no mundo através dos projetos de urbanização, modernização, educação, cultura, medicalização. Diante do crescimento da capital, a cidade interiorana esforça-se para elaborar uma história de si. Pois era descrita pelos letrados campinenses; Cristino Pimentel, Hortênsio Ribeiro, Epitácio Soares, como uma cidade que se tornava a cada dia mais

---

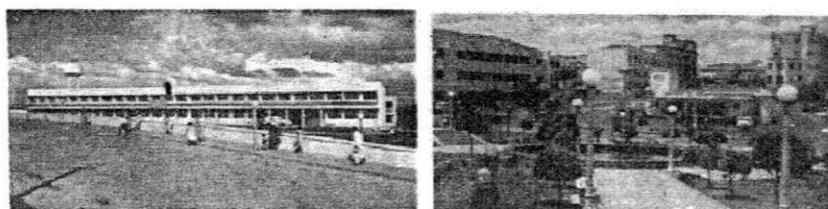
<sup>33</sup> É importante ressaltar que a cidade nunca produziu algodão, seu sucesso na atividade se deve ao fato de que Campina era a única cidade do interior do Brasil a possuir uma máquina de beneficiamento de algodão, a matéria prima necessária para a produção vinha de cidades produtoras vizinhas. O beneficiamento do algodão teve um impulso importante com a chegada das linhas ferroviárias para a cidade. Com o uso do trem, houve uma grande mudança na economia local: Campina pôde mais facilmente exportar sua produção de algodão beneficiado (o “Ouro Branco”), assim como outros produtos para os portos mais próximos, principalmente o de Recife. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Campina\\_Grande](http://pt.wikipedia.org/wiki/Campina_Grande) acesso em 06 de Abril de 2011.

importante e próspera, uma “Campina realmente GRANDE”, de forma que parecia ser o destino deste município, pensavam os bairristas daqueles anos.

O ponto de partida para tal desenvolvimento na década de sessenta foi quando os candidatos a prefeito da cidade, Newton Rique (PTB) e Severino Cabral (PSD), tiveram a ideia inovadora de divulgar um plano de governo por escrito, no qual desenhava os seus sonhos para a cidade. Era a primeira vez que, na história política da cidade, candidatos ao cargo de prefeito formalizaram programas de governo mediante documentos escritos e publicitados para o eleitorado.

O documento produzido pelo candidato Newton Rique, intitulado Revolução da Prosperidade, possibilitou o debate já existente na cidade sobre o progresso e uma das resoluções estabelecidas era a questão educacional. O documento “promoveu a canalização de todo um debate existente na cidade de forma desconexa e fragmentária e o articulou nos termos de um projeto desenvolvimentista amplo e voltado para todas as experiências de vida de Campina Grande” (AGRA DO Ó, 2006, p.20).

Necessitava-se de campinenses alfabetizados, com um grau de escolaridade adequado para ler tais planos de governo, para isso Campina necessitava com urgência de projetos de educação, de organização, para que os cidadãos pudessem entender as questões que aprontavam para a cidade, no entanto eram anos em que os educadores, professores procurassem o progresso, a educação, a distinção.



*Campina Grande exige*  
**UMA ADMINISTRAÇÃO À ALTURA**  
**DO SEU DESENVOLVIMENTO!**

“Os meus verdadeiros amigos não me negarão apóio. Não quero para mim próprio. Exijo-o para ver Campina próspera e feliz sob o govêrno de um homem que saberá honrá-la e engrandecê-la”.

(Argemiro de Figueirêdo)



Foto 7: Encarte do programa de governo de Severino Cabral. Acervo: <http://www.blogdolenildo.com/2011/10/1955-elpidio-se-reaproxima-de-argemiro.html> acesso em 21 abr. 2012

Havia a necessidade de criar uma nova educação para os campinenses, pois as ideias que circulavam na cidade eram herdadas de regiões desenvolvidas e como consequência se pedia uma sociedade letrada, com um índice maior de alfabetização. Projetos de educação começavam a ser elaborados, já que o espírito do desenvolvimentismo estava encarnado nacionalmente. O fim dos anos cinquenta, mais precisamente, em 1959, Campina Grande estava inserida nas ideias de progresso, educação e cidadania e para isso os campinenses buscavam uma nova identidade para a cidade inspirada nos debates nacionais.

No entanto, em torno das agitações de questões educacionais e desenvolvimentistas, os candidatos a prefeito de Campina Grande confeccionavam programas de governo que oferecessem planos para repensar a educação campinense. Sendo percebida como uma das experiências que deveria ser refletida, a fim de que se tornassem caminhos necessários para o desenvolvimento campinense. Portanto, a atitude de Newton Rique de divulgar o plano de governo

por escrito foi mais uma estratégia a seu alcance, de evidenciar o debate sobre as questões educacionais dando a ler as palavras da pedagogia. Assim, escrever sobre a cidade significava corporificar o progresso. (AGRA DO Ó, 2006)

Assim, como uma cidade “atrevida”, arrelhiada pelos ventos da modernidade e da modernização, Campina nas décadas em estudo funda outras espacialidades, outros territórios de sedução. Não são prensas de algodão nem fazendas de gado. Não são trilhos de ferro, mas vertentes de saber acadêmico. Esta Campina projeta-se no cenário nordestino com a fundação de duas universidades<sup>34</sup>, transformando-se agora em cidade universitária, com nível educacional “invejável” e bastante procurada por novos “forasteiros” que buscavam o saber acadêmico. Procuravam uma Campina “Grande”, enunciado que, segundo Germiniano (2008) tenta produzir a cidade como uma *urbe* que se encontraria sempre em pleno processo de desenvolvimento, progresso e modernização, efeito do empreendedorismo, da garra e determinação de “sua gente”.

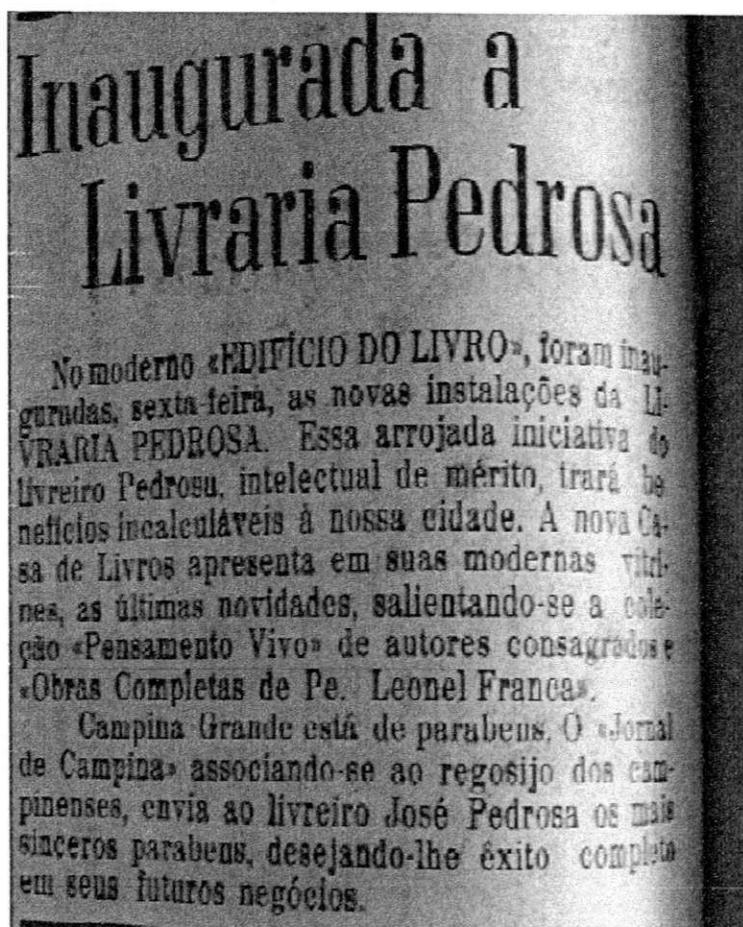
## 1.2- Um tesouro que esconde letras

As cores, o vento, o burburinho de Campina Grande levam para as ruas sociabilidades que configuram nas almas sensíveis significados. A Rua Maciel Pinheiro, por exemplo, sopra conhecimento, pois ganha em 1953 um “tesouro que esconde letras, um estabelecimento livresco que assistiu ao fortalecimento da presença de sujeitos sociais campinenses que adquiriam sua distinção, os letrados, o frequentador de livrarias, ‘os filhos do século das luzes!’’, ‘os filhos da grande nação!’<sup>35</sup>, e o estreitamento dos laços nas redes de sociabilidades intelectuais da cidade.

---

<sup>34</sup> Tais universidades (URNE e um campus da UFPB) concedem-lhe o título de uma cidade culturalmente ilustrada enquanto perde a patente de uma cidade comercialmente desenvolvida.

<sup>35</sup> Jornal O Rebate, 04/10/1949, p.08. Notícia com objetivo de chamar, estimular os jovens a instruírem-se, a ler. A Livraria Pedrosa se desempenhava a naturalizar o hábito da leitura nos jovens, para isso utilizava poema e citações de Castro Alves por meios das propagandas da Livraria Pedrosa. Assim os



**Foto 8: Nota no jornal de Campina Grande, Março de 1953 referente à inauguração da Livraria Pedrosa. Acervo. Museu Histórico de Campina Grande**

A busca pela distinção esteve na maioria das vezes ligada ao cultivo da elegância e do refinamento inspirados no século XIX, o modelo burguês europeu da “Belle Époque”. Muito mais que aprender a falar, a elite precisava falar elegante, para não gaguejar a linguagem do atraso. Era preciso muito mais que aprender a ler, necessitava ler bem, soletrar a literatura que circulava nacional e internacionalmente, está conectada aos autores da “moda”: Zolá, Kant, Engel, Marx, Jorge Amado, Machado de Assis. Apreciar a arte do Impressionismo, a *Art Nouveau*,

---

mecanismos utilizados eram para a construção de uma cidade de letrados e produção de homens de letras.

as cores vivas, as curvas sinuosas, os ornamentos, a elegância, a “civilidade”. Assim, entendia-se que “ser civilizado” como sinônimo de estar mais de acordo com o modelo de necessidades dos grandes centros. E, como nos lembrou Veiga (2002), no século XIX a conduta civilizada se apresentou como o comportamento desejável a ser seguido em todo o ocidente.

Acontecimento esse que fazia a Livraria Pedrosa investir financeiramente nas propagandas para que o leitor pudesse ser assaltado por pensamentos analíticos sobre seu “eu”, a cidade, a sociedade, a família, a educação de si e do outro. Propagandas que faziam circular nos jornais de Campina Grande os lançamentos de livros, os autores que estariam presentes na Livraria, os exemplares que chegavam. A circulação do saber se dava, também, mediante os informes publicitários. Como mostra a propaganda no Jornal *O Rebate* (1957), *A necessidade de lêr*, chama a nossa atenção pelo apelo a cidade e a sociedade se tornar letrada, civilizada, progressista e elegante.

A leitura é tão necessária ao progresso do espírito (sic) como a alimentação ao desenvolvimento do corpo. O indivíduo que não lê, não estuda, não se põe em contato com as ideias e as coisas de sua época, inevitavelmente se atrofia, isola-se, inferioriza-se. O conhecimento de tudo o que se passa no mundo e do que nele, se produz de belo e grandioso, o conhecimento adquirido pela leitura continuada dos bons autores na arte na ciência e na literatura, - eis a própria (sic) razão de ser do homem civilizado. O livro é um amigo sincero que não trai e que não mente, mesmo quando opõe as ideias e aos sentimentos do leitor. Fala franca e diretamente, sem perda de tempo e sem subterfugios.(sic) Obriga a pensar, a medir os atos e atitudes, a penetrar a fundo nos acontecimentos. Recria e instrue (sic) prepara e orienta, auxiliando a encontrar o rumo. Quando não existe mais ninguém ao redor, quando todas as ilusões desaparecem, o indivíduo sente a necessidade de concentra-se, e buscar um conselho, para encontrar um lenitivo, para desenvolver a inteligência ou simplesmente para distrair é sempre o livro o primeiro a atende-lo (sic), a satisfazer inteiramente a sua ansiedade. Ler é saber e saber é elevar-se. Não existe ramo na atividade humana em que o livro não ocupe o primeiro plano. Fator indispensável do progresso social é o livro quem divulga e enriquecem as idéias, quem mantém (sic) a ligação entre os homens, quem acelera a marcha da evolução, quem opera as grandes transformações, numa palavra, quem impulsiona vigorosamente o universo. A necessidade de ler sempre premente, porque imprescritível e sempre imperiosa, porque vital. (“A necessidade de Lêr”. O REBATE, 1957, p.06)

As escritas na propaganda da livraria além de ter o objetivo de comercializar seu produto, que são os livros e material escolar e de escritório, tinha também o objetivo de estabelecer articulações entre o público leitor e a livraria. Eram articulações de convencimento utilizadas pelo escritor da propaganda, sustentadas por argumentos, cuja intencionalidade nos permite pensar que seja construir no sujeito leitor a ideia, a convicção que *ser civilizado é saber ler, pensar e ser instruído, é olhar o livro como um amigo sincero, um tesouro escondido pelas letras e revelado pelos olhos. E que ler é saber e saber é elevar-se, é instruir-se.* O lazer elegante de ler talvez pudesse atribuir à cidade hábitos e práticas da cultura letrada, a fim afugentar aquele passado atrasado e construir uma cidade “para forasteiro ver.” (AGRA, 2006)<sup>36</sup>.

Além disso, o ato de ler era compreendido e narrado como lazer, uma forma de mostrar que, na ausência de praias, de balneários ou de outros locais de sociabilidade, o livro tornava o leitor um navegante. João Pessoa, a capital, tinha praias. A praia de Campina era a leitura. A metáfora do lazer utilizada pelos letrados era uma justificativa, talvez, da falta de espaços recreativos na cidade. As palavras dadas a ler na propaganda é o que Larrosa (2004) classifica de ‘evidente’.

Dar a Ler exige devolver às palavras essa ilegibilidade que lhes é própria... Para dar a ler é preciso esse gesto às vezes violento de problematizar o evidente, de converter em desconhecido o demasiado conhecido, de devolver certa obscuridade ao que parece claro, de abrir uma ilegibilidade no que é demasiado legível. (LARROSA, 2004, p.16)

Quando a cultura impressa foi consolidada em Campina Grande, não apenas fazia parte no espaço privado dos homens de letras<sup>37</sup>, mas também no cotidiano de grande parte da população iletrada que mesmo não dominando seus códigos, era por eles dominada e/ou os apropriava de sua forma. Sob a forma de sinais de

---

<sup>37</sup> Contudo, a definição do significado da expressão “homem de letras” aqui levada em consideração é a estabelecida por Roger Chartier quando este autor analisa como, durante o século XVIII, alguns intelectuais definiram os letrados como indivíduos voltados para o estudo, a leitura e a vida em gabinetes. Grosso modo, são aqueles cuja palavra, as letras, a leitura, a literatura são o elemento material intrínseco para realizar sua natureza e alcançar seus objetivos artísticos, políticos, cotidianos e por suas estratégias de intercâmbios intelectuais, marcada justamente pelas vias de sociabilidades diárias, como a convivência nos salões, cafés, revistas, correspondências e nas conversas cotidianas.

trânsito, nome das lojas, a leitura no jornal, anúncio de um filme, o cartaz do cinema, folhetins, placas nas ruas, todas essas formas eram mediadores do vínculo entre a escrita e a leitura e os moradores da cidade. Os habitantes da cidade que não sabiam ler acabavam “lendo” através de outros códigos, se apropriando da leitura mediante outras estratégias. Como se nota foi uma época que houve investimentos dos gabinetes tipográficos, do aumento do comércio de livros, sociedades e academias de letras, de institutos; como Escolinha da Salete, colégios; como Alfredo Dantas, Imaculada Conceição<sup>38</sup>, Pio XI, Virgem de Lourdes e o Gigantão<sup>39</sup>, grêmios literários, livrarias para a construção de uma cidade voltada ao letramento. Campina Grande necessitava ser uma cidade letrada, seus filhos letrados lutavam e almejavam construir essa identidade para deixar de lado as algemas da ignorância. Visando o moderno.

A palavra *moderno* expressa - a aceitação de que a sociedade pode melhorar e se superar, sempre em relação a outro estado anterior considerado de menor evolução. Expressa sempre uma relação entre passado e presente, assim como uma ideia de futuro. Supõe, ainda, certa desvalorização do anterior e o reconhecimento de que é possível mudar e melhorar, algo nem sempre aceito por toda sociedade. (CAPEL, 2006)

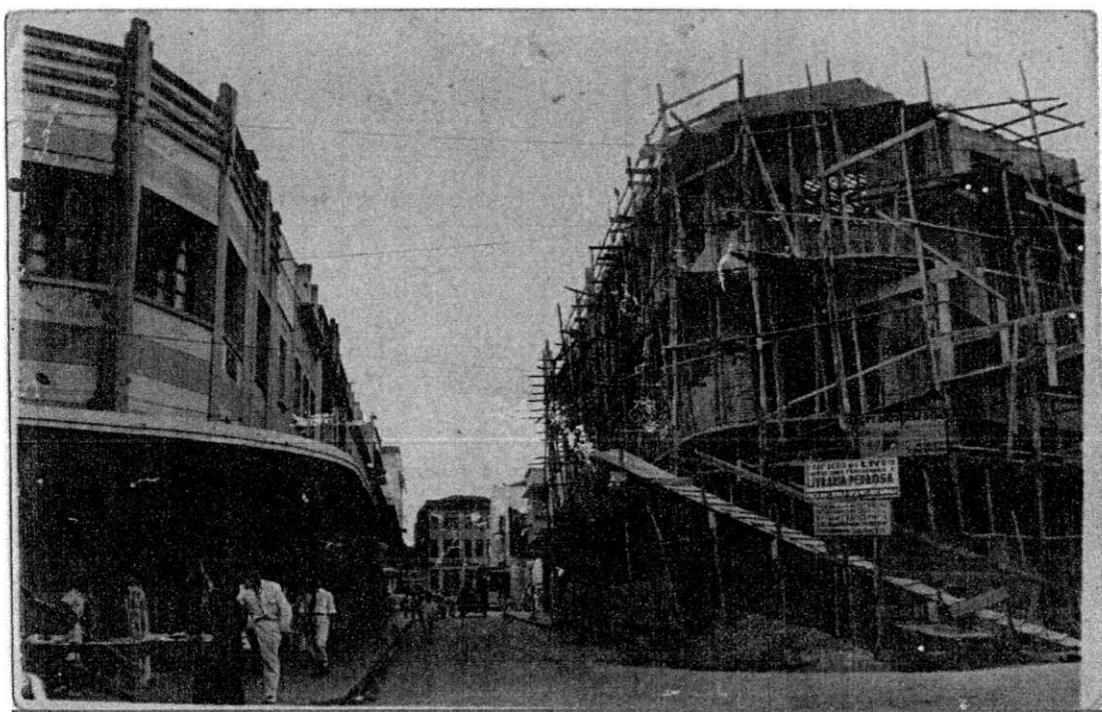
Na década de cinquenta, Campina Grande ganhava novas luzes, luzes que iluminavam em direção ao letramento, à instrução, ao conhecimento e à liberdade. Em 1953, os pedreiros e o engenheiro Austro de França Costa<sup>40</sup> não estavam

<sup>38</sup> O Colégio Imaculada Conceição foi fundado, em Campina Grande, no dia 1º de março de 1931, por solicitação do Arcebispo D. Adauto de Miranda Henriques. O nome foi uma homenagem à santa padroeira da cidade, Nossa Senhora da Conceição. As fundadoras foram as irmãs Dominique, Alice, Livine e Martina, da Congregação das Damas da Instrução Cristã. Acesso em 22 de julho de 2011 <http://cgretalhos.blogspot.com/2010/04/memoria-fotografica-colegio-das-damas.html>

<sup>39</sup> Hoje conhecido pelo nome "Colégio Estadual da Prata". A construção do educandário foi fruto de um clamor popular ao final da Década de 40, quando Campina Grande não dispunha de ensino secundário subsidiado pelo poder público. Em virtude da grandiosidade da obra, conhecido como Gigantão, o projeto teve sua conclusão atrasada, não atendendo ao cronograma previsto para a obra, sendo inaugurado no dia 31 de Janeiro de 1953, com o nome de Colégio Estadual de Campina Grande, pelo governador José Américo de Almeida, que sucedeu Oswaldo Trigueiro após renúncia de cargo em 30 de Junho de 1950. Consulte: <http://cgretalhos.blogspot.com/2009/11/colegio-estadual-da-prata-o-gigantao.html> acesso em 11 de abril de 2011

<sup>40</sup> Engenheiro que participou na construção civil do prédio do Edifício do livro. Esse mesmo engenheiro construiu em 1963, o teatro municipal Severino Cabral em Campina Grande. Inspirado na figura de um apito, a estrutura do teatro foi idealizada pelo arquiteto campinense Geraldino Duda.

apenas construindo um prédio qualquer, mas confeccionando um espaço do saber, que abrigaria os corpos dos leitores, dos escritores, dos sujeitos que mergulhavam no mundo das palavras e das histórias. Em geral, quase sempre desenhado por arquitetos, avaliados por engenheiros civis, construído por pedreiros, serventes de pedreiros e mestre de obras. Em sua confecção, porta desde o seu alicerce pedra, ferro, massame, areia, cimento, mas também é uma herança cultural, arquitetada por diversos saberes, alimentada por tantos lugares de escrita e de leitura. Nascia em Campina Grande numa época em que estava em voga a instrução, mais uma casa da cultura, mais um tesouro que esconde letras, a Livraria Pedrosa.



**Foto 9: Rua Maciel Pinheiro, 1950. Construção do Edifício do Livro. Acervo: Arlindo Pedrosa.**

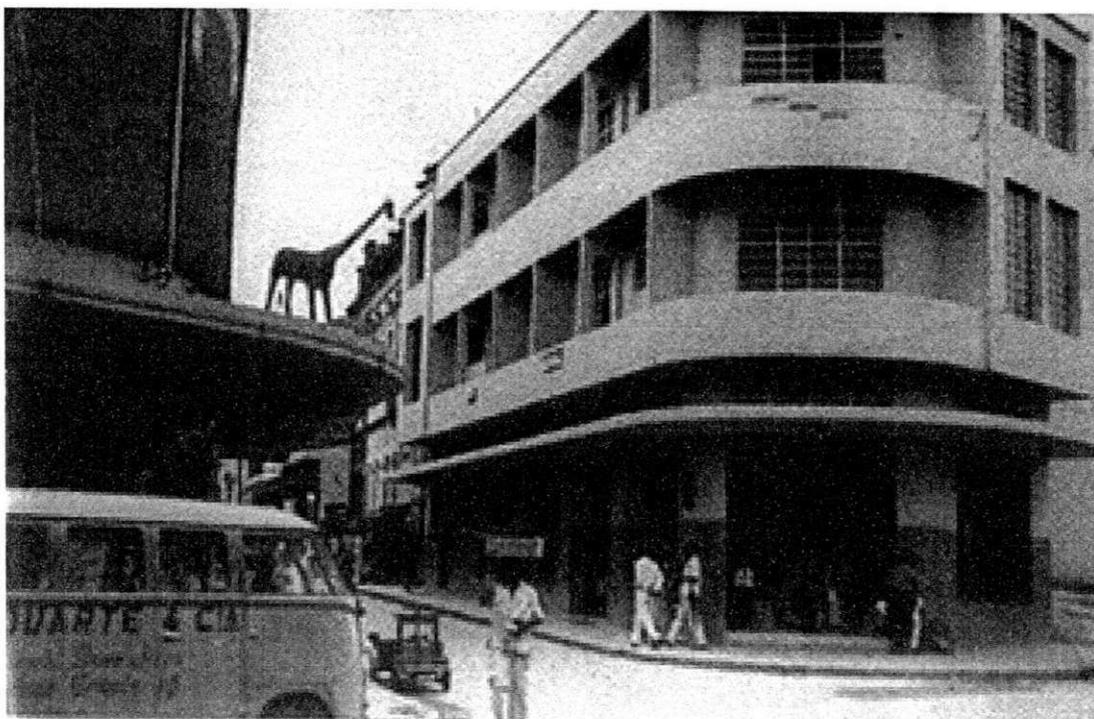


Foto 12: Rua Maciel Pinheiro, 1955. Edifício do Livro. Acervo: Arlindo Pedrosa

A livraria Pedrosa era necessária para Campina Grande formar um público leitor, que lesse de maneira prazerosa, não apenas com os olhos, mas com todos os demais sentidos. Como afirma Larrosa, eram necessários os cinco sentidos para ler a cidade, o progresso, o livro, a página. Lesse da maneira que Nietzsche (apud Larrosa) comenta: *A tarefa de formar um leitor é multiplicar suas perspectivas, abrir seus ouvidos, apurar seu olfato, educar seu gosto, sensibilizar seu tato, dar-lhe tempo, formar um caráter livre e intrépido... e fazer da leitura uma aventura.* (2004, p. 27)

Seguindo essa estratégia, a Livraria Pedrosa aventurava-se em estimular o prazer de ler nos campinenses, assim como mostra o Jornal O Rebate (1957), no qual visa convencer o leitor que lendo, o ser humano pensa. *Ler é saber e o saber é o que faz o sujeito elevar-se, diferenciar-se, progredir.* “O livro quem divulga e enriquece (sic) as ideias, quem mantém ligação entre os homens, quem acelera a marcha da evolução, quem opera as grandes transformações, numa palavra, quem

impulsiona vigorosamente o universo". ("A necessidade de Lêr". *Jornal O Rebate*. Anno XXVIII, n. 1557, 04/10/1957).

Os discursos operacionalizados pela Livraria "*caíam como uma luva*" para um momento em nível nacional e regional em que a elite letrada desejava o progresso a todo custo, a fim de tornar a cidade um *clima convidativo*, harmonioso de *povo feliz* para forasteiros verem. Essas estratégias eram fortemente intensificadas pelos letrados locais que julgavam o hábito de ler elegante.

A atividade de abrir ouvidos, educar gostos, apurar olfatos e sensibilizar tatos dos sujeitos campinenses para as práticas elegantes eram intensificadas. Como uma sinfonia discursiva, a livraria utilizava dispositivos para naturalizar tais hábitos de ler, através do slogan *Faça do livro seu melhor amigo* que estampava os marcadores dos livros, do programa de rádio que diariamente na "boquinha da noite"<sup>41</sup>, como diz Tavares (2008), era transmitido pela Rádio Borborema que levava o nome do slogan, as propagandas em jornais, revistas e rádios de livros e da livraria, as reuniões provocadas em torno da leitura na Livraria Pedrosa foi o que gestou, paulatinamente, com o passar dos anos como sendo o Edifício do livro um espaço do livro e da leitura. Assim, os cinco sentidos eram convocados para o ato da leitura. Ler com os ouvidos, com os olhos, comer as palavras e degustar as histórias, sentir a emoção e o prazer de ler, cheirar as palavras que eram desenhadas pelos autores. Ser, como diz Chartier, um leitor-autor. Assim se expressou Bráulio Tavares:

Agachado junto às estantes e aos balcões da Livraria, sob o olhar sempre vigilante e sempre condescendente de Seu Pedrosa, desenvolvi desde menino a nobre arte de ler um livro por fora, quando não podemos comprá-lo: ler a contracapa, a orelha, o índice, o prefácio, as legendas das ilustrações. Não aconselho esse método aos intelectuais sérios, mas recomendo-o vivamente aos meninos de dez anos cuja curiosidade pelo mundo está na proporção inversa da mesada que recebem. Foi ali que desenvolvi o hábito de, indo a uma livraria, passar o pente fino. Parede por parede, estante por estante, lombada por lombada. Em meia hora leio o equivalente a um livro inteiro; e então pego um volume previamente escolhido e levo-o ao caixa, para dar ao livreiro um mínimo de compensação (2008, p.118)

<sup>41</sup> Costume do sertão de se referir entre seis e seis e meia da noite. A "boquinha da noite" é assim que escurece de todo, seis e meia, sete da noite, uma vez que a "boca da noite", sem diminutivo, é a noite já firmada, já estabelecida, oito horas da noite.

Através das pesquisas podemos perceber que a Livraria Pedrosa estreita as relações dos leitores com a leitura, pois a acessibilidade aos livros e as palavras dada à leitura estavam disponíveis no estabelecimento, não havendo qualquer chance de faltar ou não encontrar determinado autor, tornando-se mais públicos. Fato que a construiu uma livraria destacada das demais. Tal demanda de sortimento e variedade era diferenciada das demais livrarias devido ao poder de compra da Pedrosa. Os pedidos de livros às editoras eram feitos a partir da noção geral, ou seja, de uma pesquisa que o livreiro fazia na cidade, grosso modo, dos seus possíveis leitores. Além do que o próprio livreiro era um veículo de apresentação da leitura, como conta seus familiares. Ao escolher determinadas obras para colocar em suas prateleiras, Pedrosa veiculava sobre o consumidor um discurso de controle, de seleção de leituras, de organização, de domínio. (FOUCAULT, 1996). Segundo Eneida Agra Maracajá<sup>42</sup> que se rotula viciada em livros:

A Livraria Pedrosa abastecia os setores da arte, filosofia, literatura, história, geografia, tecnologia, livros didáticos, antropologia, sociologia. Tinha livros de arte, teatro, dança, tudo que você imaginasse porque era um grande acervo e bastante eclético. A livraria Pedrosa era um carro chefe em todas as áreas do saber.

Em reuniões informais, algumas no Alfarrábio de Geraldo Pimentel, o livreiro apresentava um pouco do que havia lido uma espécie de “tira gosto”, sugestionando muitos de seus amigos, também fregueses a adquirirem livros. A estratégia do livreiro além de poetizar, mostrar-se amante das letras faziam seus negócios crescerem, pois a circulação da cultura letrada ainda de forma embrionária se estendia nas mesas de bares, cafés e botecos da cidade. Regado a muito vinho e risadas,

---

<sup>42</sup> Entrevista concedida à autora na Academia de Letras Severino Cabral, rua Getúlio Vargas, no dia 31 de agosto de 2011. Eneida Agra Maracajá hoje secretária da cultura do governo de Veneziano Vital do Rêgo em 2011. Defendeu e lutou para fazer cultura em Campina Grande. Na Escolinha da Salete, na Rua Maciel Pinheiro, 225 (antigo prédio da Esplanada que foi incendiado em 2010) junto com sua irmã, Salete. Em cima do sobrado era a escola e abaixo a casa de morada. A Escolinha da Salete funcionava até a antiga quarta série e em suas aulas o teatro sempre estava presente. Eram moças que faziam o pedagógico no Alfredo Dantas pela manhã na década de 50 e ensinava na escolinha, à tarde. Mas tarde a Escolinha da Salete cresceu e se tornou Instituto da Salete na Av, Getúlio Vargas.

Rousseau, Diderod e Voltaire, mostravam-se presentes nas conversas dos “filhos do século das luzes”.

Os donos da Livraria Pedrosa sagazmente com suas estratégias e também tino para os negócios, popularizaram o livro. Pois a leitura e a escrita, articuladas às novas linguagens, como o teatro, a fotografia, a propaganda e o cinema, foram invadindo espaços públicos, difundindo e “popularizando” a cultura letrada. Obras literárias, livros, jornais, revistas, guias, anuários, todo o tipo de cultura letrada, e a própria leitura em si, tornaram-se mais públicos e acessíveis a uma variedade de grupos sociais.

O livreiro conseguia conquistar o leitor, pois nas suas vitrines, de vidro transparentes reluziam os nomes dos livros como doces expostos nos balcões das confeitarias ao alcance do olhar daqueles amantes das letras. Além da enorme variedade de livros didáticos, das mais diferentes áreas do saber, como Física (Problemas de Física. São Paulo: Editora do Brasil S/A; Problemas de Física – Cinemática. Rio de Janeiro: Livraria Nobel S/A; Problemas de Mecânica. São Paulo: Moderna; Física do vestibular e do científico. Rio de Janeiro: Sedegra); Matemática; (Matemática Curso Moderno de Osvaldo Sangiorgi, Matemática Moderna para o ensino secundário. Série Professor n. 1, 1ª edição, São Paulo, SP: GEEM, 1962), centenas de “best-sellers” nacionais; a coletânea de Jorge Amado, os trinta e seis volumes, a coletânea de Machado de Assis, os trinta e um volumes, editada por W. M. Jackson Editores, Rio de Janeiro, 1957; e internacionais; Quo Vadis, de Henrique Sienkiewickz, número 12 da Coleção Saraiva, Livro dos espíritos, Romeu e Julieta, de William Shakespeare, literatura infanto juvenil, os oitenta livrinhos como; Cinderela, Branca de Neve e os sete anões, A galinha dos ovos de ouro, A bela Adormecida, O Gato de Botas, Os três porquinhos, Chapeuzinho Vermelho enfim, o local da Livraria numa esquina para a Rua Maciel Pinheiro, o coração do comércio, com o beco do 31 fazia, naquela época, talvez, o ponto mais conhecido e comentado da cidade de Campina Grande. Como comenta Moacir Germano, na Revista da Academia de Letras de Campina Grande:

Naqueles dias agora lembrados, o cinema Capitólio estava exibindo em sua tela o filme Quo Vadis. Em uma sexta-feira à tarde, eu tomei um banho, troquei de roupa e saí com a intenção de ir ver o filme, cujas informações elogiosas eu tanto já havia escutado através das rádios Borborema e Caturité, quanto lido nos jornais locais. Como durante o trajeto eu tinha de passar obrigatoriamente pela Livraria Pedrosa, o meu ímpeto compulsivo pelos livros me faz dar uma olhada nas obras que estavam expostas nas vitrinas. De repente, os meus olhos identificaram o título de um livro da antiga “Coleção Saraiva”... Ali, bem de frente, do outro lado do vidro, estava o livro Quo Vadis, de Henrique Sienkiewickz, número 12 da Coleção Saraiva. De repente, eu não resisti a tentação... entrei na Livraria, peguei o livro e dirigi-me ao balcão para me informar sobre o preço. Eu já constataria que aquele livro era o número 12 da Coleção Saraiva, que constava trezentas e setenta páginas, e que fora editado em junho de 1949, praticamente um ano antes do meu nascimento. Ao saber do preço, observei que o livro custava duas vezes o valor que eu pagaria o ingresso do cinema. Na verdade, livro não era tão caro naquela época. Como eu era estudante, e me mantinha com a parca mesada que o meu pai me dava, fiz mentalmente a conta da quantia que eu tinha no bolso, naquele momento. Certamente não daria para comprar o livro e ir para o cinema. Um dilema.... (Moacir Germano, 2008)

O jovem, Moacir Germano, conta a experiência que teve sobre a Livraria Pedrosa, destacando o quanto ela marcou a sua vida. São cicatrizes intelectuais que o ato da leitura provocou no jovem leitor. Estudante do ginásio no Colégio Estadual da Prata, natural da cidade de Itatuba- PB, seu pai financiava seus estudos em Campina Grande e a moradia, na pensão de “Dona Maria de Souza”, que ficava localizada na Rua Maciel Pinheiro<sup>43</sup>. Daí fazendo uma leitura do público leitor e das práticas da cultura letrada da época, jovens, estudantes, instruídos e leitores era o público da Pedrosa, conforme relata Germano (2003):

Para “Seu Pedrosa”, o livro não era um amigo apenas no ato de se deliciar com a leitura, mas era também no momento de adquiri-lo, nas facilidades que ele apresentava e propunha, para que os estudantes carentes tivessem as suas necessidades completamente atendidas.

O livreiro articulava maneiras e formas de confeccionar uma comunidade de leitores, desde a organização dos livros nas estantes, prateleiras e vitrines do estabelecimento à maneira de apresentar o produto. Sem dúvidas o seu tino para o

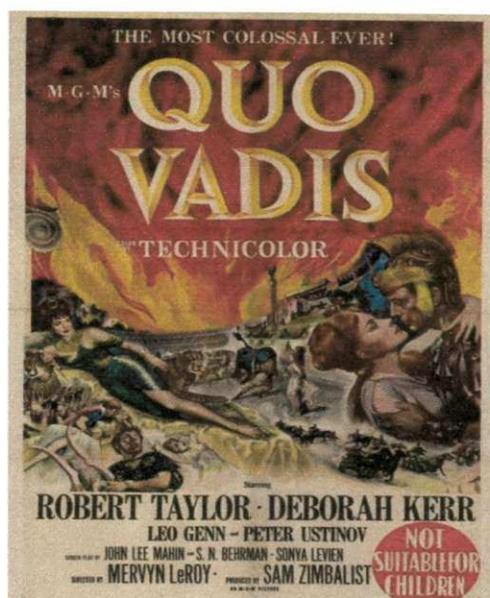
<sup>43</sup> As famílias mais abastadas costumavam encaminhar seus filhos para estudarem nos principais centros, ou até mesmo no exterior. Muitos desses homens, voltando para sua cidade natal, destacavam-se nas suas carreiras e tornavam-se figuras eminentes e respeitadas

comércio e a paixão pelas letras foi o principal motivo da livraria ganhar visibilidade e espacialidades na cidade, pois como dizia José Américo de Almeida, Seu pedrosa tinha em mente que *O maior dever de um povo civilizado é incentivar sua vida intelectual.* (ALMEIDA, 1965)

Mas voltando ao relato de Moacir Germano, você leitor deve está se perguntando qual decisão o jovem tomou, ir ao cinema ou comprar o livro? No cinema Capitólio estava reprisando o filme épico *Quo Vadis*<sup>44</sup> e na livraria estava o livro, *Quo Vadis*, qual escolha tomou? Escolher ver e reproduzir imagens do general romano Marcus Vinicius e da mocinha cristã Ligia ou cair nas sensações imagéticas que as palavras dadas a ler provocam no leitor? O estudante escolheu seu amigo, o livro. Embriagando-se com as palavras e os sentidos que as faziam no jovem, o mesmo deitado em sua cama no quarto da pensão de “Dona Maria de Souza”, ficava a viajar no mundo romano, produzindo imagens do império, do general, da mocinha, do imperador Nero, do ataque dos leões enquanto aconteciam lá fora de seu quarto úmido, as transações comerciais na Rua Maciel Pinheiro. O filme, conta Moacir Germano, “seria mais do que umas duas horas e alguns minutos; e comprando o livro, com certeza passaria mais de uma semana para lê-lo, e ainda o guardaria na estante para reler quantas vezes o desejasse” viajar nas tramas do vilão e da mocinha.

---

<sup>44</sup> A sinopse do filme *Quo Vadis* (1951) pode encontrar no site <http://www.oyo.com.br/filmes/drama-historia-romance/quo-vadis-1951/>. Mas fazendo um breve relato a história conta que, o general Marcus Vinicius retorna à Roma, após três anos em campanha e encontra Ligia, por quem se apaixona. Ela é uma cristã e não quer nenhum envolvimento com um guerreiro. Mas, apesar de ter sido criada como romana, Ligia é a filha adotiva de um general aposentado e, teoricamente, uma refém de Roma. Marcus procura o imperador Nero, para que ela lhe seja dada pelos serviços que ele fez. Ligia se ressentida, mas de alguma forma se apaixona por Marcus. Enquanto isso, as atrocidades de Nero são cada vez mais ultrajantes e, quando ele queima Roma e culpa os cristãos, Marcus salva Ligia e sua família. O imperador captura todos os cristãos e os atira aos leões, mas, no final, o general Marcus, Ligia e o cristianismo prevalecerão. Acesso em 27 de julho de 2011.



**Foto 11: Cartaz do filme Quo Vadis.**

Acervo: <http://www.oyo.com.br>

Lígia Loureiro, assim como Germano, fregueses da Livraria Pedrosa, comenta:

Na Pedrosa, encontrava-se a coleção completa de todos os autores que ganharam o prêmio Nobel de literatura. Lembro muito bem também, da coleção completa dos escritores mais clássicos da literatura, como de Machado de Assis, Gilberto Freyre, Jorge Amado. A coletânea Tesouro da Juventude. A minha coleção de Jorge Amado foi comprada na Pedrosa. A livraria tinha de tudo que você quisesse ler.<sup>45</sup>

A professora Lígia Loureiro, formada em biologia pela UFPE em 1958, conta das suas experiências na Livraria Pedrosa. Praticante do lazer de ler, a professora rememora suas leituras pelas obras de Jorge de Amado. Em Campina Grande na década de cinquenta, havia poucas mulheres formadas porque a dificuldade para estudar era vigente, mas por ser filha de educador, Professor Severino Loureiro<sup>46</sup>, a mesma teve o estímulo e incentivo necessário para concluir os estudos superiores em outra cidade. Como percebemos, na Livraria Pedrosa tinha livros para todos os gostos e bolsos, o lazer elegante poderia ser para poucos, mas os projetos do

<sup>45</sup> Entrevista com a professora Maria Ligia Loureiro, concedida à autora em sua residência na Rua Neusa Borborema, Bairro Santo Antônio, 132. Campina Grande. (29.07.2011) Sr<sup>a</sup> Ligia Loureiro, formada da década de 1950 pela UFPE, para educar rapazes e moças era uma freguesa da Livraria Pedrosa. Quando em 1960 a Prof<sup>a</sup> Maria Lígia Loureiro passa a compor a direção do CAD e também ensinar, o livreiro a perguntou qual livro a professora iria adotar na escola para, talvez, fazer uma pesquisa de mercado.

<sup>46</sup> Em 1945 o colégio Alfredo Dantas é adquirido pelo Prof<sup>o</sup> Severino Lopez Loureiro e sua esposa Prof<sup>a</sup> Alcide Cartaxo Loureiro constituindo uma nova diretoria.

livreiro eram para todos. Como bem afirma na propaganda: *Estudantes! A livraria Pedrosa sempre colaborou com a classe. Prefiram a LIVRARIA PEDROSA.* (Jornal *A formação*. Ano XV. Dezembro de 1950. p. 03)

Construir uma comunidade de leitores em Campina Grande era o desejo do livreiro, essas novas formas e comunidades, as novas práticas, marcam a construção de novos grupos, com suas próprias conexões e apropriações identitárias, que como qualquer grupo recém-estabelecido, busca sua afirmação em relação às práticas já estabelecidas. (OHARA, JOANILHO, 2008) Destarte ficavam aos olhos dos fregueses, das comunidades, dos letrados, dos transeuntes da Rua Maciel Pinheiro, em pontos estratégicos nas vitrines, as coletâneas: *Thesouro da Juventude*, Machado de Assis, Augusto dos Anjos, Jorge Amado, Quo Vadis e outros.

A coletânea *Thesouro da juventude* era formada por dezoito volumes, da W. M. Jackson Editores, edição de 1925, com prefácio do jurista, filósofo e historiador cearense Clóvis Bevilacqua. Todos os livros continham uma sequência de temas e bastante apreciado por essa geração, *eram livros lindos*, segundo a professora Lígia Loureiro. Eram livros coloridos e ilustrados, como evidencia na revista virtual *Opinião e Notícia*:

*A primeira gravura do primeiro tomo era uma pintura do sistema solar, com astros de todos os tamanhos e trens se lançando ao espaço para alcançá-los. Um trem expresso, correndo a 1.600 km por minuto poderia dar a volta ao mundo em menos de vinte dias, dizia o texto. Mas levariam 177 anos para chegar ao sol. De cara, éramos apresentados à nossa insignificância, passeando por todas as lições de **O Livro da Terra**. Em seguida, se entrava em **O Livro da Natureza**, que tratava especificamente da vida nos animais e das plantas. Depois, pelo **O Livro de Nossa Vida**, destinado a desvendar a maravilha da humanidade. Havia **O Livro do Novo Mundo**, que tratava desde os homens primitivos, até à construção da América, e **O Livro do Velho Mundo**, falando das antigas civilizações, com amplo relato sobre a China. Curiosidades era em **O Livro dos Porquês**, talvez o tema mais popular da enciclopédia. Menos épico, mais infantil, era **O Livro dos Contos**, o **Livro das Bellas Acções**, o **Livro da Poesia**, trecho dos *Lusíadas*. Depois, a *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias.<sup>47</sup>*

<sup>47</sup> Para ler o artigo completo acesse: <http://opiniaoenoticia.com.br>, acesso em 02 de agosto de 2011.

Pouco a pouco a livraria Pedrosa se legitimava no espaço urbano campinense como um lugar destinado à leitura e aos livros, através das maneiras de estreitar uma ligação do leitor com os livros, seja mandados por correspondências para que os leitores praticassem o lazer elegante<sup>48</sup>, seja na forma de organização nas vitrines, na colocação de algumas cadeiras “cativas” no hall de entrada da livraria. Na “Pedrosa” se fazia circular a cultura letrada por meio das mais diversas leituras. Foi esse edifício de livros e de leitores que marcou tantos campinenses, tantos sujeitos, como memorializa Braulio Tavares:

O tempo passa, tão devagar quanto os cabelos pretos. Quando cruzo aquela esquina já não vejo a Livraria, mas ainda escuto a voz de meu pai: “Me pega na Pedrosa às duas, pra gente descer de táxi.” Descobri que as livrarias passam, mas já tinha descoberto antes que os livros ficam; e não será por saber disto que alguns homens se animam a criar livrarias? O correr da vida faz com que se fechem alguns dos Portais que nos transportavam a outros mundos, mas é da natureza destes portais fazer com que a gente aprenda a passar sozinho para o outro lado. Ainda tenho livros onde continua pregado aquele selinho amarelo dizendo: “Faça do Livro o seu melhor Amigo”. O que teria sido de mim sem esta frase?

Selinho esse que carrega consigo uma história, um sentimento, um desejo de formar uma comunidade de leitores em Campina Grande.

---

<sup>48</sup> Segundo a professora Maria Lígia Loureiro e o médico Virgílio Brasileiro, o livreiro através da correspondência enviava livros que em sua opinião iriam agradar ao correspondente, sendo mais uma forma de circular o livro e a leitura em Campina Grande. Os livros eram enviados para as pessoas consideradas leitoras e apreciadores das letras.

## Capítulo 2- Campina Grande: a emergência de uma comunidade de leitores

Ler devagar, com profundidade, com intenção profunda, abertamente e com olhos abertos e dedos delicados. (Jorge Larrosa)

Campina Grande nos apresenta um cenário desejante nas décadas de 1950 e início de 1960. Desejante para quem tem gana de negociar, estudar, ler com profundidade, ler devagar, adentrar nos espaços de leitura, de escrituras e de interpretações. Ler “com olhos abertos e dedos delicados”, de modo bem diferente, das movimentadas ruas de Campina, marcadas pela velocidade.

Nessas ruas movimentadas, sentimos os odores que vêm de várias direções, de corpos que andam, de corpos que ficam. Andar nas ruas de Campina. Ouvir sons, cânticos populares, melodias diversas que circulam no ar e ganham espacialidades em nossos ouvidos, que penetram em nossos poros nos fazendo suar. Olhar e mirar as lojas na Rua João Pessoa, na Floriano Peixoto, na Maciel Pinheiro, cheias de roupas, perfumes, enfeites, frufus, prontos para ser vendidos, prontos para serem comprados para colorir as vidas, as casas, os lugares. Tais ruas de Campina são espaços habitados e consumidos por homens, mulheres, ricos e pobres, trabalhadores, senhoras moralistas e meliantes, homens de negócios e pedintes, enfim; desejada pelos sujeitos que nela circulam, que nela trabalham, que dela se enamoram. (BURITI, 2007, p. 59)

Conforme Buriti 2007, nesse ir e vir de corpos, as ruas se comunicam com os seus transeuntes. É, dessa forma, o aparelho circulatório de andantes, de negociantes. São territórios nos quais circulam memórias e economias simbólicas, poéticas diversas, sentimentalidades. São a geografia de desejos e de perversões, de manifestos e procissões, de passeatas, de protestos e aclames religiosos. Ruas de ócio e de divórcio, de criatividade e alteridades. As ruas são territórios de consumo e de formação de identidades. As ruas encantam com seus códigos, com suas histórias. As ruas têm fôlego, memórias para serem revisitadas através de profissionais interessados em compreender, no patrimônio histórico-cultural urbano, os signos que educam os sentidos de moradores e transeuntes. Em Campina

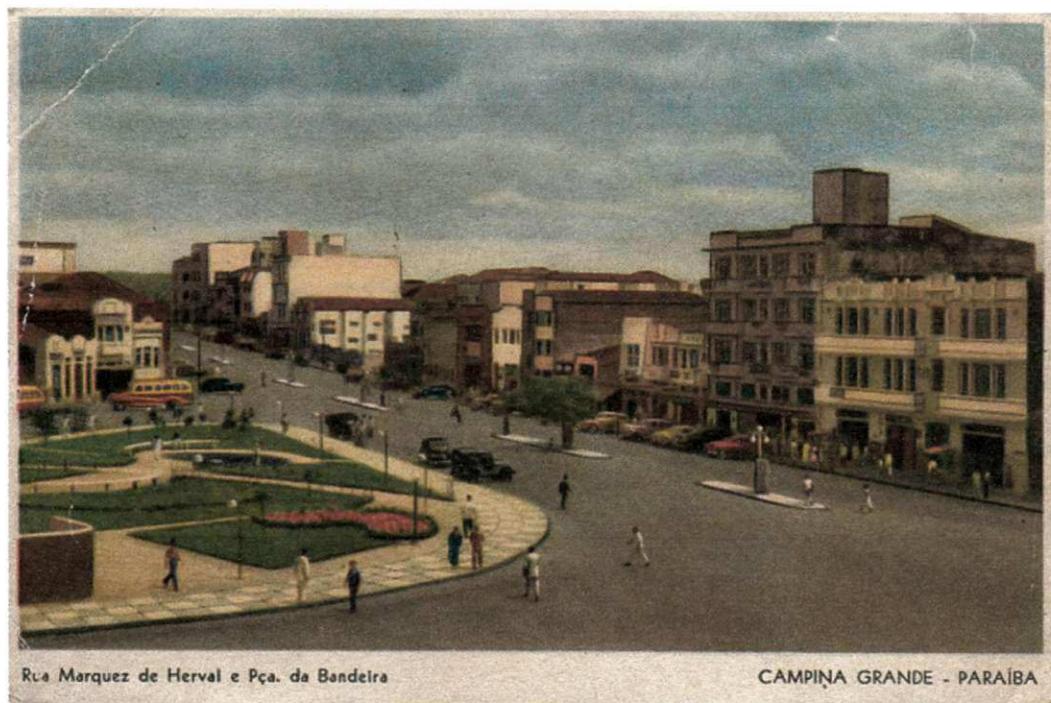
Grande, um desses patrimônios é a Livraria Pedrosa. Patrimônio histórico e sentimental. Cheio de pedras, cheio de memórias, cheio de leitores e de leituras. (2007, p. 59)

Na Rua João Pessoa ficavam muitas das fábricas da cidade que confeccionavam camas, carimbos, estopa, óleos etc. Na Rua Marquês do Herval, a Empresa de Luz, que incomodava “os moradores da praça do Rosário” ao despejar pelas chaminés grande quantidade de fumaça. (QUEIROZ, 2008). Na rua enladeirada da Irineu Joffily ficavam mais residências do que estabelecimentos comerciais na década de 50. Assim, comércio de tecidos, de material elétrico, de roupas *prêt-à-porter*<sup>49</sup>, de utensílios domésticos iam se espalhando nas ruas Cardoso Vieira, Venâncio Neiva, Barão do Abiaí, dentre outras. As ruas mais largas e com maior regularidade no alinhamento das edificações eram a Maciel Pinheiro e a Marquês do Herval. Depois das reformas e construções urbanísticas, tais regularidades foram quebradas, como a Praça Epitácio Pessoa.

Como mostra a fotografia abaixo, a Rua Marquês do Herval, como uma das grandes avenidas. Transeuntes explorando os atrativos oferecidos sejam nas praças, nos estabelecimentos comerciais, no trânsito.

---

<sup>49</sup> A expressão **Prêt-à-porter** vem do francês “prêt” (Pronto) e “à-porter” (para levar), nos termos da moda se traduz por “pronto para vestir” e deriva do inglês “ready to wear” e foi criado pelo estilista francês J.C. Weil, no final de 1949, depois do fim da Segunda Guerra Mundial, em pleno pós-guerra, no auge da democratização da moda surgiu o prêt-à-porter, libertando as confecções da imagem ruim associada ao dia-a-dia, ampliando o campo de ação em todo o mundo e crescendo diante da decadência da alta-costura. É aquela roupa de grife que não é de alta costura. A alta costura é feita sob medida e o modelo é exclusivo. Já prêt-à-Porter as grifes fazem pronta entrega, porem não é feito sob medida e é vendido nas lojas - por exemplo a DASLU. Fonte: <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20060918055020AAhGqb7>



**Foto 12: Rua Marquez de Herval e Praça da Bandeira.** Fonte: [http://cgretalhos.blogspot.com/2010\\_08\\_01\\_archive.html](http://cgretalhos.blogspot.com/2010_08_01_archive.html)

Brescianni enfatiza que a imagem positiva da cidade se funda na ideia de progresso. “A expansão territorial e a variedade das construções e da população. Novos bairros burgueses; praças e jardins, ruas de traçado regular, amplas e arborizadas para o prazer estético do homem.” (2005, p.239). A partir dos elementos simbólicos de modernidade (as avenidas, os serviços de abastecimentos de água, o sistema de iluminação pública, a construção de espaços de consumo), a cidade adquire uma nova fisionomia, segundo os discursos dos habitantes da cidade e seus visitantes. Os prédios comerciais, a avenida larga Marquez de Herval (figura acima), a Praça da Bandeira, a jardinagem, os canteiros bem elaborados arquitetavam uma cidade conectada com a urbanização. Campina Grande ganhava novos traçados urbanos através dos signos do moderno. Nas praças, a organização do verde refletia as cores do progresso.

O comércio campinense tinha cores que transmitiam outros coloridos às transações socioeconômicas. As pessoas passeando, andando, praticando cada

espaço, adentrando na loja de roupas Zé Araújo (onde “quem manda é o freguês), comprando tecidos, gripis<sup>50</sup>, galões e sianinhas para enfeitar os vestidos das festas em homenagem à Nossa Senhora da Conceição. Fazendo compras na Rua João Pessoa ou na Maciel Pinheiro, podendo encontrar os mais variados segmentos comerciais, do atacado ao varejo: lojas de tecidos, miudezas, artigos fotográficos, acessórios gerais para automóveis, oficinas mecânicas e até sucatas. (QUEIROZ, 2008) Destacava-se, também, na Rua Maciel Pinheiro, no andar térreo do Sobrado de Cristiano Lauritzen, a lojinha 4.400, um lugar onde vendia de quase tudo (miudezas, bordados, brinquedos, etc).



**Foto 13: Interior da loja “4.400”.** Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com/2011/08/lojinha-4400.html>

Em cada esquina, transeuntes se mostram com trajes da moda, cujo linho de cor clara combinava com a cabeleira quase sempre bem arrumada. Na Sorveteria Flórida<sup>51</sup>, presente moçoilas, rapazes, crianças saboreando o famoso sorvete da

<sup>50</sup> Um tipo de tecido com textura enrugada.

<sup>51</sup> A lendária Sorveteria Flórida, tradicional ponto de encontro para os jovens, os enamorados e as famílias de nossa cidade era no Edifício São Luís, localizado entre a esquina da Venâncio Neiva e o calçadão da Cardoso Vieira, sendo um dos principais palcos da vida social de Campina Grande acesse: <http://cgretalhos.blogspot.com/2009/11/ontem-e-hoje-o-edificio-sao-luis.html> acessado em 11 de Abril de 2011

cidade, buscando sabores, cores, gostos, lazeres e modos diferentes de divertimento.

Os jornais campinenses, Jornal Diário da Borborema, O Rebate, A Formação, as revistas, Revista Campinense de Cultura, a revista paraibana Nova Era, mencionavam, orgulhosamente, o surgimento de novas cartografias: novos espaços, novas sociabilidades, novas civilidades, sensibilidades, novas configurações urbanas que iam se constituindo em Campina Grande. As sorveterias Flórida, Pinguim, o Taça de Ouro, o Clube Gresse – Grêmio dos Subtenentes e Sargentos do Exército, com as matinês em dias de domingo, o elegante clube Campinense com as tertúlias do domingo à noite, o Clube dos Caçadores com os campeonatos de tiro-ao-prato nas manhãs ensolaradas também de domingo e as grandes festas, animadas por famosas orquestras (TAVARES, 2008); a Livraria Pedrosa, as confeitarias ou quando não ia às matinês do Gresse, iam às principais praças locais para retretar, para conversarem e se divertirem.

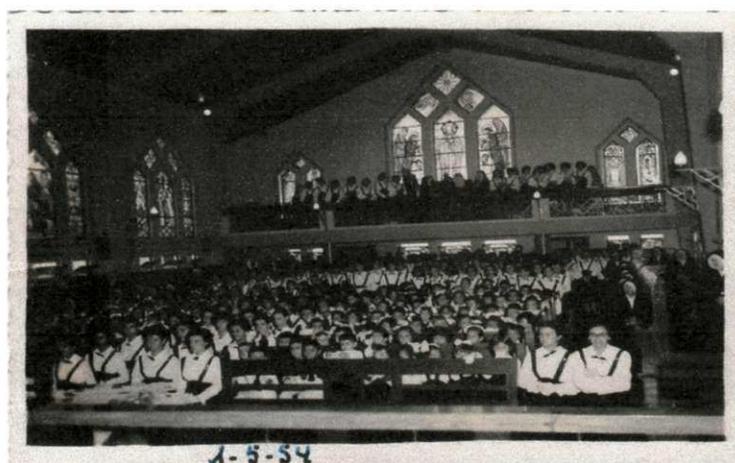
A cidade crescia e se construía, expandia-se com novos bairros, como a Prata e tornava-se, cada vez mais, uma referência educacional para as demais cidades, principalmente após a construção do Colégio Estadual da Prata, o Gigantão<sup>52</sup>, edificado em 1953. O entender de uma *cidade que tem instituições educativas* pressupõe a compreensão de um meio como contexto de acontecimentos educativos múltiplos, tais como: uma estrutura formada por instituições nos âmbitos da educação formal; um conjunto de equipamentos e instituições cidadãos estáveis e não especificamente educativos; um conjunto de eventos educativos ocasionais; um conjunto difuso e permanente de espaços e vivências educativas, que não são planejadas pedagogicamente, mas que compõem a educação não formal da vida cotidiano (TRILLA, 1999).

Assim, a criação e o fortalecimento de instituições de ensino, como o Ginásio Alfredo Dantas, Imaculada Conceição, Instituto da Salete, Colégio Estadual da Prata, Solón de Lucena, a escola Politécnica, dentre outras, atraíam moças e rapazes para a cidade. De fato, é relevante que Campina Grande tenha se tornado

---

<sup>52</sup>“Colégio Estadual da Prata”.

uma opção para os estudantes do interior, que antes se dirigiam para centros mais distantes como Recife, São Paulo e Rio de Janeiro. Moacir Germano é um exemplo de rapaz nascido e criado no interior da Paraíba, natural da cidade de Itatuba<sup>53</sup> que se muda para Campina Grande com interesse de cursar o ensino ginasial no Colégio Estadual da Prata. Como comenta Virgílio Brasileiro<sup>54</sup>: *A cidade de Campina Grande sempre lutou por educação, a cidade estimulava ao pessoal que procurava estudar. Vemos pelos colégios que aqui tiveram, Campina Grande sempre foi uma cidade inquieta por estudo. E Pedrosa percebia isso.*



**Foto 14 e 15: Colégio das Damas (Imaculada Conceição), em 1954.** Acervo: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/> acesso 10 de abril de 2011.

<sup>53</sup> Itatuba cidade do interior que fica 43,7 km de Campina Grande, a quase 36 minutos de carro.

<sup>54</sup> Entrevista com o médico Virgílio Brasileiro, concedida à autora numa tarde de conversas e descontração na casa da professora Maria Lígia Loureiro localizada na Rua Neusa Borborema, Bairro Santo Antônio, 132. Campina Grande. (29.07.2011). Virgílio Brasileiro é médico pediatra atualmente aposentado, nascido em Campina Grande. Formou-se em medicina na Universidade Federal de Pernambuco.

Sobre as instituições de ensino das quais Virgílio Brasileiro cita acima nas décadas estudadas, eram consideradas, segundo a Revista Campinense de Cultura como uma cidade possuidora do melhor equipamento escolar. Destinado ao ensino primário existiam sete grupos escolares na cidade: Dr. Chateaubriand, Anísio Teixeira, Melo Leitão, Félix Araújo, Centenário, Monsenhor Sales e Sólon de Lucena<sup>55</sup>. Destinado ao ensino médio, em 1964 a cidade dispunha de onze estabelecimentos que são: o Colégio Estadual da Prata, Colégio Comercial Municipal, Colégio Pio XI<sup>56</sup>, Colégio Alfredo Dantas<sup>57</sup>, Escola Normal Estadual, Seminário Redentorista, Ginásio Municipal, Ginásio da Imaculada Conceição, Ginásio Nossa Senhora de Lourdes, Ginásio Agrícola e Ginásio Moderno Onze de Outubro. E também, disponibilizava de um ensino superior de qualidade. Com duas Faculdades Federais (Escola Politécnica e Faculdade de Ciências Econômicas)<sup>58</sup> com sede na capital do Estado e duas faculdades particulares (Faculdade de Filosofia e a Faculdade de Serviço Social), Campina Grande em 1964 já inscrevia uma identidade de cidade universitária, com um nível educacional diferenciado das demais cidades interioranas.

Sem contar que fora do esquema do ensino institucionalizado, Campina Grande dispunha de certo número de entidades educacionais, principalmente no campo profissional. Destacamos dentre esses institutos, a escola de Aprendizagem do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), inaugurada no ano de 1950.

---

<sup>55</sup> O Grupo Escolar Sólon de Lucena, foi construído em 1924 para abrigar a primeira escola estadual de Campina Grande. Um projeto arquitetônico do italiano radicado em João Pessoa, Hermenegildo Di Lascio. Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com> acesso em 03 de agosto de 2011

<sup>56</sup> Colégio que matriculava apenas rapazes.

<sup>57</sup> Em 1930, o Tenente Alfredo Dantas Correia de Góes, que detinha o Instituto Pedagógico desde 1919 (gênese do CAD), solicita à Prefeitura Municipal de Campina Grande autorização para transferir seu Curso Propedêutico de Peritos Contadores para o prédio do Grêmio de Instrução, instalando em Campina Grande o primeiro curso secundário, onde mais tarde, em 1936, denominara seu educandário com seu próprio nome, denominando-o de Ginásio Alfredo Dantas. <http://cgretalhos.blogspot.com>

<sup>58</sup> A Escola Politécnica era a mais antiga e também era a mais procurada pelos jovens campinenses. Funcionavam os cursos de engenharia civil e engenharia eletricitista. A Faculdade de Ciências Econômicas com os cursos de economia, administração de empresas, sociologia e política. Quanto à Faculdade de Ciências Econômicas, funcionava no turno da manhã no edifício do Colégio Comercial Municipal. LOPES, Stênio. Panorama Educacional de Campina Grande. In: *Revista Campinense de Cultura*. Edições da Comissão Cultural do Município. Ano II, nº 3, março de 1965. P.55

Em meados da década de 1960, estiveram matriculados nessa escola do SENAI mais de 200 aprendizes menores (entre 14 e 18 anos) e mais de 100 adultos em cursos noturnos de treinamento e aperfeiçoamento nos ofícios de tornearia mecânica, fresa, tipografia, serralharia, mecânica de automóveis, e ainda em complementos de cálculo técnico, matemática de oficina e leitura de desenhos.<sup>59</sup> Dessa maneira, a cidade, mediante os seus intelectuais e empresários, procuram inscrevê-la como um pólo educacional na região Nordeste.

*“Essa inquietação pelo estudo”,* como disse Virgílio Brasileiro, foi o que contribuiu para a cidade ser uma referência no letramento, da alfabetização ao ensino superior, possibilitando a preocupação de construir espaços destinados ao ensino e de formar imagens que reforçassem Campina Grande como uma cidade em sintonia com a cultura educativa. A elite de Campina desejava criar e reproduzir essa imagem para o resto da nação assim mostram as fontes. Assim folheando um exemplar do jornal *O Rebate* do ano de 1949, encontra-se uma seção especial sobre educação, do qual destacamos a passagem: *“A estatística prova com números maravilhosos que o progresso de Campina Grande é todo setor de sua vida econômico social e intelectual (sic). ... Na vida social cultural, dia a dia aumenta o seu conceito como cidade civilizada e progressista.”*<sup>60</sup>

Observamos como era produzido e como circulava o discurso referendando o progresso, a civilidade como capaz de rotulações decisivas numa sociedade, especialmente no que concerne aos aspectos culturais e intelectuais da cidade. Daí se acreditar que a cultura é o meio cada vez mais entendido como termômetro do desenvolvimento de uma cidade. A instrução, talvez, era apresentada à sociedade local como um elemento constitutivo da civilização. Esta ideia era dominante no pensamento de intelectuais, escritores e jornalistas deste momento, como José Américo, Epitácio Soares, Francisco Maria, Cristino Pimentel, Nilo Tavares, Moacir Germano e José Alberto Gueiros.

---

<sup>59</sup> Existiam também numerosas escolas de datilografia, corte e costura, arte culinária, noções de puericultura, destacando-se nesse campo, os cursos mantidos pelo Serviço Social da Indústria (SESI).

<sup>60</sup> Jornal *O Rebate*. Livraria Pedrosa: O serviço da educação e da cultura de Campina Grande.

Os conceitos acerca da cidade de Campina como cenário cultural estavam sendo formulados e reproduzidos num momento em que implicado ao lazer da leitura, da escrita e da instrução estava o desejo de ser moderno e civilizado. Como diz Gueiros (1959), *Entendemos por CIVILIZAÇÃO o grau de adiantamento ético-social de um povo cujos indivíduos respeitam a si mesmos e a coletividade*. Um povo que precisa de educação para seu desenvolvimento social e intelectual perante os demais. Saber respeitar, falar, portar-se, ter eloquência para não mais gaguejar palavras vinculadas ao atraso.

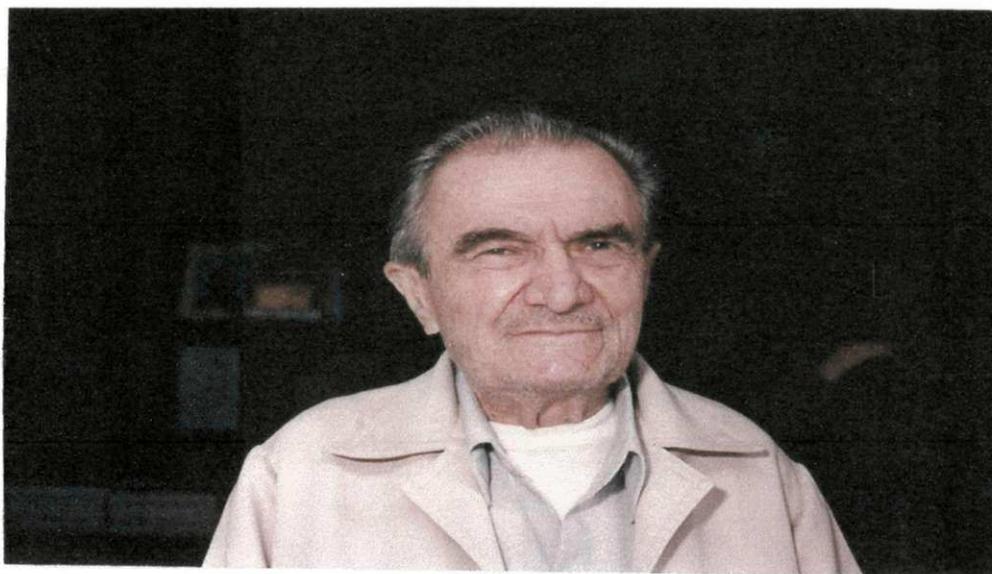
Campina Grande através dos jornais fotografava-se e inscrevia-se como possuidora de um novo ritmo, de um novo tempo. Um ritmo com novas civilidades, espaços, práticas e hábitos, juntamente com as mudanças urbanas, arquitetônicas e educacionais a cidade se produzia a partir de uma identidade civilizada e progressista. É relevante analisar como determinadas instituições que surgiam ou se, talvez, fortaleciam naquele momento estavam vinculadas às letras, ao ensejo de leitura e escrita como as: livrarias, bibliotecas, colégios, clubes e associações literárias sendo materializações da importância que as letras vinham tomando em uma cidade que se movimentava para se conectar com o mundo da modernidade.

Assim, entre os discursos, vai sendo fabricada uma cidade para letrados, uma cidade de letrados. Nesse cenário, emerge a figura de Seu Pedrosa, um homem que, como o próprio nome traduz, vai colocar mais uma “pedra” na edificação de uma urbe conectada com as letras, com os autores e leitores, com as gráficas e editoras.

## **2.1 - Se não tiver na estante, Seu Pedrosa acha.**

Timbaúba-PE, 02 de Janeiro de 1914. Nesse dia, nasce José Cavalcanti Pedrosa, menino que desde cedo desenvolveu o gosto pelos livros. Foi funcionário

do seu tio, o senhor Yoyô Cavalcanti, na Livraria Moderna<sup>61</sup>, instalada no antigo “Beco do 31”. José Pedrosa, o “Seu Pedrosa da Livraria” como era conhecido na cidade, assumiu para si a responsabilidade de promover a cultura letrada, fazer circular a cultura impressa, fomentar iniciativas educacionais, pois ao construir o Edifício do Livro em oito de maio de 1953. Pedrosa inscrevia e escrevia uma nova arquitetura literária no palimpsesto da cidade, utilizando não apenas pedra, cimento, cal e tijolos, mas as escritas de intelectuais que figurariam em sua livraria, vendendo livros de autores que serviam de referência básica para sua produção artístico-cultural, o exemplo das noções de humanidade, nação, bem, verdade, justiça, solidariedade, ética e moral que estavam circulando na época. Muito mais que um prédio, sua livraria era uma criação cultural. Pedrosa se construía em Campina Grande como o mediador entre o livro e a comunidade de leitores, o sujeito possuidor dos canais de comercialização e de divulgação da leitura.



**Foto 18. Fotografia do livreiro “Seu Pedrosa” no Edifício do Livro, já idoso. Ano 1990. Acervo: Família Pedrosa.**

---

<sup>61</sup> Curiosamente, a Livraria Moderna foi montada por Yoyô Cavalcanti com recursos de um bilhete premiado em sorteio de loteria.

Na homenagem feita ao livreiro pela prefeitura municipal de Campina Grande em 2003<sup>62</sup>, retratando sobre o Edifício do Livro, percebemos:

Iniciava-se ali a tradição do provimento da cultura literária e do material didático à população campinense.

Seu Pedrosa empenhou força ao seu comércio relacionando-o ao slogan **"Faça do Livro seu Melhor Amigo"**, transformando, inclusive, o lema da livraria em um programa da Rádio Borborema apresentado diariamente, às 18:00hs, pelos radialistas Gil Gonçalves e Hilton Motta, onde era exposta a análise feita por ele próprio das novidades recebidas, quaisquer área do conhecimento como literatura, social, jurídica, religiosa ou tecnológica, possibilitando ao ouvinte, ter uma sinopse comentada sobre o livro que estava em destaque nas vitrines de sua livraria. Da criatividade do comerciante, nasceu o serviço de entrega em domicílio das obras literárias aos seus clientes, de acordo com sua área de atuação profissional. Favorecido pela estreita relação que detinha com as grandes distribuidoras nacionais, os lançamentos aportavam em Campina Grande simultaneamente com o restante do Brasil, proporcionando a capacitação dos intelectuais da região de forma que se desenvolveu uma fidelização da clientela.<sup>63</sup>

Vemos, nesse discurso, o reforço na produção da cidade e homens letrados, louvando a inteligência, leitura e instrução que Pedrosa almejava para Campina Grande. Através das propagandas da Livraria Pedrosa, escritos em jornais e revistas, de programas rádio, do slogan, do serviço de entrega em domicílio, da distribuição dos livros nas prateleiras e vitrines, os brindes no "Beco do 31 Bar", regado ao drinque criado pelo próprio Cristino Pimentel, composto de aguardente pura e maracujá com açúcar, o livreiro tentava formar uma comunidade leitora e consumidora de ideias e de aperitivos. O livreiro percebia a partir de sua experiência no comércio que a organização de homens em torno da palavra, vinculava-se ao próprio movimento de uma cidade que se modernizava, na qual os mecanismos de circulação e difusão da palavra escrita passavam a ser aspirados por boa parte da sociedade intelectual.

Assim, com o processo de modernização, as livrarias se constroem como um dos espaços de sociabilidade dos intelectuais. Lá os interessados em leitura iriam buscar novos títulos, como Romeu e Julieta de Shakespeare, Dom Casmurro de Machado Assis, os livros de José Américo; A Bagaceira e Parahyba e seus

<sup>62</sup> Livreto **"Homenagem a José Pedrosa, O Livreiro de Campina"**, PMCG, Junho de 2003.

<sup>63</sup> Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com/2009/11/memoria-fotografica-relembRANDO.html>

problemas, Os Sertões, de Euclides da Cunha, exemplares da revista Nova ERA, livro de receitas Dona Benta, as novidades vindas de outros centros ou mesmo produzidas por campinenses, além de serem pontos de encontro dos intelectuais locais. No entanto, Campina Grande possuía outros estabelecimentos como a *Livraria Modelo*<sup>64</sup>, *Livraria Moderna*<sup>65</sup>, *Livraria São Paulo A. Xavier*<sup>66</sup>, *Livraria e Papelaria Cruzeiro*<sup>67</sup>; que vendiam livros e artigos de papelaria, mas a Livraria Pedrosa se destaca não apenas pela venda de livros, mas também como um espaço de socialização do saber.

Somente com a chegada do Edifício do Livro, em 1953, que as livrarias passarão a se constituir como ambientes eminentemente voltados à venda de livros e capazes de atrair a presença de sujeitos inclinados à leitura e à escrita, que percebia esses estabelecimentos como propícios por estar próximo às letras, conhecer as novidades ou encontrar colegas. O problema persistente era que em Campina Grande não existia outra livraria que fizesse concorrência com a Pedrosa, devido ao grande sortimento de livros, além da estreita relação que detinha com as grandes distribuidoras nacionais; *Saraiva, editora Civilização Brasileira, Graal, Melhoramentos, Globo, Abril Cultural*<sup>68</sup> promovia à cidade lançamentos simultaneamente com o restante do Brasil, proporcionando a capacitação dos intelectuais da região de forma que se confeccionou uma fiel clientela.

Na crônica “A Livraria Pedrosa” de Braúlio Tavares, filho de Nilo Tavares, amigo do livreiro, intelectual, cliente e assíduo frequentador da Livraria destaca nos seus escritos que:

Existiam outras boas livrarias em Campina Grande. Como a Livraria Nova, em frente ao Alfredo Dantas, me proporcionou novas descobertas e revelações; na Livraria Universal, na frente da galeria Palomo, comprei meus primeiros livros de cinema; a lojinha das Edições de Ouro, ao lado do Capitólio, era uma pequena gruta de Aladim; e foi no sebo Câmara, perto da Varig, que descobri o “Kaos” de Jorge Mautner e minha primeira

<sup>64</sup> Propaganda da livraria encontrada no Jornal Formação. Ano XV Edição de Dezembro de 1950. P. 03

<sup>65</sup> Propaganda da livraria Jornal O Rebate. Campina Grande. Edição de 04/10/1953. P.02

<sup>66</sup> Propaganda da livraria Jornal o Rebate. Edição de 04/10/1949. P.11

<sup>67</sup> Anúncios das livrarias no Jornal O Rebate, 04/11/ 1957.p.02

<sup>68</sup> Editoras de alguns dos livros que tive acesso através das pesquisas, vendidos na Livraria Pedrosa.

antologia de Drummond. Mas a Pedrosa era a soma disto elevada ao quadrado.(TAVARES, 2003)



**Foto 16. Nilo Tavares e Seu pedrosa na Livraria Pedrosa.** Conforme notamos nas vitrines anunciavam a homenagem ao amigo e escritor Nilo Tavares. Era dia de lançamento do seu livro, numa manhã de sábado às 10 horas. Provavelmente fim dos anos 60. Acervo: <http://mundofantasma.blogspot.com/2008/03/174-livraria-pedrosa-11102003.html/174-livraria-pedrosa-11102003.html>. Acesso: 29/12/2011

A diferença era que a Livraria Pedrosa tinha peculiaridades que as demais não conseguiam fazer concorrência, por mais que existissem outras livrarias na cidade como a livraria Nova, a livraria Universal, o sebo Câmara, Pedrosa conseguia aglutinar num só espaço variedades em livros, lançamentos, cultura, lazer, intelectuais, pessoas interessantes para flertes, para retretas, para bebericar, além de ter um “precinho mais em conta”. A livraria era mais que um local de vender livros e material escolar. Era um ponto de encontro. Isso fazia a diferença. O sujeito frequentava o ambiente não apenas para comprar material, mas para consumir as conversas, consumir o espaço, como diria Certeau. Na entrevista com Pedrosinha<sup>69</sup> descobrimos como o livreiro conseguiu esse grande diferencial.

<sup>69</sup> Filho do livreiro, José Pedrosa.

“Papai não gostava de ser chamado de comerciante, era o Livreiro. Ele procurava baratear o custo do livro, é tanto que se tivesse a isenção do ICMS do preço do livro o valor cairia bastante. Como papai tinha muitos contatos, amigos com partidos e bastantes políticos, se bem que ele não discutia política e não dizia seu voto a ninguém. Lembro-me bem uma conversa que Vital do Rêgo e Pedro Gondim estavam na Livraria e eu a espreita. Papai abordou o assunto de reduzir ou isentar o ICMS do livro. Pedro Gondim prometeu a isenção caso fosse eleito. Apenas lembro que Pedro Gondim foi eleito e se passaram meses, não sei quantos meses. Mas um dia, como papai gostava de tomar umas e outras, após o aperitivo ligou para Pedro Gondim no Palácio, e se apresentou: - Aqui é Pedrosa da Livraria. Conversou alguma coisa e disse: **Governador, se preciso for, prendam o livreiro, mas libertem o livro na Paraíba.** Não deixava de ser uma pedrosiana.”

Se fosse preciso, que levassem o livreiro para a sarjeta, mas os livros deixassem para que libertasse o povo campinense da ignorância! A ideia do livreiro, como gostava de ser chamado, era disseminar esse discurso, pois através das ações, gestos, intenções, comportamento, Pedrosa se construía para a cidade como um símbolo da cultura letrada. A opção de não conversar sobre política, de não se posicionar a favor ou contra Pedro Gondim ou qualquer outro político, em seu estabelecimento comercial nada mais justificável para não haver discórdia, contratempos, futuras desavenças, mas segundo Pedrosinha isso não se reduz em concluir que o José Pedrosa fosse apolítico, muito pelo contrário, defendia a “ferro e a fogo” suas convicções em torno da política, mas na livraria era imparcial, não se pronunciava, pois poderia se comprometer, bem como comprometer as suas vendas, os seus negócios.

A redução do ICMS dos livros conseguidos pelo Livreiro foi também, mais um dos meios facilitadores para a circulação da cultura letrada e também para formar uma comunidade de leitores. Pois através dessa facilidade o acesso ao livro e a leitura possibilitariam novas práticas de civilidade, como por exemplo, para as mulheres, aprender as modas e os modos de comportamentos.

Nesse palco de legitimações de identidades o livreiro inicia através de seu estabelecimento a circulação da cultura letrada em Campina Grande lançando artifícios para atrair ledores, amantes por livros. *O livro – êsse (sic) audaz guerreiro,*

*que conquista o mundo inteiro*<sup>70</sup>, a escolha por Castro Alves na propaganda, para ilustrar a Livraria Pedrosa que semeia livros parece acenar a uma casa comercial em que estes saltavam aos olhos, sensíveis aos sentidos do leitor, ou de visitar uma seção de livros.

Em meio a vitrines de vidro transparente, portas de madeira, estantes e balcões, o visitante adentra os espaços da Livraria Pedrosa. Ao adentrar, o mesmo visualiza uma série de livros, artigos para presentes, serviços tipográficos, canetas, cadernos, borrachas, cartões *ambrosiana*<sup>71</sup> e blocos de papéis que traziam as marcas do tempo, disputando a atenção com livros universitários e livros da literatura brasileira. As prateleiras de madeira escura ornamentavam todo o interior da casa comercial, com inúmeros marca-livros com escritos do slogan da Livraria: "*Faça do livro seu melhor amigo*".

As vitrines sempre bem arrumadas para a mostra de livros, organizados, dispostos em pilhas para seduzirem os consumidores, clientes-leitores, letrados que se fascinam pelo mundo das letras, pelas palavras dadas, fabricadas por outros, tecidas por sujeitos de vários lugares. Juntavam-se nesse espaço de compras e de consumos de ideias, meninos e meninas, pais e mães em busca de material escolar, de livros que faziam parte da lista escolar da Escolinha da Salete, do Colégio das Damas, do Ginásio Alfredo Dantas, do Colégio Pio XI, dentre outros. Olhares de adolescentes, crianças e jovens em busca de cadernos de desenhos, de cartolinas para trabalhos escolares, de cadernos de arame ou brochura, buscando a mais bonita entre as capas. Olhares e gestos que escolhiam a borracha *prima*, os lápis comuns da Faber Castel, os compassos para as aulas de educação artística, os esquadros, réguas e apaga-borrões os mais diversos. Uma lista de compras nas mãos dos pais e uma lista de ideias na cabeça dos meninos.

---

<sup>70</sup> Jornal O Rebate. Livraria Pedrosa: O serviço da educação e da cultura de Campina Grande.

<sup>71</sup> Cartões vendido da Livraria Pedrosa. Eram cartões para a escrita de mensagens de felicitações.

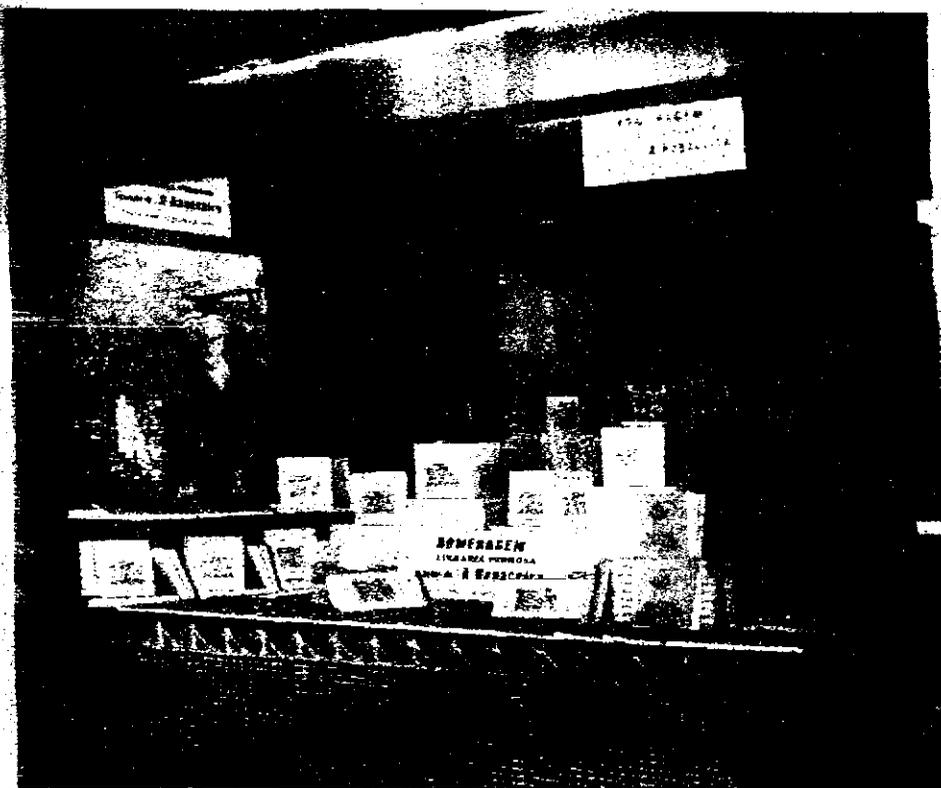


Foto 17. Vitrine organizada para homenagear José Américo, com o livro *A bagaceira*. Acervo: Pedrosinha, filho do livreiro.

Marcando ainda o espaço da Livraria Pedrosa, destacava-se a *galeria do coração e da saudade* que chamava a atenção ao entrar na Livraria, com fotos de pessoas que se destacaram na história campinense e de escritores, decoravam as paredes com traços saudosistas. Essa galeria além de realçar os sentimentos nas palavras dadas a ler na exposição, nomeada *galeria do coração e da saudade* configura sentimentos de destaque aos intelectuais que por ali passaram; *Lopes de Andrade*<sup>72</sup>, *Dr. Antônio Telha*<sup>73</sup> e *Cristino Pimentel*<sup>74</sup>, que participaram e contribuíram

<sup>72</sup> Nascido em Queimadas dedicou-se ao estudo da literatura e da Sociologia, vindo a publicar, em 1947, o seu primeiro livro – *Introdução a Sociologia das Sêcas* ( sic). Jornalista com uma coluna no

em construir uma história letrada para Campina. Portanto, através da galeria visualizam algumas das várias intenções que o livreiro tivera, pois traduzem algumas das preocupações com a memória destes intelectuais para a história e evidenciando que todos citados eram amigos de Pedrosa.

Existem, portanto o lance de identificar o livreiro como amigo dos sujeitos letrados e também construir um lugar para Pedrosa, amigo de letrados e que sua fotografia está num espaço sociabilizado por letrados. *Não bastava ser um homem de letras, era preciso parecer e ser reconhecido como tal pelos seus pares* (MELLO, 2008).

Na entrevista com Pedrosinha<sup>75</sup> percebemos através de seu depoimento o quanto o livreiro preocupava-se com a memória do seu negócio:

“Na época da inauguração do Edifício do Livro, Papai tinha um livro de memórias. E aqui está um depoimento de Félix de Araújo falando da inauguração e outro depoimento de Plínio Lemos. Após Félix Araújo, Plínio Lemos assumiu a gestão de Campina. Apesar de serem políticos divergentes as opiniões sobre papai eram convergentes.”

---

Diário da Borborema o intelectual também foi professor da Faculdade de Ciências Econômicas. Fonte: Coletânea de autores Campinenses. P. 140

<sup>73</sup> Dr. Antônio Telha nasceu em João Lourenço da Mata (PE). Veio para Campina Grande em 1915 com vinte quatro anos. Bacharel em Direito e técnico em Contabilidade. Participou da vida intelectual da cidade com uma produção poética que reunida, fez um livro. Fonte: Coletânea de autores Campinenses. P. 61

<sup>74</sup> Cristino Pimentel era escritor, poeta, cronista que não tinha formação acadêmica, mas era amante das letras. Natural de Campina Grande, iniciou sua vida como tipógrafo do Correio de Campina, depois montou um estabelecimento chamado “a fruteira” – casa comercial que se tornou conhecida como centro de reuniões dos intelectuais da cidade. Ali ele escrevia suas crônicas para os jornais, participando, inclusive como membro de grêmios, da vida literária campinense. Publicou os seguintes livros: Dois poetas, pedaços da História da Paraíba, Abrindo o livro do passado e Pedaços da História de Campina Grande. Fonte: Coletânea de autores Campinenses.

<sup>75</sup> Entrevista concedida a autora pela manhã no dia 20 de outubro. Pedrosinha é um dos filhos do Livreiro que emocionado lembra-se de seu pai com bastante orgulho.

Diary of Medicine

Figura de fimo de a testas.

improvisada da sociedade de

Paulista de Nova Pádua e de

Paulista e Carolina Grande

degrau de insidioso later al mais

distinta portabilidade ex influencia

da CULTURA e da LINGUAGEM

de HUMANAS, no campo de

opercões sustentadas por e em

suos aspectos historicos e sociais, a

linguagem de Polaris e o reflexo de

suas obras, metaparasitica, definitiva,

pronta, a ditadura da palavra

usada Carolina Grande

1954

Paulista

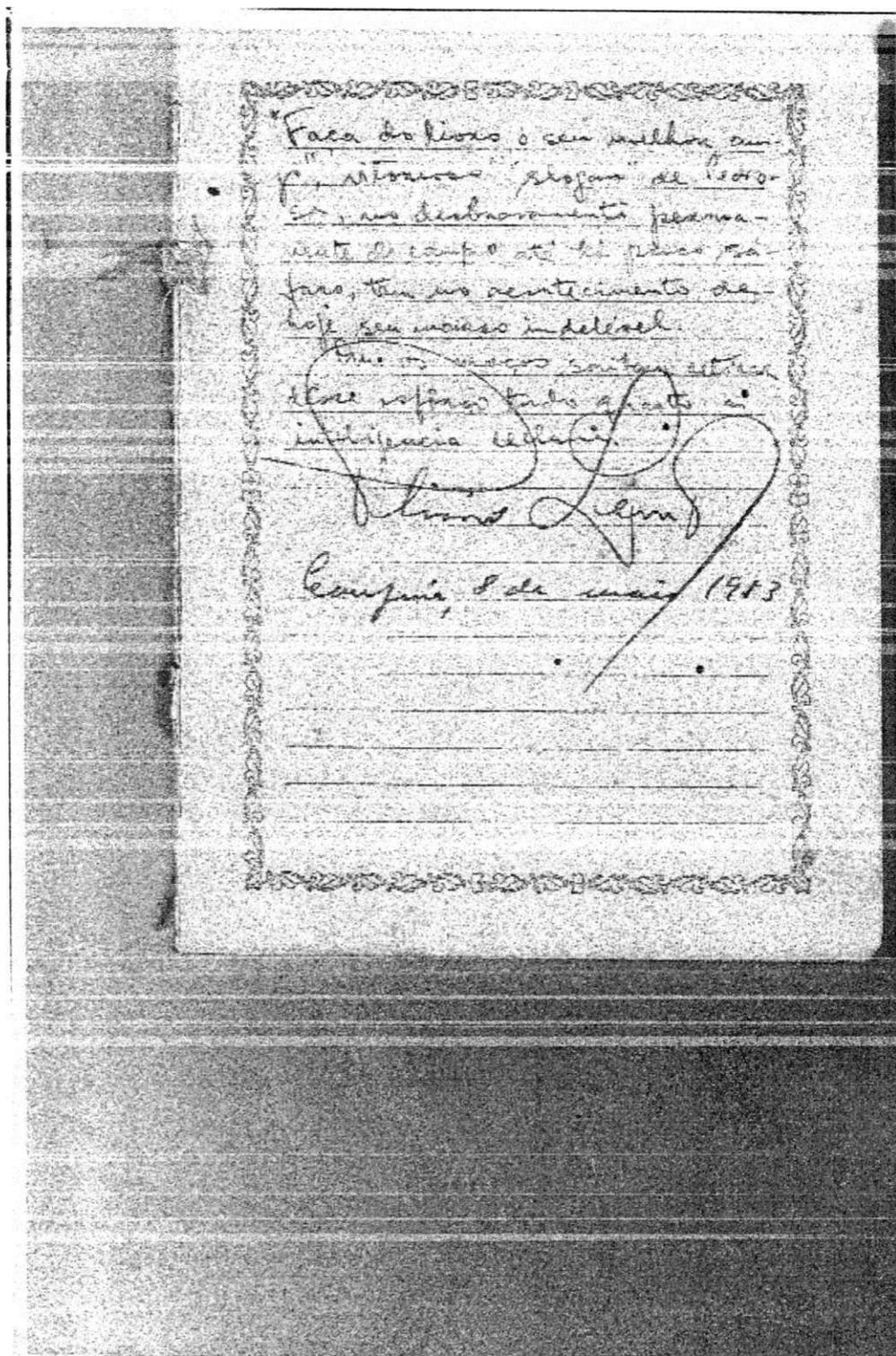
para cada

assunto

uma fase

outra mais

Paulista



**Foto 18 e 19.** Depoimento de Félix Araújo e Plínio Lemos deixado no caderno de registros no dia da Inauguração da Livraria Pedrosa. Acervo: Pedrosinha, filho do Livreiro.

O caderno, a memória, a caligrafia elaborada, o registro deixado, a opinião construída, a assinatura, as pessoas convidadas para a inauguração, oferecem

rastros indicativos das pessoas que frequentavam e praticavam o espaço. Félix Araújo, Plínio Lemos, Jorge Amado além de frequentadores eram também amigos do livreiro como bem relata Pedrosinha:

“Muita gente pensa que Jorge Amado apenas veio para Campina Grande nessa época em 1958. Em 1958 ele veio participar do filme “Dona Flor e seus dois maridos” financiado por Newton Rique e papai o convidou para lançar o seu livro na Livraria Pedrosa. Muita gente pensa que foi a primeira vez que o escritor veio a cidade, mas não foi. Sei que 1958 ele veio porque foi almoçar lá em casa. Lembro-me muito bem, eu tinha 17 anos. E uma coleção de capa dura que tínhamos de Jorge Amado. Logo, lá em casa, somos 10 filhos e ele autografou para cada filho, um livro e no meu ele escreveu apenas assim: Para Pedrosinha: viva o XIII. O treze era em algarismos romanos.”

Na imagem abaixo, vemos a elegância nos trajés, o refino dos utensílios, a pose para o *flash* são possivelmente dispositivos construídos pelos letrados como um conjunto de regras que permeiam no meio intelectual. Assim o sorriso discreto do sociólogo Lopes de Andrade, o detalhe da gravata borboleta do Dr. Antônio Telha, o óculos de Cristino Pimentel criavam um conjunto de signos na cidade indicativos de comportamento, modelo de conduta, valores e também vestuário.



**Foto 20: Galeria decoração e da saudade.** Da esquerda para a direita: Lopes de Andrade, Dr. Antônio Telha e Cristino Pimentel, dono da tão conhecida “A Fruteira” na década de 30. Foto foi tirada em 1992. Acervo: João Pedrosa



**Foto 21. Uma visão de como era a organização das molduras no espaço interno do Edifício do Livro, de portas fechadas. Nas fotos aparece Jorge Amado, o livreiro Pedrosa entre outros escritores consagrados que passaram pela cidade e deram sentidos as palavras escritas. Foto foi tirada em 1992. Acervo: João Pedrosa**

Nas paredes da Livraria Pedrosa, a lembrança de uma saudade no coração de Campina, que possivelmente fizera e deixara para a cidade um bem para todos os conterrâneos através das palavras dadas a ler, para *novos leitores que ainda iriam nascer*. As fotografias colocadas acima das estantes de livros compõem um cenário quase que parecido com um coliseu. Aquele espaço com tantas estantes, medindo quase dois metros de altura, cheinhas de livros e acima dessas, quadros emoldurados com pessoas importantes que contribuíram para Campina ser *Grande*, confeccionava um cenário semelhante como a arena do filme *Quo Vadis*. Uma arena de livros, de sentidos, palavras, sensibilidades que o público desejava; não aquela arena aos moldes do imperador Nero e da mocinha, um palco para as discussões intelectuais. Não era o cine Capitólio. Não tinha o lanterninha, o ingresso, o *escurinho do cinema*, o rolete de cana após a sessão. Mas tinham os livros, as palavras e as coisas. Seu Pedrosa, homens de letras conversando no hall de entrada da livraria, o vendedor de *alfenim*<sup>76</sup> na calçada, a mesma que anos mais

<sup>76</sup> Doce de massa branca e açúcar. Vendido principalmente nas feiras.

tarde seria das três ceguinhas<sup>77</sup>, funcionários detrás dos balcões retirando, oferecendo, mostrando os lançamentos de livros aos leitores. Tinha também o *slogan* nas paredes, nos marcadores de livros, nos cartões confeccionados pela livraria.

Existia no Edifício do livro uma movimentação em torno das obras, das informações, do letramento, das palavras, de tudo isso que foi indicativo para popularização da cultura letrada. Destarte não tinha o cartaz do filme *Quo Vadis* colado na parede do Cine Capitólio, mas tinha na Livraria Pedrosa, era outro tipo de divertimento, outra praia, outro lazer. O lazer elegante de ler e bebericar.

Ao adentrar na livraria o sujeito campinense se via rodeado por amigos-livros, autores, escritos, *slogan*, nomes de paraibanos importantes para a cidade, saudade, lembranças e sentimentos. O espaço tinha uma atmosfera voltada ao letramento, ao saber, sem deixar de mencionar que as andanças do livreiro por entre as estantes do salão central possibilitava a produção, de autoridade referente a cultura letrada. Esta descrição faz parte de uma Campina que escolhemos para narrar, para problematizar. Existiam outras, sem letras, pobre, suburbana, periférica, sem escola e sem livraria. Não pense o leitor que desconhecemos as demais ou que a escondemos debaixo do tapete da livraria. Apenas não iremos narrá-la neste espaço.

## **2.2 - Café com palavras: livros, escritos e bebidas**

O crescimento da cidade de Campina Grande, a diversificação das atividades econômicas, a ampliação do mercado e do público consumidor, a vida atribulada

---

<sup>77</sup> As três, Poroca, Maroca e Indaiá são cegas de nascença passaram a infância e juventude cantando nas feiras do interior dos Estados de Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas e, também, Paraíba. Em meados dos anos 70, elas passaram a viver em Campina Grande em companhia da mãe, de parentes e agregados, a quem sustentavam com as ofertas em dinheiro que conseguiam cantando no centro da cidade. Em 2006 foram protagonistas do filme "A pessoa é para o que nasce", de Roberto Berling e modelos da nova campanha da marca Cavaleira. Receberam os Títulos de Mestres das Artes por propositura de uma ONG. Para mais informações acesse: Fonte: <http://www.noembalo.com.br/as-ceguinhas-de-campina-grande-1980.html#ixzz1W39xVVJ8>

incorporou hábitos de consumo da leitura e do livro. Um espaço destinado exclusivamente à compra e venda de livros, um café para reunir jovens boêmios e antigos homens de letras para retretas informais acerca da leitura e/ou do mundo, são todos indicativos de uma cultura letrada que ganha a cidade.

Assim ciente que a livraria é sua casa de negócio, o livreiro, que em razão da sua paixão pelos livros é um comerciante, precisava diferenciar sua mercadoria daquelas vendidas nas outras casas do ramo. Seus livros não poderiam ser apenas brochuras, papéis ou encadernações. O leitor é um sujeito distinto, instruído que precisa de uma atenção a mais. Porque além de formar uma comunidade de leitores, os letrados ofereciam a cidade aspectos vinculados ao letramento, a educabilidade e a cultura. Como diz Medeiros Neta (2011) “[...] cidade e suas experiências de “letramento” são detentoras de sociabilidades formativas e investida de função pedagógica, em que se moldam valores e modelos de conduta, daí a concepção da existência de uma pedagogia dos desejos na cidade”.

Foi nessa pedagogia de desejos que o livreiro almejava desde sua primeira investida na Livraria Pedrosa na década de 1930, pois Campina Grande ganhava um novo corpo. Um corpo urbano, letrado cujos moradores construíam espaços para fomentar cada vez mais a ideia de formar leitores e amigos dos livros.

A Livraria Pedrosa, segundo as entrevistas de antigos frequentadores, era um espaço acolhedor para amantes de livros e leitura, os clientes-frequentadores se sentiam a vontade no estabelecimento porque o livreiro, além de amar a leitura era poeta<sup>78</sup>, conseguia conquistar os clientes, com seus escritos. Conta Braulio Tavares (2009):

Uma livraria não vende apenas objetos, vende também a sensação de que o cliente está compartilhando um espaço mental com pessoas cuja presença ali é meramente simbólica. A livraria é um ponto de encontro de pessoas (como o foram durante tantos anos as saudosas Livraria Pedrosa, em Campina, e Livro-7, no Recife), um espaço de convivência, uma praça com estantes no lugar de árvores e balcões em vez de

---

<sup>78</sup> O livreiro tinha costume de escrever algumas poesias que o mesmo as denominava de “Pedrosianas”. Hábito não muito divulgado nos meios públicos, mas entre seus amigos e familiares o livreiro comentava e recitava alguns de seus versos. No anexo do trabalho dou a ler alguns dos versos do livreiro.

jardins. Um lugar onde conversamos sobre política, futebol, mulheres, religião, cinema, e, inevitavelmente, sobre livros.

A sensação de compartilhar um espaço mental era incrementado ainda mais, talvez, porque existiam as cadeiras cativas no *hall* de entrada da livraria que na maioria das vezes se encontravam pessoas sentadas com livros, jornais e/ou revistas em mãos. Utilizavam o espaço da livraria também para outros fins, compartilhavam a leitura de modo que define assim, práticas ligadas a sociabilidades do exercício de ler. *Tal prática preenche horas de folga, fortalece as amizades, nutre pensamentos* (CHARTIER, 2001, p. 149) De acordo com o depoimento da professora Lígia Loureiro podemos imaginar um pouco o cenário:

No hall de entrada da livraria tinha algumas cadeiras, acho que duas ou três, não lembro muito bem (risos) algumas até cativas com os respectivos nomes escrito. Era certo encontrar no final das tarde pessoas importantes de Campina Grande ali sentada conversando sobre livros. Se quisesse falar com Eptácio Soares, Nilo Tavares, Cristino Pimentel, Lopes de Andrade, Dr<sup>o</sup> Bezerra de Carvalho, bastava ir a livraria ao cair do sol. Sempre estavam ali<sup>79</sup>

Durante a entrevista perguntei se a mesma participava dessas conversas sobre livros e leitura na Livraria Pedrosa, ela respondeu

Não, não...não. Era um momento masculino. Nós íamos quando tinha lançamentos de livros, quando escritores famosos da literatura iam lançar seus livros e nos dias de feira do livro. Não lembro de mulheres conversando no hall da livraria, acho que tínhamos outros afazeres domésticos para tomar nosso tempo. Mas em dias de lançamento, ou festa relacionada à Academia de letras de Campina Grande, estava sempre presente, por exemplo, a professora Leônia Leão.

---

<sup>79</sup> Entrevista com a professora Maria Ligia Loureiro, concedida à autora em sua residência na Rua Neusa Borborema, Bairro Santo Antônio, 132. Campina Grande. (29.07.2011)



**Foto 22. A professora Leônia Leão.** Foto tirada na sua casa Av. Rio Branco, s/n.

Lembra a professora Léa Amorin<sup>80</sup> que:

No hall de entrada da livraria... tinham duas cadeiras do lado direito e duas do lado esquerdo, e umas de palhinha mais afastadas para o povo ler. - Eu num estou dizendo que ele (Seu Pedrosa) deixava todo mundo ler, minha filha. Pegavam livros da prateleira e ficavam lendo ali mesmo, liam também jornais. E nos fundo da livraria tinha um espaço para discutir os livros. Eneida e Salete, minhas irmãs, viviam lá. Marcavam com professores, amigos para mostrar os livros novos, as novidades. Ficavam também na porta para paquerar, porque era um lugar também de paquera. Era esquina com Monsenhor Sales. Os rapazes que iam para o Beco 31 passavam pela Livraria Pedrosa, então era um ponto certo para o flerte. Como era bom!

As leitoras iam à Livraria Pedrosa para comprar livros, mas não utilizavam o espaço para conferências e bate-papo como afirma a professora Lígia Loureiro. Exceto Eneida Maracajá e Salete, por serem professoras, constantemente frequentavam, mas muitas delas iam apenas em dias festivos que a livraria promovia. Em muitas ocasiões, a Livraria tornava-se uma geografia masculina, um espaço de conversas entre homens, uma cartografia sentimental voltada ao sexo masculino, muitas vezes assim como os livros, os intelectuais ficavam na vitrine para serem escolhidos, lidos e reescritos. Era, também, uma escrita de si. Como mostra a fotografia abaixo.

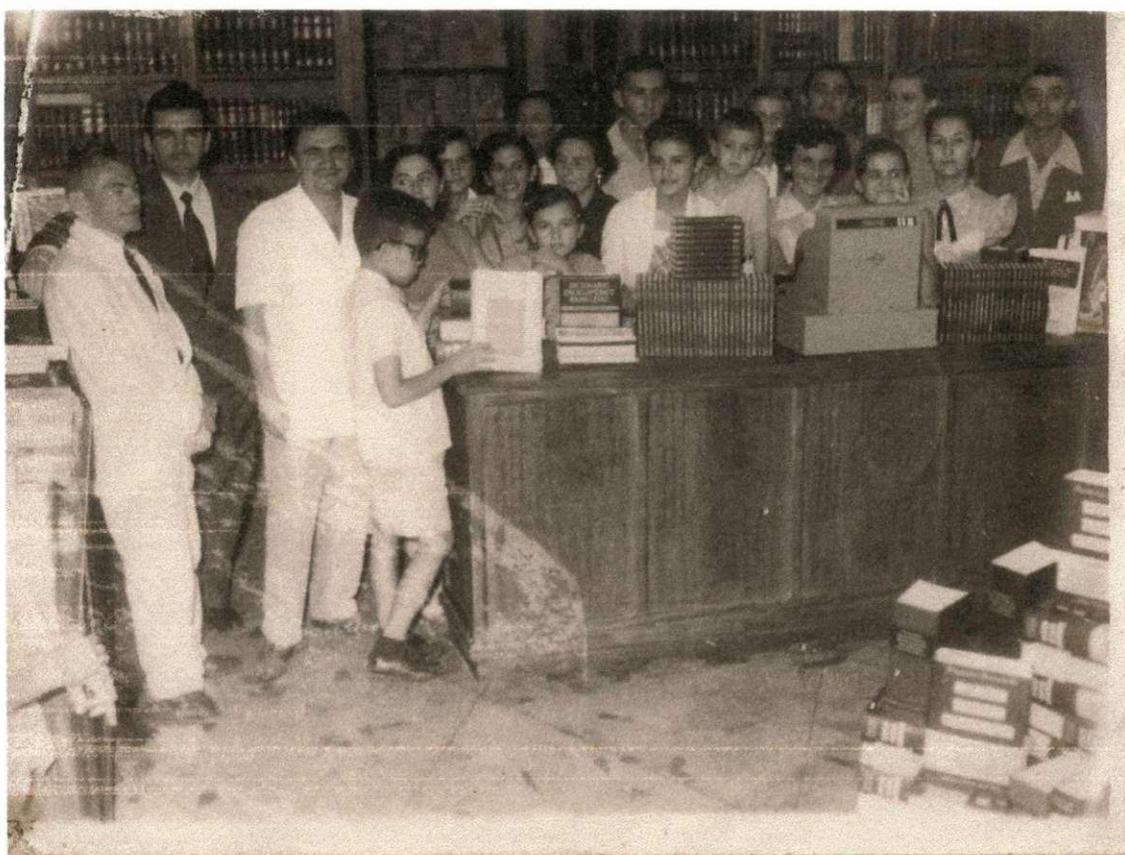
<sup>80</sup> Entrevista com a professora Léa Amorin, concedida à autora em sua residência na Rua Neusa Borborema, Bairro Santo Antônio. Campina Grande. Num tarde chuvosa, mas com muita dedicação. (29.07.2011)



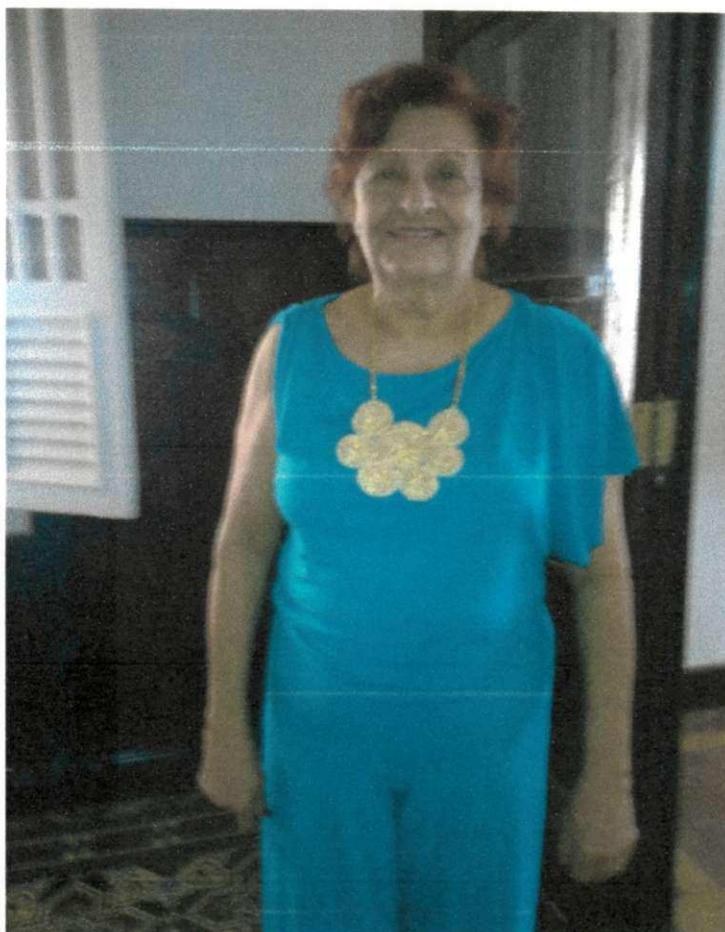
**Foto 23. Fotografia do hall de entrada da Livraria Pedrosa, com as cadeiras cativas em 1970.** Sentados Nilo Tavares e Epitácio Soares. De pé (esquerda para direita); João Marinheiro; Tavares do Rotary; Átila Gomes da Solar; Seu Pedrosa; Zé Laurentino;  
Acervo: <http://cgretalhos.blogspot.com/2011/06/memoria-fotografica-arquivos-de-nilo.html>

O feminino se encontrava, segundo nos mostra alguns dos entrevistados, em suas residências, ou quando casadas, nos portões do Gigantão, Alfredo Dantas, Colégio das Damas, Pio XI ou outros institutos de educação para buscar seus filhos, ou nas cozinhas fazendo quitutes para a filharada, ou cosendo o vestido com fitilhos com muitas cores para a menina usar no dia de Ação de Graça, ou cerzindo a bola de futebol que foi furada pelo pé de laranjeira da vizinha, para o menino. Quando solteiras, estavam nas ruas, comprando, apreciando as novidades dos artigos das Casas José Araújo, paquerando com os chitões, musselina, gorgorão da loja de tecido Campinense, cujo lema era “vender barato para vender muito”

(CAMPINENSE, 1934) ou perambulando pela Maciel Pinheiro, ou passeando para ver os moços na Livraria Pedrosa. Outras nos apenderes de suas casas praticavam o hábito da leitura, envolvidas em romances como Romeu e Julieta, Gabriela - cravo e canela, revistas, como Era Nova para conhecer os *modelitos*, os penteados, os corpetes, as anáguas para deslumbrar nas matinês do Gresse. Essas jovens poderiam está em outros espaços, lendo outras palavras, lendo outros tecidos, costurando novas sociabilidades.



**Foto 26. Dia de lançamento no Edifício do Livro.** A imagem traduz a presença de crianças e mulheres nesse dia festivo promovido pela livraria. Com a quantidade de crianças dispostas para a foto, crianças de todas as idades de calças curtas, talvez o livro lançado fosse infanto-juvenil. Ano 1960. Acervo: Arlindo Pedrosa.



**Foto 24.** Eneida Maracajá 2011. Fonte: Acervo da autora.

As feiras do livro eram oportunidades e também momentos de fazer circular a cultura letrada em Campina Grande, além de também ser mais um tipo de reunião em torno do livro e lazer para moças e rapazes se encontrarem. “Seu Pedrosa” promovia esporadicamente a feira do livro. Um dos seus balcões ficava montado onde era o Bar Beco do 31, na Rua Monsenhor Sales. A cidade apresentava indicativos de circulação de cultura letrada, numa das experiências relatadas pelo jovem, Moacir Germano, apaixonado por livros

eu estava a folhear o livro “Mistério do Encontro”, da autoria de Wladimir Lindenberg, não propriamente na Livraria Pedrosa, mas em um dos balcões da Feira do Livro... Com o livro nas mãos, eu lia um trecho no início, um outro mais na frente, virava páginas, lia mais uns parágrafos quando, sem que eu me desse conta, um cidadão já idoso aproximou-se de mim e perguntou o que eu estava achando daquele livro. Aquela surpresa provocou-me um rápido sobressalto, já que eu não havia notado sua aproximação, concentrado que eu estava na leitura. Mas rapidamente me refiz, e prestimosamente, respondi: “pelo que eu tenho lido, eu estou achando bastante interessante. Do pouco que vi aqui nesse momento, acredito tratar-se de um bom livro, que trata de um

assunto muito significativo para os seres humanos. (GERMANO, 2008, p.116),

E um pouco mais adiante:

Poucos minutos depois, aquele senhor me surpreendeu novamente. É que depois de ter efetuado o pagamento, aproximou-se outra vez de mim e, estendendo-me um dos livros, disse-me: "Este livro é o seu. É um brinde pela boa informação que você me prestou. Na primeira página, eu anotei o meu nome, o meu endereço e o número do telefone. Quando quiser conhecer a minha biblioteca, telefone-me, que eu terei um imenso prazer em recebê-lo. Inclusive, será para mim um motivo de alegria, já que quase ninguém me visita, e eu gosto muito de ver jovens apaixonados pela leitura.". (GERMANO, 2008, p.116)



**Foto 26.** Capa do livro Mistério do Encontro de autoria de Wladimir Lindenberg.

Edição de 1962 .Acervo. <http://www.livrariaphylos.com.br>

O mancebo atraído pelos livros relata como aconteciam as práticas de leitura na época decorrente da pesquisa, pois sabemos que feira gera movimento, ritmo, atenções, dando visibilidade ao produto comercializado, o livro. Isso nos permite analisar que tipos de livros, autores e leituras circulava nessa época. Através dos rastros deixados nos escritos em jornais e revistas, nas memórias dos entrevistados refletimos que existia um público interessado por assuntos esotéricos, como o livro

do qual o jovem estava curiosamente interessado. O livro *Mistério do Encontro* do autor russo Wladimir Lindenberg<sup>81</sup>, uma literatura estrangeira da Editora Melhoramentos, coleção Hoje e Amanhã, publicado em 1962. Na Livraria Pedrosa tinha esse livro e inclusive destaca o mancebo que apenas restavam dois volumes. Além de a leitura cair no gosto dos leitores de Campina Grande, assuntos como religião, esoterismo e divindades eram procurados como *tesouros da juventude*.<sup>82</sup>

As sociabilidades em torno da palavra e da leitura geravam práticas, costumes e preferências, pois o livreiro com a pretensão de

[...] elaborar subjetividades, produzir identidades, adestrar e dirigir corpos e gestos, interditar, permitir e incitar ou ensinar hábitos, costumes e habilidades, traçar interditos, marcas, diferenças entre o admitido e o excluído, valorar diferencialmente e hierarquicamente gestos, preferências, opções, pertencimentos, etc.(ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p.01)

Tomando iniciativas da feira, dos lançamentos de livros, da ida a livraria, da compra de livros, do serviço de entrega a domicílio, do programa de rádio diário transmitido pela Rádio Borborema à tardinha, fomentavam construções de sociabilidades antes não praticadas. A livraria com tais serviços e novidades gerava nos corpos campinenses que “podiam” e “praticavam” o *hobby* elegante mudanças no cotidiano, típicas de uma cidade moderna ou que se dizia moderna. A construção de estilo de vida letrado e civilizado se dá pela dimensão da educação, pois a cidade moderna tornou-se *locus*, por excelência, dessas mudanças advindas com transformações da economia e da vida política, não como receptáculo passivo, mas como produtora de novas formas de sociabilidade e interação social. (VELHO, 1995).

Construindo estilos de vida, igualmente, subjetividades e sensibilidades advindas pela apropriação de leitura, produzindo comportamentos, novos gestos, modos que os livros e a leitura configuraram novos sentidos nos campinenses, como bem lembra Chartier( 1990, p.123)

---

<sup>81</sup> Médico russo que a parti de 1947 começou seus trabalhos na literatura.

<sup>82</sup> Essa coleção foi criada para jovens e crianças na década de 1920 e reeditada em 1958, fazendo parte da educação de muitos familiares.

A leitura é uma prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo algum redutíveis apenas as intenções dos autores... é uma "caça furtiva", no dizer de Michel de Certeau. O leitor encontra-se, sempre inscrito no texto, mas por seu turno, este inscreve-se diversamente nos seus leitores.

Essa "caça furtiva" pela qual se refere Certeau aparece nos significados produzidos pelas palavras. Os leitores e o livreiro são caçadores e a caça, são as palavras e os sentidos atribuídos a essas. Como presas de um caçador do progresso e pelo letramento, os livros mostram-se como caças aos letrados. Cada caça inscrita no texto é furtada pelo caçador e configuradas nos agires e fazeres da rotina. Muitas vezes o leitor é também uma "presa furtiva" que escapa dos limites impostos pelos autores. (OLIVEIRA, 2009)

Assim as reuniões em torno da palavra e da leitura aconteciam de maneira informal. Num diálogo entre dois caçadores-intelectuais campinenses o advogado Hortênsio Ribeiro<sup>83</sup> e o jornalista Epitácio Soares<sup>84</sup>, analisamos como se davam algumas das presas vendidas no estabelecimento.

Recordo, a propósito, um fato simples, ocorrido certa ocasião na Livraria Pedrosa. Pedi ao Dr. Hortênsio sua opinião sobre **Bertrand Russell**, cujas obras completa o livreiro José Pedrosa recebera naquele dia da editôra, e ele respondeu-me com essa pergunta jocosa, como as vezes costumava fazer: - Quem é esse sujeito?<sup>85</sup>

No diálogo entre o advogado e o jornalista, possibilitamos algumas interpretações. No diálogo, a lei e a norma do advogado comunicam-se com as notícias jornalísticas, com o cotidiano campinense. A livraria além de ser possuidora de livros inéditos, como as obras de Bertrand Russell, era um espaço em que as

<sup>83</sup> Advogado formado pela Faculdade do Rio de Janeiro colou grau em 1918 e voltou para sua terra natal para exercer suas atividades, ingressou no magistério e no jornalismo. Em 1923 fundou a "Gazeta do Sertão", segunda fase. Colaborador durante muito tempo nos jornais da capital foi fundador da Academia Paraibana de Letras e sua produção literária, dispersava-se por entre jornais e revistas. Considerado um dos intelectuais autênticos de Campina Grande. Ver: *Coletânea de Autores campinenses*. Edições da Comissão Cultural do centenário, 1964. p.30

<sup>84</sup> Jornalista trabalhou na Voz da Borborema. Em 1937 passou a compor o corpo redacional do Diário da Borborema. Ver: *Coletânea de Autores campinenses*. Edições da Comissão Cultural do centenário, 1964. p.147

<sup>85</sup> Epitácio Soares em "Fiapos de memória" publicado na Revista Campinense de Cultura do ano de 1964 nos fornece pistas das práticas de leituras na livraria Pedrosa.

conversas e as experiências sobre livros e leituras ocorriam de maneira sociável, embebidas por sentimentos de *um* mostra-se superior ao *outro*, de competitividade. (COSTA, 2009, p.37) Já que existe uma relação de força estabelecida no campo intelectual. Sendo um lugar de disputas, a leitura se vê dominada pela academia, autodeclarada a detentora da capacidade de legitimar ou desqualificar obras e práticas, e seus respectivos leitores ou praticantes (OHARA, JOANILHO, 2008).

Na pergunta do jornalista sobre a opinião de Dr. Hortênsio referente ao filósofo Bertrand Russell<sup>86</sup>, possibilita-se imaginarmos como aconteciam às disputas filosóficas, na presença de outros caçadores, intelectuais, políticos e letrados que faziam da livraria um espaço para o lazer e conversação. O que é possível ler, também, é que nesse espaço as muitas profissionalizações (médico, advogado, jornalista, professor, etc) são representadas numa só: sujeito-leitor-caçador.

Pelo que parecem, eram momentos de reuniões espirituosas, entre amigos, entre sujeitos que caçam, que leem, que fazem dos livros seus melhores amigos. Sujeitos que se diziam capacitados, que primavam pelo progresso e a educação de Campina Grande possibilitando reflexões que modificam as relações do homem com os outros e os poderes. Sujeitos que tem a certeza que, *Saber ler é primeiramente a condição obrigatória para o surgimento de novas práticas constitutivas da intimidade individual* (CHARTIER, 2001, p.119).

Tais “práticas constitutivas da intimidade individual” das quais Chartier cita, diz respeito à maturidade intelectual de que o sujeito leitor se apropria através das palavras dadas a ler pelo autor. As letras, o conhecimento, a instrução lhe fornecem subsídio para palpites e opiniões sem devaneios. O livreiro além do tino para com os negócios tinha a preocupação com o letramento dos campinenses sabendo aglutinar a experiência dos alfarrábios da cidade com o que Campina necessitava para *elevantar-se, libertar-se da ignorância*.

---

<sup>86</sup> B. Russell (pensador britânico 1872-1970)

As reuniões, rodas, círculos, conferências em torno da palavra acontecidas nas dependências da Livraria Pedrosa fomentava o desejo do livreiro<sup>87</sup> por livros e leitura, realçando seu poder de fala. No entanto por fazer parte da elite letrada campinense, os amigos letrados se reuniam no estabelecimento para longas prosas culturais. Como Dinoá relata em seu livro de memórias (1993, p.217).

Nas dependências da tradicional livraria Pedrosa, havia um “bacurau literário”, onde se reuniam a maioria dos intelectuais campinenses do passado, tais como Eptácio Soares, Claudio Porto, José Leite Sobrinho, Dr. Antônio Queiroga, Massilon Caetano, Werner Carvalho, Dante Cavalcanti e muitos outros. Nesses encontros, eram discutidos os mais variados assuntos, onde (sic), muitas vezes, aconteciam verdadeiros debates sobre política, literatura, religião, etc.

Essas reuniões acontecidas na Livraria, chamadas de *Bacurais literários* por Dinoá, rememoravam um pouco do perfil dos *Gabinetes de leitura Sete de Setembro* e o *Grêmio Renascença* na década de 1920. Como lembra Nascimento (1997) o gabinete atraía a atenção dos moradores da cidade, que encontravam naquela casa um lugar propício para a leitura e troca de experiências literárias. Além disso, as reuniões realizadas naquela instituição também serviam para os sócios, através das palestras, demonstrassem seus conhecimentos acerca dos diversos temas. (NASCIMENTO, 1997, p.80) Tais círculos literários de cultura letrada citados privilegiavam a leitura, a escrita, os livros, essas conversas eram de diversificados assuntos; política, religião, urbanismo, saúde, educação, cultura e também alguns *mexericos* sobre personalidades de Campina Grande.

Através das conversas, diálogos culturais, ideais do moderno teciam novas tramas, rumos, sensibilidades e subjetividades do progresso e educabilidade. Na perspectiva de afugentar o atrasado, o tradicional, o iletrado e incentivar a instrução, o letramento, a escolaridade dava-se visibilidade e dizibilidade ao slogan *Faça do livro seu melhor amigo*, através das propagandas, dos meios de comunicação, sejam falado ou escrito, acreditava-se que a instrução e a leitura seriam as soluções para o desenvolvimento de Campina Grande, que existia um esqueleto iluminista

---

<sup>87</sup> O livreiro “Seu Pedrosa” na sua casa tinha uma biblioteca particular com mais de dez mil livros. Segundo Moacir Germano ao conhecer a biblioteca ficou maravilhado e empolgado com tantos livros. Parecia um caçador em meio a tantas presas “dando popa”.

que almejavam esse *projeto racionalizante com vistas ao progresso e civilização da cidade* (SOUSA, 2005, p.163).

Pensar sobre o exercício do ler traz à tona discussões que nos remetem lembrar de Larrosa (2004), já que para o autor a experiência da leitura é *se passar, se tocar pelo texto. É pensar a leitura como algo que nos forma*. O mesmo diz que *ler é devolver às palavras a inteligibilidade das palavras*, de que lhes é própria. É *problematizar o evidente para mostrar o poder que as palavras tem de criação*, é destituir as palavras de qualquer possibilidade de segmentação, de construção de uma identidade fixa. As leituras dadas na Livraria Pedrosa como já mostrada na pesquisa, era uma atividade criadora produtora de sentidos singulares, de significações... (CHARTIER, 1990). Sentidos de uma cidade conectada com a educação e o progresso, que talvez, questionando o evidente construído para Campina Grande, os letrados conseguissem derrubar identidades cristalizadas deixadas pelo arcabouço provinciano, atrasado e ignorante.

A intelectualidade campinense criou, pouco a pouco, suas marcas distintivas na gramática campinense. Elaborando uma constelação de referenciais aos que não são, nem tem possibilidade de ser, devido ao acesso ao estudo e também compromisso com as demais atividades de sustentabilidade. Essas marcas são desde a maneira de vestir-se, portar-se em sociedade, até os hábitos e costumes rotineiros. Campina Grande, assim como seu nome já fala por si só, sempre pretendia ser *grande*, uma cidade de destaque. No entanto, sua pretensão era destacar-se entre as demais cidades do interior através dos quesitos educacionais.

Uma comunidade de leitores na cidade seria um signo de civilidade ganhando outras linguagens e autoridades estabelecidas pelo progresso. Assim, as reuniões no *hall* da Livraria Pedrosa eram julgadas pelos moradores campinenses como uma das marcas distintivas dos demais, pois ali ficavam reunidos os homens importantes da elite letrada de Campina Grande, os homens das letras. Segundo o comentário do srº Geraldo Cassimiro<sup>88</sup>, morador da rua Santo Antônio, 125, soldado recrutado

---

<sup>88</sup> Entrevista concedida a autora na residência do Sr. Geraldo Cassimiro Albuquerque. Rua Santo Antônio, 125. Bairro Santo Antônio. Campina Grande- PB. Trabalhou no Lar do Garoto, local em que acolhia menores infratores administrado pela instituição católica sob as ordens do padre ....

pelo exército, não teve seus estudos completo, metade do ensino ginasial, devido as circunstâncias da vida não permitirem além de ter constituído família muito jovem. Observemos essas marcas que tais reuniões representava para os campinenses

Ahh... ali logo na entrada da livraria, ficava os homens importantes de Campina Grande, alguns sentados com jornais nas mãos, outros de pé. Eram advogados, engenheiros, médicos, jornalistas, políticos, todos bem vestidos, que diariamente iam para a Pedrosa conversar. Acho que já era uma rotina na vida deles, irem à Livraria.

Ao perguntar se o mesmo ia para tais reuniões, respondeu balançando a cabeça e de olhos fechados, com um longo não, que de forma afirmativa relatava

Nãoooooooooooo. Aquele local ali não era para mim. Ali ficavam os homens letrados, intelectuais de Campina Grande. Não tinha nível para está ali, nem iria me sentir a vontade porque não acompanhava as conversas, sei pouco ler e escrever (risos). Hoje é que eu procuro ler e aprender as coisas, naquela época não tinha tempo para isso. Era apenas o trabalho e o exército.

Não que a Livraria Pedrosa não permitisse a visitação de pessoas como Sr° Cassimiro, pelo contrário existem relatos que o livreiro doava livros para *jovens apaixonados pela leitura*, sem distinção e condições financeiras, mas o importante enfocar é que o próprio soldado não se sentia à vontade em ficar conversando junto aos outros, intelectuais. Os letrados construíam uma identidade para si em Campina Grande por meios das práticas e costumes cotidianos. Como lembra Certeau (1994) a utilização do livro por pessoas “privilegiadas” - os letrados - o estabelece como um segredo do qual somente eles são os “verdadeiros” intérpretes, inibindo talvez o passaporte de outros Cassimiros nas rodas de leituras. A leitura, nesse caso, se constitui enquanto um espaço de análises, de construções identitárias, uma prática que configura poder, que institui rostos. Formam corpos, espaços, sensibilidades. Conforme Larrosa, ao denominar o outro, constrói-se uma identidade para si.

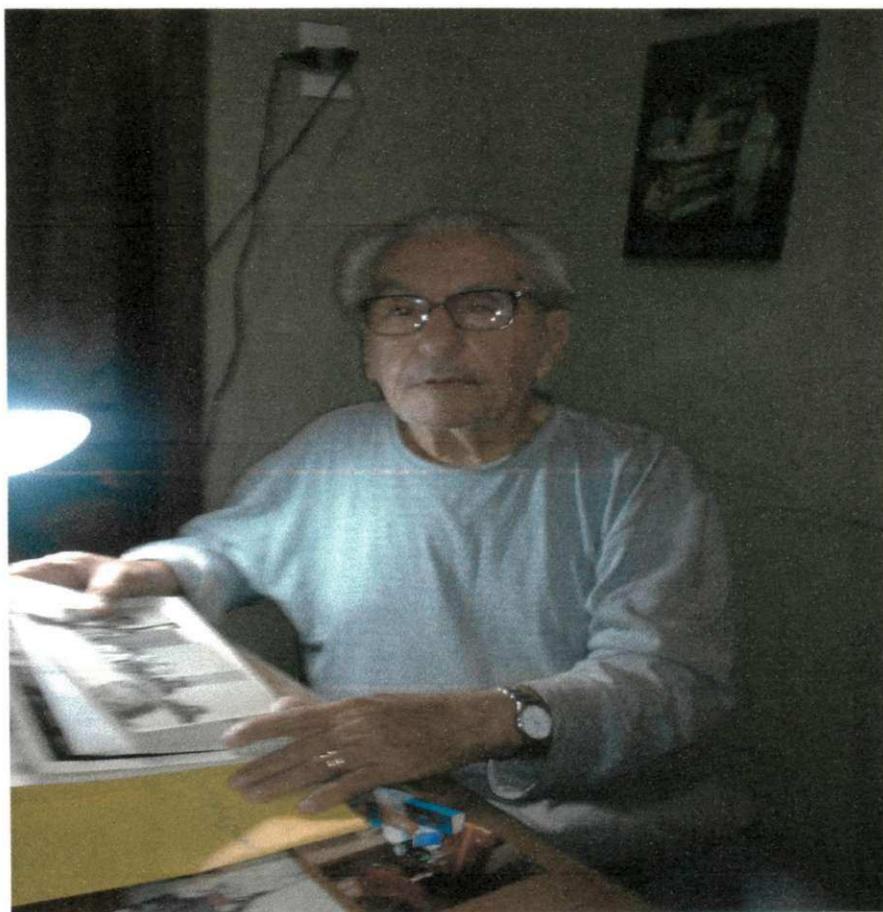
Talvez esse segredo estabelecido entre os livros e seus intérpretes fossem códigos operacionalizados por um discurso intelectualizado sem que houvesse legislações declaradas, somente silenciosa e corporal. No depoimento do soldado refletimos sobre o enquadramento do mesmo na sociedade, classificando- o como

um sujeito que pouco sabe ler e escrever quando comparado àqueles homens que frequentavam o *hall* da Pedrosa. Constrói uma identidade para si. Uma identidade de não letrado, de um trabalhador que toma o seu tempo para as atividades militares de um cabo, não se inserindo no espaço construído pelos letrados campinenses, julgando seu letramento insuficiente para participar das reuniões em torno da palavra, ou mesmo não permitindo se dar o desfrute do lazer elegante de ler praticados no Edifício do Livro.

Os “privilegiados”, como diz Certeau, capturam novos personagens através das leituras, dos textos que os tiram do lugar, que provocam, que agradam ou desagradam, que possibilitam alguma ideia ou deixam alguma indagação. Que os fazem pensar, questionar, sonhar por uma cidade conectada com as diretrizes da modernidade. Um moderno, letrado, educado, civilizado, destituído da arrogância e ignorância de um passado iletrado.

Esses homens, essa comunidade, esses leitores, escritores, pensadores, esses rostos que frequentavam as reuniões no ocaso do dia, no hall de entrada da livraria, nas décadas de 1950 e 1960 formaram conceitos, subjetividades através dos comportamentos, deixados para a historiografia campinense. Como um filme, o Edifício do Livro juntamente com os Tavares, os Lopes, os Brasileiros, os Cristino Pimentel, os Bezerra de Carvalho, os Ásforas, os Epitácio Soares, confeccionaram nos moradores da cidade hábitos e costumes de leitura antes não praticados. Um lazer desconhecido para muitos que se tornou apreciado e aprazível depois dos meios de circulação da cultura letrada da Livraria Pedrosa.

Por isso que conforme as fontes e os escritos nos jornais e nas revistas tiveram papéis facilitadores para a construção do capítulo, além disto, os depoimentos de antigos frequentadores da Livraria Pedrosa contribuíram para fazer uma leitura sensível das reuniões em torno da palavra, os livros e escrito, do espaço e da circulação de informações, das sociabilidades intelectuais praticadas na livraria.



**Foto 27** ; Seu João Pedrosa, irmão do livreiro, Seu Pedrosa. João Pedrosa, mora em sua casa na av Rio Branco e esquina com Índios Cariris, com filhos e enteadas. Foi meu facilitador nas pesquisas e também colaborar com o trabalho. As visitas foram muitas durante a pesquisa sempre ao cair da tarde, antes de ser servido o jantar, habitualmente às 17 horas. Acervo: Da autora

### 2.3- Últimas páginas

“Um país se faz com homens e livros”  
(Monteiro Lobato)<sup>89</sup>

“*Um país se faz com homens e livros*”. Mas, quais livros são capazes de fazer um país? E, afinal, o que é um livro? Monteiro Lobato no livro “América” faz suas considerações na sua viagem aos estados Unidos. E tornou-se um *slogan* a favor do livro e da leitura no Brasil. Bem como o slogan de senhor Pedrosa: “Faça do livro seu melhor amigo”.

Este trabalho dissertativo tem pretensões mais modestas do que aos questionamentos acima. Pois, para atingir os objetivos estabelecidos foi necessário repetirmos a importância de entender que para escrever uma história do livro e da leitura é necessário identificamos os usuários da cultura letrada. Nessa teia de relações, o comércio livresco e as estratégias se unem no processo de circulação e distribuição da leitura. Assim, pareceu importante destacar o papel do Livreiro José Pedrosa, um dos atores sociais e culturais responsáveis por mediar parte importante da formação de uma comunidade de leitores e de uma identidade letrada para Campina Grande.

A maior dificuldade encontrada de escrever uma história para a Livraria Pedrosa foi a falta de documentos relativos ao funcionamento da livraria, o que talvez foi positivo, fazendo-me optar por produzir a história da Livraria Pedrosa a uma história do macro, a da formação de uma comunidade e cidade letrada em Campina Grande. Outro fator também que dificultou foi que ninguém nunca havia escrito e estudado sobre a Livraria Pedrosa, apenas algumas homenagens concedida ao livreiro. Mas como historiadora isso me permitiu abrir caminhos para que outros pesquisadores possam se interessar pela história da leitura e do livro em Campina Grande, já que como observamos nas pesquisas é uma cidade que se destaca por haver uma procura pelo lazer elegante da leitura.

---

<sup>89</sup> LOBATO, Monteiro. *América*. São Paulo: Nacional, 1932. p.37, apud BRAGANÇA, Aníbal. Ler, escrever e contar. Ler-e-escrever. blogspot.com. Acessado em 17/04/2007.

Com os dois capítulos, a meu ver, complementares, a emergência de uma cidade letrada traz a tona as discussões referentes ao progresso e a identidade de uma cidade conectada com os ditames da modernidade que Campina Grande almejava atingir nos anos 1950 e 1960, e para isso lançavam estratégias para construir uma identidade civilizada, educada para os campinenses. Por fim, a formação de uma comunidade de leitores foi sendo trabalhada através de conterrâneos sendo fabricada uma cidade para letrados, uma cidade de letrados.

O fim da livraria Pedrosa foi muito triste, familiares e nem antigos clientes e frequentadores sabem apontar os motivos precisos que levaram a fechar a Livraria. Campina Grande uma cidade marcada pela história do livro e da leitura sofre consequências, atualmente, gravíssimas por não ter uma Livraria como a Pedrosa. Hoje, como historiadora, vejo como é triste conhecer a história da Livraria Pedrosa em Campina Grande e saber da inexistência de uma casa comercial de livros. Uma pena, os campinenses sofrem e falando por mim sinto envergonhada sabendo que Campina é considerada uma Cidade Universitária e não detém sequer de uma livraria.

Sobre o fim da Livraria Pedrosa, através das pesquisas faço uma leitura, que não houve na família Pedrosa quem desse continuidade aos negócios com os livros. Após o ano de 1994, ano de falecimento do livreiro, morre uma história do livro, morre um intermediador da cultura letrada campinense. Morre um amigo do livro.



EMPRESA DO LIVRO  
LIVRARIA PEDROSA

*Bons Festas*

*Inça do Ciro o seu melhor amigo*

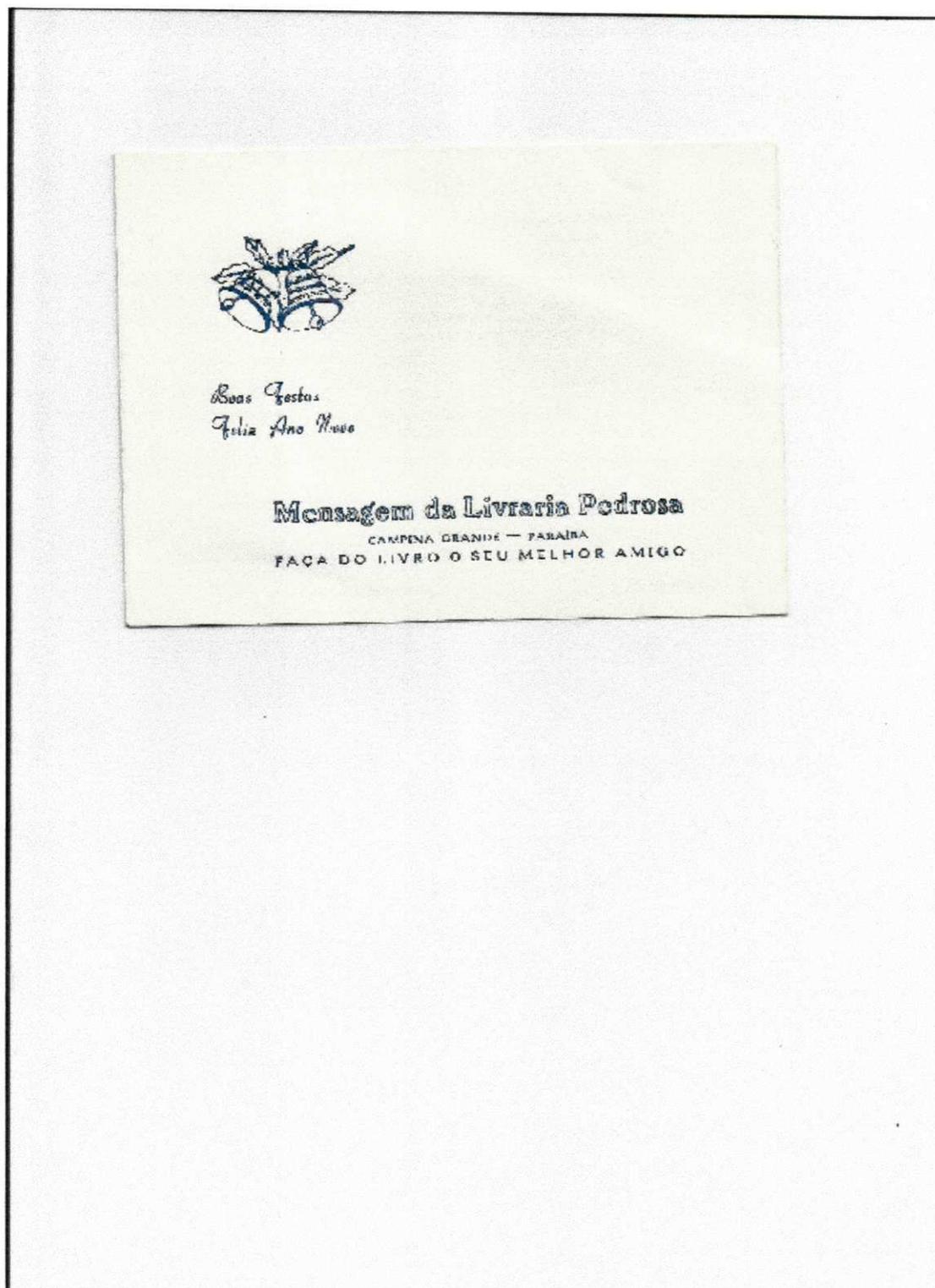


Foto 28 e 29: Cartão de Natal confeccionado pela Livraria Pedrosa para presentear seus frequentadores. Acervo: Família pedrosa

**Abreviaturas**

PPGH – Programa de Pós-Graduação de História

UFCG- Universidade Federal de Campina Grande

ICMS- IMPOSTO SOBRE CIRCULAÇÃO DE MERCADORIAS E PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

## Listas das fotografias

Foto1. Museu Histórico de Campina Grande.

Foto 2. Mapa de Campina Grande no início dos anos de 1960.Foto 3. Museu Histórico de Campina Grande.

Foto 3. Jornal Diário da Borborema.Foto 5: Jornal Diário da Borborema.

Foto 4: Rua Maciel Pinheiro anos 50.

Foto 5 e 6: Praça Epitácio Pessoa, Carros de aluguel, os antigos "Carros-de-Praça".

Foto 7: Encarte do programa de governo de Severino Cabral.

Foto 8: Nota no jornal de Campina, Março de 1953 referente à inauguração da Livraria Pedrosa.

Foto 9: Rua Maciel Pinheiro, 1950. Construção do Edifício do Livro.

Foto 10: Rua Maciel Pinheiro, 1955. Edifício do Livro.

Foto 11: Cartaz do filme Quo Vadis

Foto 12: Rua Marquez de Herval e Praça da Bandeira.

Foto 13: Interior da loja "4.400".

Foto 14 e 15: Colégio das Damas (Imaculada Conceição), em 1954.

Foto 16. Nilo Tavares e Seu pedrosa na Livraria Pedrosa.

Foto 17. Fotografia do livreiro "Seu Pedrosa" no Edifício do Livro, já idoso

Foto 20. Vitrine organizada para homenagear José Américo, com o livro A bagaceira

Foto 18 e 19. Depoimento de Félix Araújo e Plínio Lemos deixado no caderno de registros no dia da Inauguração da Livraria Pedrosa.

Foto 20: Galeria do coração e da saudade

Foto 21. Uma visão de como era a organização das molduras no espaço interno do Edifício do Livro,de portas fechadas

Foto 22. A professora Leônia Leão.

Foto 23. Fotografia do hall de entrada da Livraria Pedrosa, com as cadeiras cativas em 1970.

Foto 24. Dia de lançamento no Edifício do Livro.

Foto 25. Eneida Maracajá 2011

Foto 26. Capa do livro Mistério do Encontro de autoria de Wladimir Lindenberg. Edição de1962

Foto 27. Seu João Pedrosa, irmão do livreiro.

Foto 28 e 29: Cartão de Natal confeccionado pela Livraria Pedrosa para presentear seus frequentadores.

## Referências

AGRA DO Ó, Alarcon. **Da cidade de pedra à cidade de papel: projetos de educação, projetos de cidades** Campina Grande (1959). Campina grande: EDUFCG, 2006

AGRA, G. F. Construindo uma cidade para forasteiro ver. In: **A urbs doente medicada: A higiene na construção de Campina G(g)rande 1877-1935**. Campina Grande, 2006. p.48

ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**. Campina Grande, 1962

ALMEIDA, José américo de. Em louvor da inteligência. **Revista Campinense de Cultura**. Março de 1965, nº 3, ano II. Edições da Comissão Cultural do Município. Prefeitura Municipal de Campina Grande – PB.

BARBOSA, R. L. Leite. Práticas de leituras, história de vida e representações sociais. In: SOUZA, Elizeu C. de. (org). **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre/ Salvador: EDUNEB e EDIPUCRS, 2006. P.333-349.

BRESCIANE, Stella, **Em Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. 4ª edição. São Paulo. Brasiliense. 1987

BROCA, Brito. O Mito das Cidades. In: **Horas de Leitura**. RJ: INL, 1957.

CÂMARA, Epaminondas. **Os alicerces de Campina Grande: esboço Histórico-social do povoado e da vila (1697-1864)**. Campina Grande, PB. Prefeitura Municipal. Ed. Caravela. 1999

CHARTIER, Roger. As práticas de leitura. In: ARIÈS, Philippe, DUBY, Georges (orgs). **História da vida privada: da renascença ao Século das luzes**. São Paulo: Companhia das letras, 2001, v 3, p. 113-162.

\_\_\_\_\_. 1996. "L'homme de lettres", em VOVELLE, Michel (org). L'homme de lumières. Paris, Seuil, apud VENÂNCIO, Giselle. **Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna**, In: Estudos Históricas, Rio de Janeiro, n. 28, 2001. p. 05.

\_\_\_\_\_. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 245

\_\_\_\_\_. O Mundo como representação. In: **Revista das revistas**. 1991.

\_\_\_\_\_. O texto e o tecido. In: **Inscrever e Apagar**. São Paulo, editora UNESP, 2007. P. 205-249.

\_\_\_\_\_. Textos impressos, leituras. In: **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. De Maria Manuela Garlhado. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

COSTA, Fernanda Pires da. **As vestes da Rainha: as leituras e escrituras da "civilizada" Campina (1950-1960)**,2009. Monografia (Curso de licenciatura em História) – Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

DARNTON, Robert. História da leitura. IN: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p.199-236

DINÓIA, Ronaldo. **Memórias de Campina Grande**. 1993. Segundo volume.

FREYRE, Gilberto. **Modos de homem & modas de mulher**. 3ª ed., São Paulo: Record, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: História da violência nas prisões**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. A palmatória era a sua vara de condão: práticas escolares na Paraíba (1890-1920). In: FILHO, Luciano M. de F. (org) **Modos de ler e formas de escrever**. Belo Horizonte: autêntica 1988, p 117-140.

GERMANO, Moacir. Pedrosa, o livreiro que ficou para a história. In: **Revista da Academia de Letras de Campina Grande**, ano xxvii, n 6 outubro de 2008.

\_\_\_\_\_. O resgate de uma pérola. In: PIMENTEL, Cristino. **Mais um mergulho da história campinense**. Campina Grande, Edições Caravela, 2001.

GUTEMBERG, Fabio. Campina Grande: Cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930-1945) In **Revista Brasileira de História**. Vol. 03,2001. n° 46. P. 61-92

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A editora,2006.

LARROSA, Jorge. Ensaios pedagógicos. In. \_\_\_\_\_ **Linguagem e Educação depois de Babel**. Trad. Cyntia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 15-62

\_\_\_\_\_. Ler em direção ao desconhecido. Para além da hermenêutica. In: **Nietzsche e a Educação**. 2002 p. 13-46

\_\_\_\_\_. Dar a ler... talvez. In: **Linguagem e Educação depois de Babel**. Trad. Cyntia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOBATO, Monteiro. **América**. São Paulo: Nacional, 1932. p.37, apud BRAGANÇA, Aníbal. Ler, escrever e contar. Ler-e-escrever. blogspot.com. Acessado em 17/04/2007.

MEDEIROS NETA, Olívia Morais de. **Cidade e sociabilidades** (Príncipe, Rio Grande do Norte – século XIX). Natal, RN, 2011.(Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

MELLO, José Octávio de Arruda. Estado, Crise Social, Partidos e involução econômica na Paraíba de 1930 a 1990. In: **História da Paraíba: lutas e resistências** 3ª ed. João Pessoa: editora universitária. UFPB, 1995

MIGNOT, Ana Chrystina v. Antes da escrita: uma papelaria na produção e circulação de cadernos escolares. In: MIGNOT, ana chrystina v. et.al **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2008. p.69-90

NASCIMENTO, Regina C. G. **Disciplina e espaços: construindo a modernidade em Campina Grande no início do século XX**. Dissertação (Mestrado em História) Recife, 1997 Dissertação de mestrado em história da UFPE

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Façamos a família à nossa imagem: A Construção de conceitos de família no Recife moderno (décadas de 20 e 30)**. Recife, 2002. 348p. (tese de doutoramento). Universidade Federal de Pernambuco, Curso de Pós-Graduação em História, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

\_\_\_\_\_. **Espaços de Leitura: os livros didáticos como formadores de novas sensibilidades**. Cadernos de Pesquisa - Pensamento Educacional, v. 3, p. 97-108, 2009

OHARA, J. R. M.; JOANILHO, A. L. A Leitura Além do Texto: as práticas de leitura como marcas de distinção social. In: **SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS**, 7, 2008, Londrina. Anais do VII Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas. Londrina: EdUEL, 2008.

PEREIRA, Nilo. O médico e a cultura geral. In: **Revista Campinense de Cultura**. Ano II. Nº 5. Campina Grande, 1965. Edições da Comissão Cultural do Município. p. 57

PIMENTEL, Cristino. **Mais um mergulho da história campinense**. Campina Grande, Edições Caravela, 2001, p. 132.

RIBEIRO, Hortênsio Souza. "Gabinete de Leitura 7 de setembro". In: **Vultos e fatos**. p.53

QUEIROZ, Marcus Vinicius Dantas de. **Quem te vê não te conhece mais: Arquitetura e cidade de campina grande em transformação (1930-1950)**. São Carlos, 2008. (Dissertação de Mestrado). Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, Curso de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e área de concentração teoria e história da arquitetura e urbanismo.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SANTOS, Maria Lygia C. K. **Entre louças, pianos, livros, e impressos: A casa livro Azul – 1876 – 1958**. Campinas, 2004. (dissertação de mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

SANTOS, Wagner Germiniano. **Enredado Campina Grande nas teias da cultura:(des)inventando festas e (in)ventando a cidade (1965-2002)**. Recife, 2008. Dissertação (Mestrado em História) Recife, 2008. Dissertação de mestrado em história da UFPE.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e Diferença: a perspectivas dos estudos culturais**. Traduções Tomaz Tadeu da Silva. 2ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

SOUSA, Fábio Gutemberg R. B. de. Cristino Pimentel: Cidades e civilização em crônicas. In: AGRA DO Ó et al. **A Paraíba no Império e na República: estudos de história social e cultural**. João Pessoa: Ideia, 2003, p.p 133-184.

\_\_\_\_\_. Campina Grande: Cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930-1945) In **Revista Brasileira de História**. Vol. 03, nº 46.

STALLYBRASS, Peter. A vida social das coisas: roupas, memória, dor. In: \_\_\_\_\_. **O casaco de Marx: roupas, memória e dor**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. P. 9-13.

TAVARES, Clotilde. Boca da noite. In: **Coração Paraybano: Crônica, literatura e memória**. Linha D'água, Joao Pessoa – PB, 2008.

TRILLA, Jaume. Un marc teòric: la idea de ciutat educadora. In: TRILLA, Jaume et al. **Les ciutats que s'eduquen**. Barcelona: Diputació de Barcelona, 1999. p.13-51.

VEIGA, Cynthia Greive. Projetos urbanos e projetos escolares: aproximação na produção de representações de educação em fins do século XIX. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 26, p. 103-112, dez. 1997.

VELHO, Gilberto. Estilo de vida urbano e modernidade. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 227-234, 1995.

**Revista Campinense de Cultura**, Campina Grande, anos: 1964 a 1966.

**Diário da Borborema**, edições de: 03/03/1959, 29/01/1959, 07/03/1959

**Jornal O Rebate**, edição de: 04/10/1957

**Revista da Academia de Letras de Campina Grande**, Campina Grande, ano 2008